

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO NORTE FLUMINENSE DARCY RIBEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS DO HOMEM
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA POLÍTICA

DISSERTAÇÃO

FERNANDA GONÇALVES SHEL

DO VIRTUAL AO REAL:
AS INTERAÇÕES DOS GRUPOS DE RADICALIZAÇÃO ONLINE
COM OS ATAQUES EM ESCOLAS NO BRASIL

FERNANDA GONÇALVES STHEL

**DO VIRTUAL AO REAL:
AS INTERAÇÕES DOS GRUPOS DE RADICALIZAÇÃO ONLINE COM OS
ATAQUES EM ESCOLAS NO BRASIL**

Dissertação de mestrado apresentado ao Centro de Ciências do Homem da Universidade Estadual do Norte Fluminense como requisito para obtenção do título de Mestre em Sociologia Política.

Orientadora: Luciane Soares da Silva

Campos dos Goytacazes

2025

FICHA CATALOGRÁFICA

UENF - Bibliotecas

Elaborada com os dados fornecidos pela autora.

S853

Sthel, Fernanda Gonçalves.

DO VIRTUAL AO REAL : AS INTERAÇÕES DOS GRUPOS DE RADICALIZAÇÃO ONLINE COM OS ATAQUES EM ESCOLAS NO BRASIL / Fernanda Gonçalves Sthel. - Campos dos Goytacazes, RJ, 2025.

155 f. : il.
Inclui bibliografia.

Dissertação (Mestrado em Sociologia Política) - Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Centro de Ciências do Homem, 2025.
Orientadora: Luciane Soares da Silva.

1. Ataques em escolas. 2. Redes sociais. 3. Radicalização online. 4. Extremismo. I. Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro. II. Título.

CDD - 320

FERNANDA GONÇALVES SHEL

**DO VIRTUAL AO REAL:
AS INTERAÇÕES DOS GRUPOS DE RADICALIZAÇÃO ONLINE COM OS
ATAQUES EM ESCOLAS NO BRASIL**

Dissertação de mestrado apresentado ao Centro de Ciências do Homem da Universidade Estadual do Norte Fluminense como requisito para obtenção do título de Mestre em Sociologia Política.

Aprovado em: 18/02/2025

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 **LUCIANE SOARES DA SILVA**
Data: 23/04/2025 18:22:33-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dra. Luciane Soares da Silva - (Sociologia Política - UENF) - Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro – UENF (Presidente)

Documento assinado digitalmente
 **DAVID MACIEL DE MELLO NETO**
Data: 24/04/2025 11:52:31-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. David Maciel de Mello Neto - (Sociologia Política - UENF) - Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro – UENF

Documento assinado digitalmente
 **ROSIMERI AQUINO DA SILVA**
Data: 24/04/2025 22:14:42-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dra. Rosimeri Aquino da Silva - Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS

ASSINADO DIGITALMENTE
TIAGO ABUD DA FONSECA
A conformidade com a assinatura pode ser verificada em:
<http://serpro.gov.br/assinador-digital> 

Prof. Dr. Tiago Abud da Fonseca - Institutos Superiores de Ensino do Censa - ISECENSA

Campos dos Goytacazes - RJ
2025

Aos meus pais, que sempre acreditaram em meu potencial e me incentivaram a seguir meus sonhos. Lembro com carinho das nossas conversas e dos seus conselhos que me guiaram até aqui. Esta conquista é nossa.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha orientadora Luciane Soares, pelos créditos depositados a mim, pela orientação e por acreditar nesse trabalho, e ao bom relacionamento que tivemos durante ao decorrer dessa pesquisa.

Aos meus pais, por sempre acreditarem em mim e apoiarem meus sonhos. A minha mãe por todo apoio, amor e paciência na minha educação. Ao meu pai por esses anos que compartilhamos juntos durante a minha graduação e mestrado, por me incentivar e por toda dedicação e carinho cotidianos. A minha vó pelo amor e ótima convivência nos anos que morei no Rio de Janeiro. A minha madrinha Graça pelo carinho e por sempre me receber de braços abertos. A minha companheira por todo apoio, amor, paciência e pelos momentos incríveis.

Agradeço a todos os professores do PPGSP pela minha formação, pelas trocas e ensinamentos em sala de aula, que foram de fato valiosos.

Ao NUC pelo acolhimento, pelas trocas e debates que acrescentaram muito na minha formação e neste trabalho.

Aos funcionários da UENF, que mantém a universidade funcionando todos os dias, em especial a secretária do PPGSP Neila e ao coordenador David pela dedicação e atenção nos atendimentos.

Aos meus colegas do curso, pela boa convivência e amizade dentro e fora da universidade.

Ao Secretário de Planejamento do Espírito Santo Álvaro Duboc, que me recebeu em seu gabinete com toda a hospitalidade, abriu as portas para entrevistas e me possibilitou conhecer em primeira mão o importante Plano Estadual de Segurança Escolar do ES. Ao Subsecretário de Segurança Pública do ES, que me recebeu com cordialidade, me informou sobre as políticas públicas e me presenteou com o Plano original impresso.

A população brasileira e em especial a população do Estado do Rio de Janeiro que financiou e proporcionou toda a minha formação, a CAPES por 1 ano de bolsa no mestrado, e a FAPERJ pela confiança e reconhecimento de me pleitearem com a Bolsa Nota 10 durante o último ano de curso de mestrado.

As vítimas dos ataques nas escolas, que não serão esquecidas. E que nenhuma pessoa precise passar por essa violência novamente.

“A escuridão não pode expulsar a escuridão,
apenas a luz pode fazer isso. O ódio não pode
expulsar o ódio, só o amor pode fazer isso.” –
Martin Luther King

RESUMO

O problema dos ataques em escolas é amplamente discutido nos Estados Unidos, sendo o caso mais famoso o massacre de Columbine em 1999, no qual dois alunos assassinaram colegas antes de se suicidarem. No Brasil, o primeiro ataque ocorreu em 2002 em Salvador, mas os casos que tiveram maior visibilidade e mais óbitos ocorreram no bairro de Realengo, na cidade do Rio de Janeiro, no ano de 2011 e em Suzano, São Paulo, no ano de 2019. Nos anos de 2022 e 2023 houve um aumento notável dos casos, o número total de ataques no Brasil é de 39 casos, sendo 60% destes ocorridos nos últimos 3 anos. No ano de 2022 ocorreu um trágico atentado em uma escola em Aracruz no Espírito Santo, deixando 4 mortos e 13 feridos. O último caso ocorreu em outubro de 2024, em Heliópolis, no interior do Estado da Bahia. Em que um jovem de 15 anos assassinou 3 colegas com arma de fogo e após suicidou-se. Os eventos, muitas vezes perpetrados por alunos ou ex-alunos, refletem os desafios do país em segurança pública e acesso a serviços de saúde mental, além das questões sociais como violência urbana e desigualdade econômica. Grupos online extremistas têm sido associados a esses ataques, utilizando plataformas como o Discord para disseminar conteúdo violento e recrutar membros. O objetivo da pesquisa foi analisar as interações entre os grupos de radicalização online e os ataques em escolas. Foram realizados 4 estudos de caso que ocorreram no Brasil, os quais apresentavam padrões e regularidades (DURKHEIM, 2019). Coletas de conteúdos na rede social TikTok que demonstram a forma de cooptação dos grupos de radicalização. Aplicando também um questionário online com usuários frequentes da internet, acerca do acesso a conteúdos violentos. Por fim, foram realizadas 5 entrevistas com agentes da justiça para obter informações sobre os casos do ponto de vista policial. E 4 entrevistas com diretoras escolares, e 1 com um conselheiro pedagógico, com o objetivo de entender as dinâmicas das relações sociais no ambiente escolar. Portanto, os resultados demonstraram a correlação entre os atentados escolares e os grupos extremistas online, que participaram dos crimes nos aspectos de influência, encorajamento, compartilhamento de materiais violentos e manuais de como executar massacres.

Palavras-chave: Ataques em escolas. Redes sociais. Radicalização online. Extremismo.

ABSTRACT

The problem of school shootings is widely discussed in the United States, the most famous case being the Columbine massacre in 1999, in which two students murdered classmates before committing suicide. In Brazil, the first attack occurred in 2002 in Salvador, but the most visible cases and the most deaths occurred in the Realengo neighborhood of Rio de Janeiro in 2011 and in Suzano, São Paulo, in 2019. In 2022 and 2023 there was a notable increase in cases, the total number of attacks in Brazil is 39 cases, with 60% of these occurring in the last 3 years. In 2022, a tragic attack occurred at a school in Aracruz, Espírito Santo, leaving 4 dead and 13 injured. The last case occurred in October 2024, in Heliópolis, in the interior of the state of Bahia. In which a 15-year-old boy murdered 3 classmates with a firearm and then committed suicide. The events, often perpetrated by students or former students, reflect the country's challenges in public safety and access to mental health services, in addition to social issues such as urban violence and economic inequality. Extremist online groups have been associated with these attacks, using platforms such as Discord to disseminate violent content and recruit members. The objective of the research was to analyze the interactions between online radicalization groups and school shootings. Four case studies that occurred in Brazil were carried out, which presented patterns and regularities (DURKHEIM, 2019). Content collections on the social media TikTok that demonstrate the way radicalization groups are co-opted. An online questionnaire was also applied to frequent internet users about access to violent content. Finally, five interviews were conducted with law enforcement agents to obtain information about the cases from the police's point of view. And 4 interviews with school principals, and 1 with a pedagogical counselor, with the aim of understanding social relations in the school environment. Therefore, the results demonstrated the correlation between school attacks and online extremist groups, which participated in the crimes in the aspects of influence, encouragement, sharing violent materials and manuals on how to carry out massacres.

Keywords: School Shootings. Social media. Online radicalization. Extremismo

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURAS

Figura 1 - Manchete do Atentado de Realengo-RJ.....	29
Figura 2 - Manchete do Atentado de Suzano - SP	30
Figura 3 - Manchete do atentado de Aracruz- ES	30
Figura 4 - Logo do Discord	53
Figura 5 - Imagem do autor do ataque de Suzano -SP.....	64
Figura 6 - Imagem do autor do atentado de Barreiras - BA.....	66
Figura 7 - Imagem do autor do ataque de Aracruz -ES.....	67
Figura 8 - Parte 1 da conversa do atirador no Discord.....	69
Figura 9 - Parte 2 da conversa do atirador no Discord.....	69
Figura 10 - Convite para subcomunidade, 2023.....	75
Figura 11 - Convite para subcomunidade, 2023.....	75
Figura 12 - Convite para subcomunidade, 2023.....	75
Figura 13 - Convite para subcomunidade, 2023.....	75
Figura 14 - Convite para subcomunidade, 2023.....	75
Figura 15 - Convite para subcomunidade, 2023.....	75
Figura 16 - Convite para subcomunidade, 2023.....	76
Figura 17 - Convite para subcomunidade, 2023.....	76
Figura 18 - Convite para subcomunidade, 2023.....	76
Figura 19 - Convite para subcomunidade, 2023.....	76
Figura 20 - Convite para subcomunidade, 2024.....	76
Figura 21 - Convite para subcomunidade, 2024.....	76
Figura 22 - Convite para subcomunidade, 2024.....	77
Figura 23 - Convite para subcomunidade, 2024.....	77
Figura 24 - Convite para subcomunidade, 2024.....	77
Figura 25 - Convite para subcomunidade, 2024.....	77
Figura 26 - Convite para subcomunidade, 2024.....	77
Figura 27 - Convite para subcomunidade, 2024.....	77
Figura 28 - Comentários sobre o que interessa no grupo, 2023.....	78
Figura 29 - Conversa sobre um crime real na TCC, 2023.....	78
Figura 30 - Comentários sobre o que tem no grupo, 2023.....	78
Figura 31 - Comentários idolatrando o assassino de Realengo, 2023.....	78
Figura 32 - Comentário de um ex membro sobre o que tinha no grupo, 2024.....	78
Figura 33 - Comentários idolatrando o assassino da escola de Suzano, 2024.....	78
Figura 34 - Comentários sobre o que viram no servidor, 2024.....	79
Figura 35 - Comentários sobre quem participa, 2024.....	79
Figura 36 - Relato sobre o que viu no servidor parte 1, 2024.....	79
Figura 37 - Relato sobre o que viu no servidor parte 2, 2024.....	79
Figura 38 - Relato de um ex moderador, 2024.....	79
Figura 39 - Comentários sobre o que tem no servidor, 2024.....	79
Figura 40 - Comentários sobre o que tem no servidor, 2024.....	80
Figura 41 - Comentários sobre o que tem no servidor, 2024.....	80
Figura 42 - Relato sobre o que aconteceu no servidor, 2024.....	80
Figura 43 - Comentários sobre hackear dados, 2024.....	80
Figura 44 - Comentários sobre o servidor, 2024.....	80
Figura 45 - Comentários sobre o servidor, 2024.....	80

GRÁFICOS

Gráfico 1 - Quantidade de ataques por ano	31
Gráfico 2 - Quantidade de ataques e vítimas fatais por Estado	33
Gráfico 3 - Você já encontrou algum conteúdo violento nas redes sociais?.....	86
Gráfico 4 - Você já se deparou com algum conteúdo violento sobre massacres em escolas?.....	87
Gráfico 5 - Quanto tempo você passa usando a internet? 88	
Gráfico 6 - Na sua opinião o ódio na internet pode contribuir para o acontecimento desses ataques?.....	89
Gráfico 7 - Você acha que a internet deve ser completamente livre ou haver regulamentações para conteúdos de ódio?.....	90

TABELAS

Tabela 1 - Quantidade de vítimas por arma utilizada (Exceto suicídio dos autores) ...	32
Tabela 2 - Categorias dos grupos extremistas do Discord.....	55

ORGANOGRAMAS

Organograma 1 – Hierarquia dos grupos de radicalização do Discord.....	57
--	----

SUMÁRIO

RESUMO	7
ABSTRACT	8
LISTA DE ILUSTRAÇÕES	9
INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 1: O ESTUDO DA VIOLÊNCIA	13
1.1 Sociologia do Crime	13
1.2 Violência e Juventude	18
1.3 Bullying, Cyberbullying e Escola	22
1.4 Ataques nas Escolas: Brasil e Estados Unidos	24
CAPÍTULO 2: O IMPACTO DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS	36
2.1 O Desenvolvimento da Internet	36
2.2 Como as Redes Sociais Foram Moldadas	39
2.3 Jogos Eletrônicos e os Problemas da Comunidade Gamer	48
2.4 Os Grupos de Radicalização do Discord	52
CAPÍTULO 3 UM ESTUDO DOS ATAQUES NAS ESCOLAS	60
3.1 Abordagem metodológica	60
3.2 Por Dentro de Alguns dos Atentados Escolares	62
3.3 O Suicídio em Durkheim Para Entender os Ataques	70
3.4 Coleta de Conteúdos em Redes Sociais	73
3.5 Arendt e a Banalização da violência nas Plataformas Digitais	83
CAPÍTULO 4 PERCEPÇÕES ACERCA DA VIOLÊNCIA NAS REDES SOCIAIS E NAS ESCOLAS	85
4.1 Questionários com Comunidades Online	85
4.2 O Conceito de Indústria Cultural na Divulgação de Conteúdos Violentos .	92
4.3 Entrevistas com Agentes da Segurança Pública	95
4.4 Entrevistas com Diretoras Escolares	107
4.5 Estratégias e Soluções para a Prevenção dos Ataques nas Escolas	118
CONSIDERAÇÕES FINAIS	123
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	130

INTRODUÇÃO

Os ataques em escolas, também denominados de massacres, constituem eventos de violência complexos, envolvendo, na maioria dos casos, jovens do sexo masculino, alunos ou ex-alunos, que planejam e executam ações violentas dentro de instituições de ensino. Geralmente utilizando armas de fogo ou brancas. As motivações dos crimes podem ser multifatoriais, envolvendo uma busca por alvos específicos ou simbólicos, demonstração de poder e em alguns casos, percepções distorcidas de reparação de honra (BRASILEIRO, 2024). Os atentados são mais frequentes nos Estados Unidos, o país norte americano apresentou 83 ocorrências apenas no ano de 2024 (YEUNG, 2024). Mas a partir de 2022 o Brasil passou a apresentar um crescimento no número de casos.

O aumento da incidência de ataques em escolas no Brasil tem gerado preocupação e debate em todo o país. Nos anos de 2022 e 2023 o número de ataques ultrapassaram o total registrado em 20 anos, acumulando aproximadamente 60% dos casos. De 2001 até outubro de 2024 foram registrados 39 casos sendo 10 em 2022, 11 em 2023 e 2 em 2024. Estes acontecimentos podem ser motivados por uma variedade de fatores, incluindo problemas de saúde mental, bullying, exclusão social, acesso fácil a armas de fogo, radicalização online, entre outros. Muitas vezes os agressores são alunos ou ex-alunos das próprias escolas, o que tornam esses eventos ainda mais complexos. Esses episódios desencadearam uma série de discussões sobre medidas de prevenção, como segurança nas escolas, conscientização de saúde mental, regulamentação da internet e acesso a armas de fogo.

Dentre os envolvimento, existem grupos online apontados pela polícia como suspeitos. Segundo Michele Prado (2023) na Nota Técnica do Monitor do Debate Político no Meio Digital da USP, existe uma subcultura online que idolatra atos de violência extrema onde compartilham-se conteúdos de extrema direita, misoginia, racismo, neonazismo e supremacia branca. Bem como o incentivo a automutilação, suicídio, violência contra animais, e claro, ataques às escolas. E esses grupos possuem influência e participação em alguns dos ataques, já que estão envolvidos em outros crimes, havendo jovens presos e grupos descontinuados pela Polícia Federal no ano de 2023. De acordo com Michele Prado (2023) “as subculturas online extremistas tangenciais são portas de entrada para a radicalização dos jovens que realizam ataques” (2023, p. 2). Existem diversas possíveis causas para este aumento que se relacionam entre si, mas o objetivo desta dissertação é focar nos grupos de radicalização online que tenham interações com os casos.

Normalmente só se encontrava este tipo de conteúdo na parte obscura da internet. A Deep web é um submundo da internet que não é acessível através de mecanismos de busca convencionais, diferente da web superficial onde os sites são indexados e podem ser facilmente encontrados. Já a Dark Web é uma parte da Deep Web que é intencionalmente oculta e acessada usando software de anonimato. Nesse ambiente de liberdade e dificuldade de rastreamento existem fóruns online anônimos, chamados de chans (Araújo e Júnior, 2023, p.7). É onde existe o compartilhamento de conteúdo violento e ideologias distorcidas, ocorrem atividades ilegais como tráfico de drogas, venda de armas, serviços de *hacking*, entre outros. Porém atualmente as redes sociais e aplicativos abertos de fácil acesso também podem conter conteúdos extremos.

A tecnologia da informação tem apresentado um crescimento vertiginoso e vem impactando diretamente as relações sociais. O ambiente das redes sociais e dos jogos são uma vertente que possui milhões de usuários, portanto é importante que se estude criteriosamente na sociologia os frutos e problemas desse setor. O objetivo geral foi compreender como a escola enquanto um ambiente de socialização e aprendizado se torna um alvo tão específico e o que leva os autores a cometerem esses atos. Verificar principalmente qual a relação entre esses grupos de conteúdo violento e o aumento dos ataques em escolas no Brasil, e como essas interações podem resultar em comportamentos na vida real. Através de um mapeamento dos casos e do que se tem produzido sobre o tema, discussões da sociologia digital e seus usos, uma bibliografia sociológica com autores como Durkheim com o Suicídio, Adorno com a Indústria Cultural e Arendt sobre a banalidade do mal, Foucault sobre adestramento de corpos e alguns autores que estudam redes sociais e cultura online como Abel Reis, Ivan Mussa e Max Fischer. Utilizando de recursos metodológicos qualitativos como entrevistas, questionários e análises documentais.

No primeiro capítulo será discutida a violência em uma perspectiva sociológica, abordando sobre crime, juventude e fenômenos como bullying e ataques em escolas. A Sociologia do Crime será abordada utilizando as teorias de Durkheim, Merton e Sutherland. A relação entre violência e juventude será analisada a partir da Escola de Chicago, através da Teoria da Desorganização Social, que demonstra como ambientes com baixa coesão social pode influenciar a criminalidade em jovens, incluindo a dinâmica de grupos criminosos e subculturas delinquentes. O bullying, incluindo o cyberbullying, será destacado como forma recorrente de violência na juventude. Por fim, o capítulo abordará o aumento de ataques em escolas no Brasil, considerando fatores como o efeito contágio, discursos de ódio na internet, subculturas extremistas e o uso de armas de fogo.

O segundo capítulo aborda o impacto das tecnologias digitais na sociedade, discutindo principalmente as redes sociais e os jogos eletrônicos. Discutindo os impactos negativos das redes sociais, como a propagação de discursos de ódio e Fake News, e o conceito de capitalismo de vigilância. Que faz com que conteúdos prejudiciais sejam disseminados, sem proteção a menores de idade, que estão expostos a múltiplas situações de risco. A influência da extrema direita na internet, a necessidade de regulamentação das plataformas e o debate em torno do PL das Fake News são abordados. O desenvolvimento dos jogos eletrônicos, desde os arcades até os jogos online, juntamente com questões de representatividade, discriminação e a influência de grupos extremistas nesse meio. O capítulo apresenta o aplicativo Discord e sua dinâmica, sobre radicalização online e a importância da Sociologia Digital para compreender esses fenômenos.

O terceiro capítulo apresenta um estudo detalhado sobre os ataques escolares no Brasil, com foco nas interações entre subculturas online extremistas e esses eventos violentos. Analisando como discursos radicais disseminados em plataformas digitais, como TikTok e Discord, pode influenciar atitudes e comportamentos violentos, atrelados a fatores como bullying, isolamento social e problemas psicológicos. Serão discutidos os detalhes de 4 casos, os massacres de Suzano, Barreiras, Aracruz e Sapopemba. Os quais foram percebidos padrões comuns entre os perpetradores, como envolvimento em grupos extremistas e a idolatria de ideologias violentas. Além disso, o capítulo reflete sobre a banalização da violência no ambiente digital, utilizando o conceito de “banalidade do mal” de Hannah Arendt para contextualizar como esses atos se normalizam entre jovens radicalizados. Por fim, discute o papel das escolas como alvos simbólicos e as dinâmicas sociais que intensificam a violência nesse contexto.

O quarto capítulo apresenta os resultados de um questionário online realizado com 103 usuários frequentes de diversas redes sociais, como Facebook, Twitter (X) e Instagram. A pesquisa revelou a facilidade de se encontrar conteúdo violento na internet, incluindo discursos de ódio e incitação à violência. Mostrando que 71% dos participantes se depararam com esse tipo de conteúdo. Também serão apresentadas 10 entrevistas semiestruturadas com profissionais da segurança pública e diretoras escolares, buscando compreender o impacto do conteúdo online em crimes e no comportamento dos alunos, além das estratégias de prevenção à violência no ambiente escolar. Os entrevistados compartilharam perspectivas importantes sobre casos concretos, como atentados que conseguiram ser evitados, o aumento de casos de bullying relacionados a discursos de ódio online, e dinâmicas comportamentais observadas no ambiente escolar, como a reprodução de comportamentos violentos vistos na internet.

CAPÍTULO 1: O ESTUDO DA VIOLÊNCIA

1.1 Sociologia do Crime

Este capítulo irá abordar o estudo da violência, explorando as bases teóricas e sociológicas do crime, juventude e características relacionadas, como bullying e ataques em escolas. A Sociologia do Crime será fundamentada nas teorias de Durkheim, Merton e Sutherland. No segmento sobre violência e juventude as teorias da Escola de Chicago, como a Teoria da Desorganização Social, mostram como ambientes marcados por baixa coesão social podem predispor jovens à criminalidade, pensando também nas dinâmicas de pertencimento e aderência a grupos criminosos. A análise se estende às subculturas delinquentes e à influência de grupos nos valores e comportamentos juvenis. O papel da internet e das redes sociais surge como um esforço contemporâneo, intensificando frustrações e promovendo validação social ou envolvimento em práticas desviantes. O bullying, incluindo sua vertente digital (cyberbullying), destaca-se como forma de violência recorrente entre jovens, com impactos emocionais e sociais. Também é discutido o aumento de ataques em escolas no Brasil, destacando fatores como o efeito contágio, discursos de ódio em comunidades online e o uso de armas de fogo. O capítulo busca dar ênfase ao papel das subculturas extremistas e da desinformação digital na formação de ideologias violentas.

A sociologia do crime iniciou-se a partir das contribuições de Durkheim, que introduziu o conceito de crime como um fato social normal, em um período em que os crimes eram associados às patologias (OLIVEIRA JÚNIOR, 2008). Para Durkheim (1989) uma determinada taxa de ocorrências era um fator funcional da sociedade, desde que não ultrapassasse um nível acentuado, portanto, para ele era ingenuidade acreditar que existe uma sociedade isenta de crimes. O crime e a transgressão promovem rupturas na coerção social, estando ligados às transformações do direito e da moral de uma sociedade, que se modifica conforme as condições de existência coletiva. Nesse contexto, reside seu caráter funcional e normal. Na visão de Durkheim, o delinquente não era um agente patológico ou antissocial, mas um agente regular da vida social. O crime não é definido pelo impacto que possa ter sobre a sociedade, mas sim pelo que a sociedade ou uma parcela dela, considera como ofensivo (CORREA, 2022).

Para Durkheim (1999) os crimes, sejam quais forem, afetam igualmente a consciência moral coletiva, provocando uma manifestação de sentimento, sendo reprimidos por castigos previamente definidos. Durkheim faz uma crítica a esse sistema de repressão, pois embora os

atos criminosos sejam prejudiciais à sociedade, nem sempre a nocividade que eles apresentam condizem proporcionalmente com o tipo de punição recebida. Ou seja, um ato pode ser desastroso sem receber nenhuma repressão. Durkheim então apresenta outra definição de crime, e que a única característica é comum a todos. Os crimes são universalmente reprovados pelos indivíduos da sociedade, atingindo sentimentalmente as consciências de um conjunto social. Os ataques em escolas geraram uma comoção na sociedade brasileira, principalmente por se tratarem de crimes não usuais no país, trazendo a percepção de que crianças e adolescentes não estariam seguros dentro das escolas.

Para Arendt (2001) a violência surge onde o poder não existe mais, ou seja, não é mais um consenso entre a maioria, portanto a violência destrói o poder. Ela se torna um tributo ao individualismo social, que impessoaliza as relações, impossibilitando a troca entre os membros. Aqueles que perdem a capacidade de agir coletivamente, substituem o poder que lhes escapa pela violência. A violência possui um caráter racional e instrumental, pois recorre a diferentes mecanismos de coerção como forma de consolidar sua presença e domínio. Arendt (2001) define algumas categorias que são importantes para compreender a violência, o poder se configura como a capacidade de realizar ações em conjunto, o vigor como uma vitalidade individual, a força como uma energia que é resultado de movimentos físicos, e a autoridade na perspectiva de que ela não necessita de coerção, sendo destruída apenas pelo desprezo. Se o poder é a capacidade de agir em conjunto, a violência vai fortificar o vigor, uma sensação individual de provar algo para si mesmo (MARRA e TOSTA, 2008). Quanto maior for a burocratização da vida cotidiana, mais se terá atração pela violência, pois é um domínio onde todos são igualmente impotentes, portanto, a decadência dos serviços públicos e a desintegração são resultados das necessidades das massas que se tornam incontroláveis.

Na obra “O Suicídio” Durkheim (2019) introduz o conceito de anomia, um estado contrário à ordem social, em que as normas são fracas, conflitantes ou ausentes. Refere-se a falta de integração ou adaptação, que emerge quando a desintegração da ordem coletiva permite que as aspirações do homem passem por cima das possibilidades reais de realização. O aumento da anomia ocorre em momentos de rápidas mudanças sociais ou econômicas, levando a um enfraquecimento do controle social e ao aumento de comportamentos desviantes, incluindo crimes. Existem dois tipos de anomias, as individuais que se referem a sensação de isolamento quando uma pessoa se percebe desvinculada do social, sem encontrar um lugar significativo nas normas coletivas. E as sociais, marcadas pela desintegração dos padrões normativos e valores que estruturam a vida em sociedade, resultando em crises de incertezas. Segundo Guerreiro Ramos (1989), a anomia é uma condição em que o indivíduo subsiste na orla do

sistema social, sendo desprovidos das normas e responsabilidades. “O indivíduo anômico é incapaz de criar um ambiente social para si próprio e, simultaneamente, obedecer às prescrições operacionais das organizações importantes para sua subsistência” (GUERREIRO RAMOS, 1989, p. 147).

De acordo com Oliveira Junior (2008), Robert Merton criticou e aperfeiçoou a teoria da anomia, nessa perspectiva a anomia se refere a situação em que ocorre o desequilíbrio, e infringir as regras seria algo normal, desde que constitua a resposta da estrutura social. Para Merton, a anomia não se estabelecia em uma crise devido aos fatores conjunturais, mas de uma disfunção estrutural intrínseca a determinado modelo de sociedade (LIBERATI,2009). Cometer uma delinquência não se deriva de questões puramente econômicas, mas sim da impossibilidade de atingir um objetivo, o qual é incentivado socialmente. Quando há uma discrepância entre as metas culturais e os meios institucionalizados para alcançá-las, os indivíduos em posições culturais mais desfavorecidas tendem a estar mais inclinados a recorrer a meios ilegítimos para atingir esses objetivos. “Quando a importância cultural passa das satisfações derivadas da própria competência a um interesse quase exclusivo pelo resultado, a tendência resultante leva a destruição da estrutura reguladora” (MERTON, 1972, p.166). Pode-se pensar em jovens retraídos, que possuem dificuldade para socializar, ter amigos, relacionamentos e bens materiais desejáveis. O uso constante das redes sociais injeta uma propaganda ostensiva de estilos de vida que a maioria dos jovens não conseguem ter, causando uma frustração. Ao obterem a possibilidade de fazer parte de um grupo no qual serão validados, farão amigos ou até encontrarão possíveis relacionamentos, esses jovens podem cair em grupos de radicalização que estão envolvidos em crimes.

Outra teoria importante nessa discussão é a de Sutherland, A Teoria da Associação Diferencial, sociólogo americano que apresentou a expressão “Crimes de colarinho branco”, nos quais indivíduos de alta posição social e econômica cometem crimes. Em sua perspectiva, o comportamento criminoso ou desviante deve ser aprendido, a partir da interação com pares que podem ensinar práticas ilícitas, assim como se ensina sobre religião ou trabalho (OLIVEIRA JUNIOR, 2008). Através das interações sociais que o indivíduo se inicia no crime, principalmente por meio da associação de grupos, ou seja, a delinquência é um modo de conduta comunitária. O indivíduo se integra a um grupo, demonstrando disposição para aprender práticas consideradas criminosas, enquanto o grupo acolhe alguém com preparo específico, e quanto mais íntimas as interações, mais se propaga o conhecimento delituoso (COSTA e

VARALLI, 2018). Os crimes cometidos pelos grupos do Discord¹ são de fato, comunitários. A principal forma de cometerem os atos são através de chamadas de vídeo ao vivo, entre uma parcela ou todos os membros, que assistem ou participam. Realizar um estupro virtual, ameaçando e obrigando meninas menores de idade a se exporem intimamente, se automutilarem, enquanto membros do grupo assistem e dão palpites de como ela deveria ser torturada. Manuais de como utilizar armas, acessórios como luvas e balaclavas, dicas de como realizar crimes e invadir escolas. Tudo é aprendido e realizado com a aprovação do grupo.

Para Sutherland (1940), crimes cometidos por pessoas de classe alta e classe baixa possuem o mesmo processo de aprendizado de grupo, apesar das diferenças, ambos podem ser entendidos pela associação diferencial. Além da formação de grupos criminosos se valerem da desorganização social e da falta de organização estatal. Oliveira Júnior (2008) ao analisar conjuntamente a teoria de Anomia de Merton e a da Associação diferencial de Sutherland, chega à conclusão de que a adolescência é uma fase extremamente crítica, pois é quando o jovem possui problemas de identificação com os agentes socializadores adultos. É o momento em que se molda a identidade pessoal, que se aprende a lidar com conquistas e fracassos, e as formas de socialização vão ser importantes nesse processo. Caso o adolescente não seja apoiado em seus fracassos, pode experimentar instabilidade em sua identidade, “isso abre espaço para que, frente as pressões para entrar no mundo adulto e à sede de status que lhe é imposta pela cultura, acabe por sentir certo conforto junto a grupos que buscam meios alternativos para enfrentar essas questões” (OLIVEIRA JÚNIOR, 2008, p.112). Que é o caso de jovens que buscam conteúdos extremos na internet, podendo chegar a cometer crimes como maus tratos a animais, ameaças, racismo, homofobia, crimes sexuais, tortura, até homicídios (como no caso das escolas).

Se uma pessoa se torna um criminoso ou não é amplamente determinado pela frequência e intimidade de seus contatos com as duas espécies de comportamento. Isto pode ser denominado de processo de associação diferencial. É uma explicação para a origem das criminalidades de colarinho branco e da classe baixa. (SUTHERLAND, 1940, p. 2)

Jovens que possuem contato íntimo com grupos de subculturas desviantes, podem tomar para si ideais e pontos de vista que favorecem o início de uma delinquência. Becker (1953) estudou a teoria dos rótulos, e além da aprendizagem de ações desviantes, há uma identificação com os pares e estereótipos que são vistos por agentes externos. Por exemplo o estereótipo de maconheiro, que precisa aprender a fumar e se portar como seus pares, assim

¹ Grupos que compartilham conteúdos extremistas e se hospedam na plataforma Discord

como o estereótipo do jovem que faz parte de grupos de radicalização online, que é rotulado como solitário, “esquisito”, “incel²” que precisa acompanhar os comportamentos do grupo, sejam eles misóginos, racistas ou LGBTfóbicos. A escola é o ponto central onde o indivíduo começa sua vida pública, portanto os efeitos da rotulação nesse espaço se tornam acentuados e mais marcantes na identidade do adolescente. É na escola que se aprende a socializar, viver em sociedade, resolver problemas e frustrações. E dependendo de como o adolescente vai se encaixar ou não nesse ambiente, pode ser uma experiência destrutiva.

Para o sociólogo Jack Katz (1988), o crime não deve ser compreendido apenas a partir de fatores estruturais, como a marginalidade social. O autor propõe uma mudança de perspectiva ao chamar atenção para os estímulos positivos que envolvem a prática do crime e principalmente, a experiência vivida pelo próprio infrator. Ao invés de seguir as classificações jurídicas tradicionais, que enquadram os crimes conforme os requisitos legais, Katz (1988) reorganiza os chamados “projetos criminosos” com base nos estados emocionais que estão presentes durante a prática criminosa. Ele argumenta que o crime pode ser sedutor, e essa sedução está ligada às emoções intensas, à excitação sensorial e a uma espécie de experiência moral que acompanha a transgressão.

Em casos de homicídios passionais, por exemplo, o que está em jogo é uma raiva acompanhada de humilhação moral, em que o infrator acredita estar restaurando sua honra. No caso dos furtos, o prazer muitas vezes está ligado ao risco, à adrenalina e ao domínio da situação. Entre jovens, especialmente em crimes cometidos em grupo, a dimensão emocional aparece na construção de uma masculinidade performativa, como forma de afirmação diante dos pares. Já nos crimes como estupros ou assassinatos em série, Katz (1988) identifica uma lógica de transgressão moral que pode ser experimentada como um tipo de ritual, onde o infrator atravessa limites éticos e vivencia a sensação de uma transformação pessoal. Mesmo crimes ditos como “racionais”, como fraudes ou corrupção, podem envolver emoções como o prazer em burlar regras, o sentimento de superioridade ou o desejo de enganar o sistema.

Essas experiências emocionais ajudam a compreender a atuação de jovens em comunidades extremistas online, onde o crime passa a ser ritualizado, performado e compartilhado coletivamente. É o caso de práticas como o lulz, que envolvem humilhações públicas, automutilação e violência simbólica, ou da figura do Sancto, nome dado aos autores de massacres em escolas que passam a ser idolatrados nesses grupos. A experiência do crime, nesse contexto, não é apenas uma resposta à exclusão social, mas também um espaço de

² Celibatário Involuntário: pessoas que não se relacionam sexualmente, não por vontade própria, mas por não conseguirem um(a) parceiro(a)

expressão emocional, pertencimento e construção de identidade, especialmente entre adolescentes que enfrentam conflitos com os agentes socializadores e encontram nesses grupos uma forma de validação e status.

1.2 Violência e Juventude

Neste subcapítulo vamos utilizar os conceitos da Escola de Chicago, surgida no início do século XX, para repensar as características das gangues juvenis e suas semelhanças de grupo com os grupos de radicalização online. A Escola de Chicago contribuiu significativamente para a sociologia, preocupando-se com a sociologia das cidades, analisando o desenvolvimento urbano, industrial, e a criminalidade nesse meio, a partir da Teoria da Desorganização Social. Essa perspectiva analisa como fatores estruturais e sociais influenciam comportamentos desviantes, incluindo a delinquência juvenil. Proposta pelos teóricos Shaw e McKay, sugere que a delinquência juvenil ocorre mais frequentemente em áreas urbanas marcadas por pobreza, baixa infraestrutura, alta rotatividade de moradores, e falta de coesão social (CARNEIRO, 2018). Nessas condições, os jovens ficam mais suscetíveis a se envolver em atividades criminosas devido à ausência de controle social e modelos de comportamento.

A ideia de subcultura refere-se a um grupo de pessoas que integram um sistema de valores e normas que contrastam com os da cultura dominante (LIBERATI, 2008). Para Cohen (1955) fundador da Teoria da Subcultura Delinvente, subcultura se define por uma cultura dentro da cultura, sendo uma subdivisão dentro da cultura que possui seus próprios preceitos e sistemas de credibilidade. Essas subculturas afloram quando alguns indivíduos se sentem isolados socialmente assim, agrupam-se e apoiam-se. A subcultura extremista pode ser entendida por esse viés, não é considerado parte da cultura brasileira ser neonazista, inclusive é um crime. Mas essa subcultura idolatra valores neonazistas, supremacistas brancos e práticas violentas contra minorias. Cohen não acreditava que um indivíduo ser delinvente era parte de sua personalidade, mas que a delinquência poderia existir em qualquer personalidade, desde que as circunstâncias fossem favoráveis aos comportamentos delinquentes. “O processo de se chegar a ser um delinvente é o mesmo que o de se chegar a ser escoteiro. A única diferença é o modelo cultural com o qual o jovem se associa” (LIBERATI, 2008, P. 24).

Na teoria de Cohen (1955), os jovens de classe baixa se voltavam contra os valores da classe média americana, pois sua condição social os impedia de alcançar o sucesso por meios legítimos. Produzindo um estado de frustração que provoca angustia, culpa, humilhação, que é resultado do individualismo econômico capitalista que responsabiliza os indivíduos pelo

próprio sucesso ou fracasso. Frente a isso, alguns jovens se reúnem em grupos e desenvolvem comportamentos negativistas. O perfil dos jovens que realizam massacres em escolas é distinto do descrito por Cohen, são garotos brancos, de classe média e que possuem acesso à internet. Porém suas ações se assemelham no que tange a dinâmicas de grupo, as frustrações sociais relacionadas a socialização e ao emocional, o sentimento de pertencimento e aprendizado em grupo.

Ao definir a subcultura delinquente como não- utilitária, Cohen (1955) afirma que o ato de furtar ou roubar, nem sempre se refere ao valor utilitário do objeto, mas ao valor da coragem, bravura e glória que um membro ganha ao executar o ato. Está envolvida a busca por reconhecimento e status dentro do grupo. A subcultura delinquente também é má, ou seja, possui prazer em agredir, desafiar e insultar pessoas. Isso explica atos de vandalismo como destruir objetos e bens públicos, insultar transeuntes ou até agressões. Pode-se correlacionar com ações de grupos virtuais como stalkear alguém (perseguição), insultar, ameaçar, hackear ou até atos reais a serem filmados e compartilhados com o grupo. E a terceira característica é a negativista, que representa a subversão as normas da cultura dominante, é um estilo de vida completamente contrário aos valores considerados “corretos” (LIBERATI, 2008).

Outra característica das gangues delinquentes é a autonomia do grupo e intolerância a ordens externas, as relações com outros grupos tendem a ser hostis e possuem resistência com espaços de controle e autoridade, como a escola por exemplo. Para Cohen (1955), essa subcultura é exclusiva para jovens do sexo masculino, portanto mulheres não participariam, além de dificilmente esses jovens procurarem soluções individuais, preferindo o grupo. Segundo David (1967) o grupo exige lealdade e reciprocidade, além de uma preocupação com a prosperidade coletiva. A subcultura delinquente não fornece somente suporte social, mas um propósito e um caminho de vida.

Há um incentivo de confirmar a masculinidade dentro do sistema de status, através de um próprio sistema hedonístico, como possuir confiança, coragem, desafiar e também ter um comportamento destrutivo. A masculinidade também é uma característica central nos grupos radicais do Discord, em suas hierarquias, os homens são líderes e moderadores, enquanto mulheres são aceitas no grupo para serem ameaçadas, hackeadas, torturadas virtualmente obrigadas a se exporem e realizarem fetiches sexuais de garotos adolescentes. Afirmar a masculinidade nesses grupos está ligada ao quanto aquele jovem é capaz de aguentar assistir conteúdos fortemente violentos, em sua capacidade de realizar desafios como agredir animais, se automutilar e ameaçar meninas menores de idade.

A teoria da cultura da *lower-class* de Miller (1970) focava em identificar os subprodutos da cultura das classes baixas, porém em sua teoria traz questões interessantes acerca da associação de jovens delinquentes com grupos. O desejo de pertença e o de status, os quais são essenciais para entender a dinâmica de pertencimento dos jovens em grupos online, que possuem status hierárquico. Cloward e Ohlin (1960) trazem a Teoria da Oportunidade Diferencial, introduzindo o conceito de oportunidades ilegítimas, referindo-se a um espaço que propicia a aprendizagem de valores e técnicas para o comportamento desviante, através de um apoio moral dentro da subcultura (LIBERATI, 2008).

O fato de que os jovens não conseguem atingir todos os seus objetivos, sejam legítimos ou ilegítimos, gera uma frustração que é um incentivo ao surgimento da alienação as normas convencionais, possibilitando a delinquência. A alienação às normas representa um sentimento coletivo de injustiça, para Cloward e Ohlin (1960), o envolvimento em atividades delinquentes só é possível através do abandono dos valores sociais vigentes, “só essa alienação permite a entrada nas soluções subculturais, sem culpa e sem medo” (LIBERATI, 2008, p. 34). O que faz adolescentes aderirem a conteúdos de brutalidade, idolatram assassinos e ideologias extremistas? Esse abandono da empatia, a banalização da violência, o vício em mídias sanguinolentas, podem ser entendidos por essa premissa da alienação subcultural.

Segundo Cloward e Ohlin (1960) existem três tipos de subcultura, a criminosa, a conflitiva e a de abandono. Cada uma se desenvolverá em espaços determinados de acordo com as circunstâncias. A criminosa surge em comunidades onde existem estruturas organizadas para atividades ilegais, os jovens aprendem habilidades criminais com membros mais experientes e veem o crime como uma forma de alcançar status e benefícios econômicos. A conflituosa aparece em áreas desorganizadas, onde as oportunidades legítimas e ilegítimas são escassas. Nesse modelo os jovens expressam sua frustração por meio de violência, comportamento impulsivo e luta pelo status através de agressões físicas e verbais. Já a de abandono se refere a jovens que não conseguem se integrar nem ao sistema legítimo de oportunidades nem às subculturas ilegítimas. É característico de comportamentos apáticos e autodestrutivos, marcados pela alienação da sociedade (DAVID, 1967).

Novaes (2000) em seus trabalhos sobre a criminalização da juventude negra e periférica no Brasil, traz conceitos importantes para se pensar a dinâmica de pertencimento juvenil. Apesar de serem perfis diferentes dos analisados nessa pesquisa, a autora discorre como jovens buscam o pertencimento e o reconhecimento em grupos. No caso da escola, esse pertencimento pode ser reforçado ou negado, dependendo das relações que os alunos estabelecem com colegas, e a própria estrutura institucional. Quando a escola não acolhe certas expressões juvenis – seja

por meio de regras rígidas, estigmatização ou falta de diálogo –, os jovens podem buscar reconhecimento em outros grupos, incluindo aqueles ligados à violência (NOVAES, 2000). Isso pode se manifestar na aproximação com subculturas violentas, como gangues ou comunidades online extremistas, onde encontram validação e identidade. Essa dinâmica é relevante para entender como certos jovens, ao não se sentirem aceitos em outros espaços, podem ser cooptados por redes que promovem discursos violentos e radicais.

Martins e Braga (2024) em seu artigo sobre o histórico da delinquência juvenil, mencionam que não eram somente jovens da classe baixa que cometiam delitos, mas também os da classe média e alta. Os franceses chamavam de *blousons dorés* (jaquetas de couro) os delinquentes juvenis de classe alta (SHORE, 199). E na Bélgica pesquisas revelaram diversos roubos cometidos por jovens que faziam por diversão, não eram levados ao tribunal e eram de famílias ricas (KING, 1999). As autoras mostram em sua discussão que em diversas sociedades existe a delinquência, mas nem sempre são encaminhadas à justiça. Apesar das similaridades das delinquências entre as classes, na classe alta os jovens possuem mais acesso às oportunidades legítimas, mas escolhem entre as possibilidades, o comportamento desviante.

As inclinações que levam jovens de classe baixa a cometerem delitos são diferentes das motivações das classes médias e altas, porém é evidente que a delinquência juvenil não é um fenômeno exclusivo da periferia. Possuem algumas similaridades na questão de dinâmicas de grupo, pertencimento e masculinidade, mas são diferentes no que tange aos acessos. Ainda que tenham equipamentos eletrônicos e internet, alimentação diária e condições favoráveis, buscam a delinquência de outras formas. “Talvez por isso a criação de uma cultura juvenil nas sociedades contemporâneas tenha atraído para a delinquência um número cada vez maior de jovens de classes altas” (MARTINS e BRAGA, 2024, p 8).

A diminuição da capacidade de controle da escola e da família faz com que a sua influência nas escolhas dos jovens seja ineficaz; proporcionalmente, eles estarão cada vez mais suscetíveis às influências da socialização dos grupos de pares. Segundo essa orientação, tais forças estão ligadas de muitas maneiras. (MARTINS e BRAGA, 2024, p. 15).

Ao visualizar o contexto contemporâneo, a frustração econômica se torna bem mais intensa através da internet, com o bombardeamento de propagandas, influencers ostentando seus bens financeiros e estilos de vida que uma mínima porcentagem da população tem acesso. Não somente a frustração material é intensificada pelas redes sociais, mas também a emocional, vide a busca pela fama, notoriedade, likes, seguidores, pessoas que validem suas ideias. A busca por um relacionamento perfeito ao modelo cinematográfico, mulheres objetificadas e com um

padrão de beleza inatingível. As redes sociais disseminam estilos de vida que normalmente não condizem com as experiências dos adolescentes, o que pode prejudicar a autoestima, causar ansiedade, depressão e afetar o desenvolvimento do indivíduo jovem (KOPSELL, 2022). Nesse cenário, a escola e os amigos, tanto presencialmente quanto online, tornam-se espaços propícios para a comparação social e a competição por status (MARTINS e BRAGA, 2024). Esse processo faz os jovens serem protagonistas de uma cultura pautada pela visibilidade e validação social, intensificada pelo uso das mídias digitais, onde o desempenho como curtidas, seguidores e engajamento, é como uma nova moeda de status.

1.3 Bullying, Cyberbullying e Escola

O bullying é um dos principais argumentos quando se fala em ataques as escolas, de fato grande parte dos atores relataram ter sofrido bullying, e possuir um desejo de vingança contra a instituição escolar. Em alguns desses casos, após serem vítimas, buscaram conselho de colegas em grupos online que os incentivaram a se vingar cometendo um massacre, fornecendo também dicas e manuais de como executar o crime. O bullying é um tipo de violência que acomete a juventude, caracteriza-se por comportamentos hostis e intimidações, muitas vezes sem uma razão aparente, ocorrendo majoritariamente em relações marcadas pela desigualdade entre agressores e vítimas. Geralmente, essa dinâmica envolve o uso da força física ou outros meios de coerção, criando uma relação de poder que coloca a vítima em posição de vulnerabilidade perante o agressor (SILVA e BORGES, 2018). Um comportamento agressivo, com intenção de ofender, humilhar, ridicularizar e discriminar, que pode ocorrer em escolas e até mesmo no espaço digital, onde é conhecido como cyberbullying. Estudos apontam que adolescentes vítimas de bullying têm maior probabilidade de desenvolver problemas emocionais e de saúde física ao longo da vida. Para Fante (2005) a definição de bullying é,

Um conjunto de atitudes agressivas, intencionais e repetidas que ocorrem sem motivação evidente, adotado por um ou mais alunos contra outros(s), causando dor, angústia e sofrimento. Insultos, intimidações, apelidos cruéis, gozações que magoam profundamente, acusações injustas, atuações de grupos que hostilizam, ridicularizam e infernizam a vida de outros alunos, levando-o a exclusão, além de danos físicos, morais e materiais, são algumas manifestações do comportamento bullying (FANTE, 2005, p. 28-29)

Segundo Silva e Borges (2018) o bullying possui três formas de atuação, a indireta, a direta e a psicológica. As agressões de forma direta são quando se direcionam à vítima, como agressões físicas e roubo de pertences. A forma indireta se caracteriza por comentários pejorativos, chacotas, intimidações, “brincadeiras” maldosas, discriminações e isolamento

social da vítima, que se sente excluída dos integrantes da escola. Já a forma psicológica é entendida como um resultado das anteriores, que após sofrer com uma série de violências, a vítima pode entrar em um estado de isolamento e depressão. As vítimas geralmente apresentam características diferentes dos demais, como serem pessoas tímidas ou quietas, costumar não revidar os ataques e ter baixa autoestima, na realidade não precisam necessariamente possuir alguma dessas características, basta serem diferentes para ser uma vítima em potencial (SILVA E BORGES, 2018).

Através de um estigma que o bullying se solidifica, aqueles que não se encaixam fisicamente ou socialmente em um padrão pré-estabelecido, podem se tornar alvo dessa violência. Segundo Goffman (1988), o estigma é definido por um atributo negativo que surge no momento das interações sociais, de forma como as pessoas estabelecem categorizações com as outras. O estigma surge onde há alguma expectativa, de ambos os lados de que agentes que se encontram numa certa categoria não deveriam apenas apoiar uma norma, mas também a cumprir. Goffman (1988) faz uma diferenciação entre “normais” e “estigmatizados”, os quais entram em uma tensão subjacente ao interagirem, gerando uma certa retração por parte dos estigmatizados, e os conflitos ocorrem principalmente quando estes exigem igualdade entre ambos, contrariando o comportamento que é de ser esperado na visão dos normais.

Uma nova forma de bullying surgiu com os avanços das tecnológicas digitais, o cyberbullying. É uma forma de intimidação e humilhação realizada por meio de plataformas digitais, como redes sociais, fóruns ou jogos online. Ele envolve o uso de tecnologias para disseminar mensagens ofensivas, boatos, ameaças ou conteúdos humilhantes, com o objetivo de causar constrangimento, ou sofrimento à vítima (JESUS, et al, 2024). Assim como o bullying tradicional, o cyberbullying é caracterizado pela repetição dos ataques, mas se diferencia por sua abrangência, anonimato e capacidade de alcançar um público maior rapidamente, intensificando o impacto emocional sobre a vítima. Segundo Jesus et al (2024) o cyberbullying afeta tanto a vida social quanto acadêmica das vítimas, que acabam se isolando e não querendo sair de casa, desenvolvendo ansiedade e depressão. Embora sejam agressões virtuais, geram danos reais ao indivíduo. Principalmente por possuírem uma escala maior de perseguição, dentro da própria casa da vítima através de seu celular.

O bullying não afeta apenas os envolvidos, mas também uma parcela de alunos que acabam descobrindo que o ambiente escolar é um campo minado, que precisam ter cuidado com qualquer atitude que seja considerada estranha ou desagradável pelos outros estudantes (RODRIGUES, 2012). Ele gera graves consequências para as vítimas e suas famílias, incluindo depressão, baixa autoestima, angústia, isolamento social, evasão escolar e, em casos mais

extremos, até mesmo o suicídio. Além disso, muitas vítimas podem apresentar comportamentos agressivos, dificuldade de concentração, prejuízos no processo socioeducativo e outras condições que afetam negativamente seu desenvolvimento emocional e social. Além de os agressores poderem se tornar delinquentes e ter comportamentos de risco (LOPES NETO, 2005). Uma preocupação em relação as vítimas de bullying é terem uma resposta de ódio e vingança. Para Silva e Borges (2018) alguns jovens podem ser tomados por sentimentos vingativos, se tornarem delinquentes, atingindo aqueles que nem possuem relação com o fato. Inclusive, alguns dos atentados em escolas foram justificados também através do bullying que o perpetrador sofria, tomado por sentimentos de humilhação e vingança, realiza um ato violento contra a escola e o que ela representa.

1.4 Ataques nas Escolas: Brasil e Estados Unidos

Massacres em escolas são eventos violentos em que geralmente jovens do gênero masculino, alunos ou ex-alunos, realizam ataques premeditados em instituições de ensino. Estes ataques, que frequentemente utilizam armas de fogo ou armas brancas, têm como característica central a busca por alvos específicos ou simbólicos, em um contexto de afirmação de poder ou reparação de honra (BRASILEIRO, 2024). São frequentemente analisados como crimes por imitação (copycat crimes), inspirados por casos anteriores, como o Massacre de Columbine (1999). O efeito copycat se refere a assassinatos inspirados por outros acontecidos anteriormente. De acordo com McGee e DeBernardo (1999) esse fenômeno foi observado com frequência, alguns dias após o massacre de Columbine, no Canadá, um adolescente de 14 anos entrou na escola atirando com armas de fogo, assassinando uma pessoa e ferindo outras. O adolescente vestia roupas semelhantes às que os assassinos de Columbine vestiam no dia do massacre, e também apresentou outros indícios da inspiração (VIEIRA, et al, 2009).

Além disso, os massacres refletem uma série de desigualdades sociais, problemas estruturais das escolas e exposição a discursos de ódio em plataformas digitais. Brasileiro (2024) em seu artigo, utiliza a definição de Muschert (2007), que classifica em dois tipos os atentados escolares, os *rampage shootings* e *targeted shootings*. O primeiro se refere à atentados que tem como objetivo atingir a instituição, escolhendo as vítimas de forma simbólica, sem ter relação com o autor. O segundo tipo se refere a atentados que buscam vingança a indivíduos específicos, que possuam uma história prévia com o autor. Os rampages shootings são os tipos mais comuns em massacres em escolas, principalmente no Brasil. Na maioria dos casos brasileiros as vítimas não tinham uma relação com o perpetrador, elas apenas estavam no local e no momento em que o autor decide atacar. O objetivo nesses casos é atingir o máximo de

possível, quanto mais mortes, mais reconhecido como um Sancto³ em sua comunidade o jovem será.

No Livro “Rampage: The Social Roots of School Shootings, Katherine Newman (2004) apresenta e discute sua pesquisa sobre os rampage shootings nos Estados Unidos. A autora afirma que tiroteios envolvendo jovens frequentemente são realizados em grupo ou com o incentivo de colegas. Em metade dos trinta e sete casos de tiroteios escolares analisados pelo Serviço Secreto americano, os ataques sofreram influência ou foram incentivados por outras pessoas. Isso levanta o principal objeto desta pesquisa, as interações e influências que grupos de radicalização online possuem nos atentados escolares no Brasil.

No entanto, na complexa combinação de fatores que culminam em um tiroteio escolar, o apoio de pares, muitas vezes mal compreendido por indivíduos socialmente marginalizados ou psicologicamente instáveis, pode impulsionar ainda mais um indivíduo na direção da violência (NEWMAN, 2004, p. 65/ Tradução própria).

No artigo "*A Theory of Intimate Massacres: Steps Toward a Causal Explanation*", Katz (2016) propõe uma abordagem para compreender os massacres em contextos intimistas, como em escolas, locais de trabalho ou famílias. O autor argumenta que esses atos extremos de violência não podem ser explicados apenas por fatores individuais, como transtornos mentais, mas devem ser analisados dentro de um contexto social e cultural. O autor sugere que massacres intimistas envolvem processos emocionais e simbólicos específicos, nos quais os perpetradores sentem humilhação, rejeição ou desvalorização. Esses sentimentos podem ser agravados por dinâmicas de poder, isolamento social e ausência de redes de suporte emocional. Também discute como fatores situacionais, como a disponibilidade de armas e narrativas de heroísmo ou vingança, contribuem para o acontecimento dos casos.

Massacres íntimos são focados em um cenário no qual o agressor teve, ou imagina ter tido, um envolvimento profundamente pessoal. Esses ataques não são aleatórios na escolha do local ou da população alvo. Eles são direcionados a um lugar que, segundo o entendimento do agressor, abriga uma versão de sua identidade, mesmo que ele não tenha estado lá por muito tempo. Nesse local, o agressor pode ter sido um estudante, trabalhador ou cliente (KATZ, 2016, p. 279/ tradução própria).

A literatura sobre massacres em escolas frequentemente utiliza de explicações psicológicas, abordando os transtornos mentais como fatores motivadores ou agravantes de

³ Sancto é um indivíduo que comete um massacre e se torna idolatrado

problemas sociais (LANGMAN, 2009). No entanto, estudos demonstram a inexistência de um perfil psicossocial homogêneo e coeso entre os perpetradores (ROCQUE, 2012). Em contraposição a essa visão, a pesquisa de Nassauer (2024) sobre as interações nos atentados em escolas utiliza o interacionismo simbólico de Herbert Blumer (1986) para discutir uma perspectiva sociológica. Essa teoria compreende a ação humana como dependente dos significados que os indivíduos atribuem às coisas, significados esses construídos na interação social e mediados por um processo interpretativo individual. Ao integrar fatores contextuais, Nassauer (2022) argumenta que a dinâmica interacional – abrangendo interações, interpretações e emoções – desempenha um papel fundamental no surgimento da violência. Nesse sentido, fatores como estruturas sociais e motivações individuais podem influenciar as interpretações e interações, configurando-se como fatores de risco.

A pesquisa de Nassauer (2024), mostra que a maioria dos autores de massacres escolares nos Estados Unidos não eram bons em atirar, em seus planejamentos desejavam matar o máximo de pessoas possível e chegar aos números de 50 ou 60 vítimas. Porém a média de vítimas fatais é 1, essa média decorre de poucos atiradores matando muitas vítimas, e muitos atiradores matando nenhuma ou poucas vítimas. A autora discute as interações simbólicas durante um ataque, comprovando que a maioria dos perpetradores possuem dificuldade para atirar quando são confrontados pelas suas vítimas cara a cara. No caminho situacional mais comum, os agressores tendem a atirar em vítimas que estão de costas ou cujos rostos ou corpos estão obscurecidos por objetos. Em um segundo caminho, os agressores usam a distância, o que lhes permite evitar ficar próximo das vítimas e termina em contagens gerais de corpos mais altas. 93% de todos os atiradores em escolas atiram em vítimas quando elas estão na mesma sala, a uma distância de menos de 30 metros, enquanto 7% dos atiradores atiraram em vítimas a distância. Dos atiradores que estavam perto, todos, exceto dois, atiraram na maioria de suas vítimas quando elas não estavam cara a cara, as vítimas estavam viradas para o outro lado, estavam fugindo ou caíram, estavam focadas em outra coisa ou estavam escondidas por objetos, como uma porta (NASSAUER, 2023).

Os atentados em escolas são mais frequentes no país norte americano Estados Unidos. O primeiro massacre em escola ocorreu em 1764 (CORREIO 24 HORAS, 2011), no qual membros de comunidades indígenas atacaram uma instituição educacional, resultando nas mortes de 10 crianças e 2 professores no Estado da Pensilvânia. Os ataques nos Estados Unidos aumentaram 794% na última década, entre 1970 e o início de junho de 2023, os Estados Unidos registraram 2.432 incidentes com armas de fogo em escolas (PODER 360, 2023). Até setembro de 2024, 18 casos tinham ocorrido no país, deixando 10 mortos e 30 feridos (UOL, 2024). O

caso mais emblemático foi o massacre de Columbine em 20 de abril 1999, na Columbine High School, no Colorado. Dois estudantes, Eric Harris de 18 anos, e Dylan Klebold de 17, executaram um ataque que vinha sendo planejado por cerca de 1 ano. Motivados por sentimento de vingança e uma obsessão por violência, os jovens assassinaram 13 pessoas (12 estudantes e um professor) e feriram outras 24 antes de tirarem suas próprias vidas. O plano inicial incluía explosivos caseiros que falharam em detonar, levando os atiradores a recorrerem a armas de fogo (CULLEN, 2019). Desde o tiroteio na Columbine High School em 1999, mais de 150.000 alunos sofreram um tiroteio em sua escola ou campus nos EUA (COX e RICH 2018). Um dos massacres mais letais ocorreu na cidade de Uvalde no Texas no ano de 2022, em que um jovem de 18 anos assassinou 19 crianças e 2 professores (R7, 2022).

O ataque foi um dos mais divulgados da história dos Estados Unidos, não apenas pela violência, mas também pelas motivações complexas, que envolviam questões como bullying, exclusão social e influência de subculturas violentas. O impacto do massacre foi profundo, provocando debates nacionais sobre controle de armas, segurança escolar e o papel da mídia e da cultura na violência juvenil. Esse episódio também angariou muita atenção midiática, resultando em livros, filmes e documentários. Filmes conhecidos como *Tiros em Columbine* (2002), *Elefante* (2003) e *Nós Precisamos Falar Sobre o Kevin* (2011) foram inspirados por esse acontecimento. Além de livros como *No Mundo Tenebroso* (2001), *Columbine* (2009) e *Ela Disse* (2019) e séries renomadas *13 Reasons Why* (2017-2020), *American Horror Story: Murder House* (2011) e *The Newsroom* (2012-2014). O caso modificou a forma como a violência escolar é retratada na ficção, passando a utilizar de abordagens mais realistas e complexas. A discussão sobre bullying, isolamento social e saúde mental se intensificou na cultura popular, buscando conscientizar e prevenir novas tragédias.

Columbine forçou uma revisão das políticas de segurança nas escolas. A partir dali medidas como "tolerância zero" para armas, aumento da presença policial nas escolas, treinamentos de emergência (lockdown drills) e controle de acesso se tornaram mais comuns. A importância na identificação precoce de alunos com problemas comportamentais ou de saúde mental também cresceu, buscando oferecer apoio e prevenir potenciais atos violentos. Programas de combate ao bullying, também visto como um fator de risco para a violência, passaram a ser centrais. Também se intensificou o debate sobre o acesso a armas de fogo, a facilidade com que os atiradores obtiveram as armas levantou questões sobre a venda para menores e a necessidade de verificação de antecedentes. Porém isso ainda é um problema nos Estados Unidos. A cobertura midiática intensa do massacre gerou debates sobre a responsabilidade da imprensa, buscando evitar glorificar os atiradores e causar um efeito

contágio. A influência da cultura da violência, presente em filmes, jogos e outras mídias, também entrou em pauta, questionando seu impacto na predisposição à violência, principalmente entre jovens.

Columbine inspirou alguns casos posteriores, um deles ocorreu em 19 de abril de 2007, na véspera de 8 anos do acontecimento de Columbine. Um estudante sul-coreano, que morava nos Estados Unidos, assassinou 32 pessoas, que eram estudantes e professores da Virginia Polytechnic Institute and State University, se suicidando em seguida. O jovem enviou à rede de televisão NBC um caixa contendo vídeos e fotografias, onde convocava todos a fazerem o mesmo que ele. Ele também fez referência a Columbine, colocando Harris e Klebold como mártires e fazendo assim uma ligação entre os dois eventos (MARQUES, 2007). O caso brasileiro da escola de Suzano, ocorrido em 13 de março de 2019 também foi inspirado em Columbine, no qual 2 jovens assassinaram 8 pessoas e se suicidaram posteriormente.

O efeito contágio, foi proposto pelo sociólogo David Phillips como “efeito Werther” para descrever a influência da divulgação de suicídios no acontecimento de outros casos. O fenômeno foi observado por ele na Alemanha em 1774 após uma onda de suicídios serem relacionados com o fim de um personagem chamado Werther, da obra de Johann Von Goethe (BACK, 2021). Assim como no suicídio, o efeito contágio também está presente nos massacres em escolas em todo mundo. Towers et.al (2015) em seu artigo sobre os ataques nos Estados Unidos, relatou sua pesquisa em que demonstra que reportagens midiáticas intensivas sobre assassinatos em massa podem aumentar a incidência de eventos semelhantes na comunidade, devido a possibilidade de incentivar os indivíduos em risco de cometer esses atos. O que mostra que uma divulgação em massa dos massacres pela mídia, tanto tradicional como alternativa (digitais), tem a capacidade de gerar outros casos semelhantes. Portanto, grupos em que se compartilham imagens e vídeos de massacres, idolatrando esses atos, podem ser extremamente prejudiciais relacionando-se ao efeito contágio.

No Brasil o primeiro caso de ataque em escola ocorreu em outubro de 2002 em Salvador, em um aluno de 17 anos matou a tiros outros 2 alunos e depois se entregou à polícia. Um dos casos que teve mais destaque foi o da escola Tasso da Silveira, no bairro de Realengo, na cidade do Rio de Janeiro em 2011. Um ex-aluno da escola, de 23 anos, entrou na escola de forma pacífica, indo até a sala da diretora com o argumento de que queria documentos de sua época de estudos. Após sair do local, subiu para as salas de aula e disparou contra vários estudantes, tirou a vida de 12 alunos, 10 eram meninas. O jovem era simpatizante do islã radical (G1,2011)

obcecado por atentados terroristas e considerado um celibatário involuntário⁴, com características misóginas. Foram encontrados em seus eletrônicos diversas imagens dele segurando armas e vestindo uniformes de guerra, o autor planejava o massacre a meses.

Figura 1 - Manchete do atentado de Realengo-RJ



Fonte: Jornal o Globo, 2011

Um outro ataque que teve muita notoriedade foi o da escola Professor Raul Brasil em Suzano-SP em 2019, em que dois jovens tiraram as vidas de 8 pessoas, se suicidando após isso. Mais tarde, foi encontrado que ambos se inspiravam no caso de Columbine (GAZETA DO POVO, 2019), além de pertencerem a comunidades obscuras online. Outro caso impactante foi o que ocorreu na cidade de Aracruz-ES, em que um adolescente de 16 anos invadiu 2 escolas utilizando armas de fogo de seu pai que é policial militar, deixando 4 mortos e 12 feridos. O autor carregava uma suástica em suas roupas (símbolo nazista) e foram encontrados diversos materiais extremistas em sua residência, assim como o envolvimento em grupos radicais online (Folha Vitória, 2023). O mais recente incidente ocorreu em outubro de 2024, na cidade de Heliópolis, no interior da Bahia, quando um aluno de 15 anos tirou a vida de 3 estudantes com uma arma de fogo, e após cometeu suicídio. Ainda não se tem informações sobre o caso, devido estar em segredo de justiça e a investigação estar em andamento.

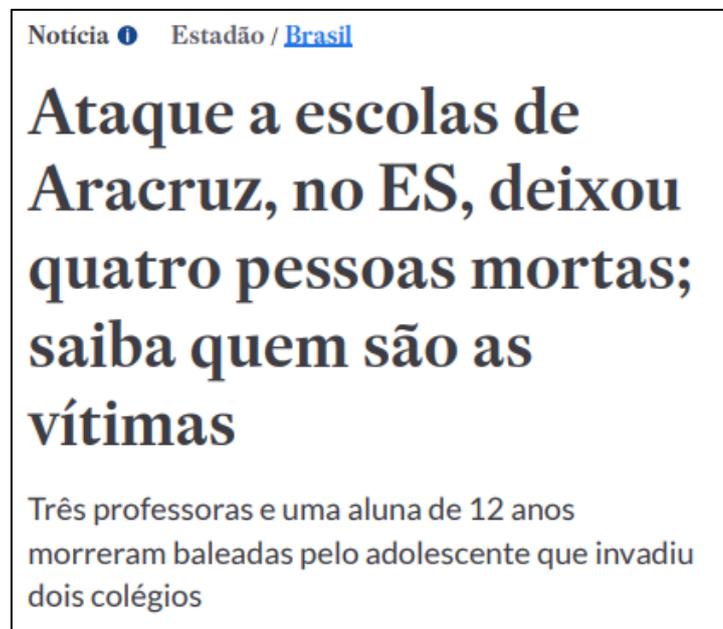
⁴ Celibatários involuntários ou “incels” são membros de uma subcultura virtual que se definem como incapazes de encontrar um parceiro romântico ou sexual.

Figura 2 - Manchete do atentado de Suzano-SP



Fonte: Brasil de fato, 2019

Figura 3 - Manchete do atentado de Aracruz -ES



Fonte: Estadão, 2022

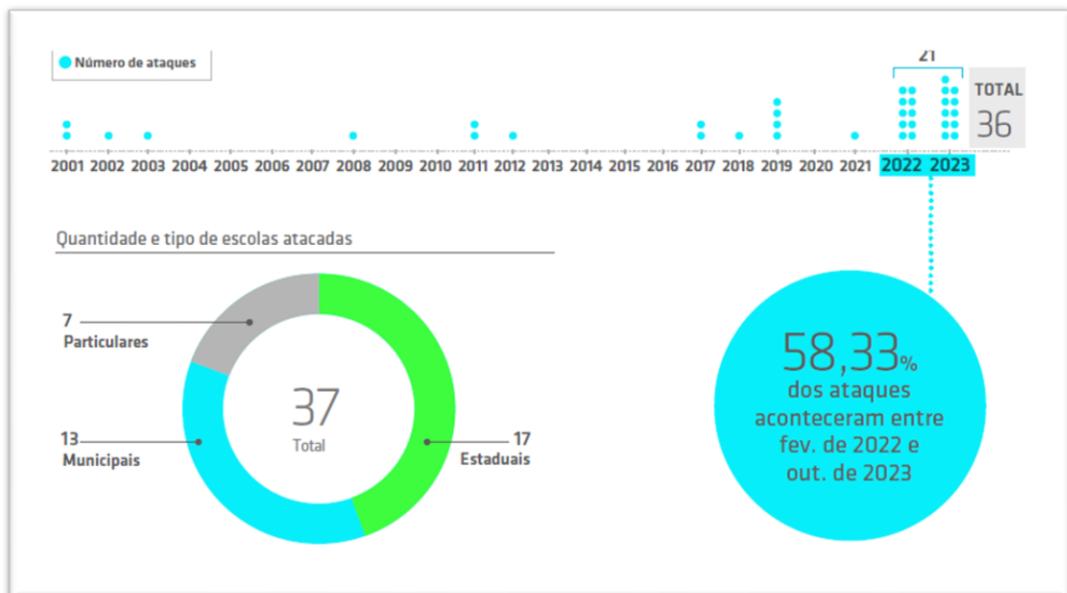
Dados do relatório “Ataques de violência extrema em escolas no Brasil” realizado pela pesquisadora Telma Vinha et.al (2023), demonstram o aumento desses ataques nos últimos anos, visto que 58% dos ataques ocorreram entre fevereiro de 2022 a outubro de 2023. Além da maioria dos ataques ocorrerem em escolas públicas (municipais e estaduais), totalizando 39 ataques. Segundo esse estudo, alguns jovens que não encontram acolhimento frente a problemas psicológicos e sociais, acabam se identificando com os ideais de grupos extremistas online, se voltando contra a escola a partir de sentimentos de ódio e vingança. As características principais semelhantes entre os agressores são o sofrimento escolar como bullying, castigos e outros conflitos, e também a utilização da subcultura extremista na internet, em fóruns, servidores ou grupos que incentivam a violência. Fóruns que existiam apenas na Deep Web, atualmente se

hospedam em redes sociais abertas como TikTok que possui 82,2 milhões de usuários pelo mundo, Telegram com 42 milhões, X com 24,3 milhões e Discord com 3 milhões (SOUZA, 2023).

Segundo o Instituto Sou da Paz (LANGEANI, 2023) a maioria dos ataques foram realizados por apenas um autor (88%), somente 3 casos tiveram dois autores. Normalmente há uma relação prévia com a escola, 59% destes eram alunos e 33% eram ex-alunos, os 2 casos em que não possuíam relação com a instituição de ensino foram atentados às creches. Sobre o perfil dos agressores, pode-se destacar que o grupo é composto inteiramente de homens, majoritariamente brancos, e a média de idade é de 16 anos, sendo o mais novo com 10 anos e o mais velho com 25 anos.

O gráfico abaixo apresenta informações sobre ataques a escolas no Brasil, registrados entre 2001 e outubro de 2023. A linha do tempo mostra que os ataques ocorreram de forma esparsa nos anos anteriores, porém houve um aumento significativo a partir de 2022, com a maioria concentrada entre fevereiro de 2022 e outubro de 2023. Nesse período, ocorreram 58,33% de todos os ataques registrados, evidenciando uma escala preocupante. A pesquisa foi conduzida até outubro de 2023, e por essa razão abrange um total de 37 casos. Com uma distribuição por tipo de escola que destaca as instituições estaduais como as mais afetadas, com 17 ataques. As escolas municipais foram alvo em 13 ocasiões, enquanto as escolas particulares registraram 7 casos. O que demonstra uma predominância em escolas públicas.

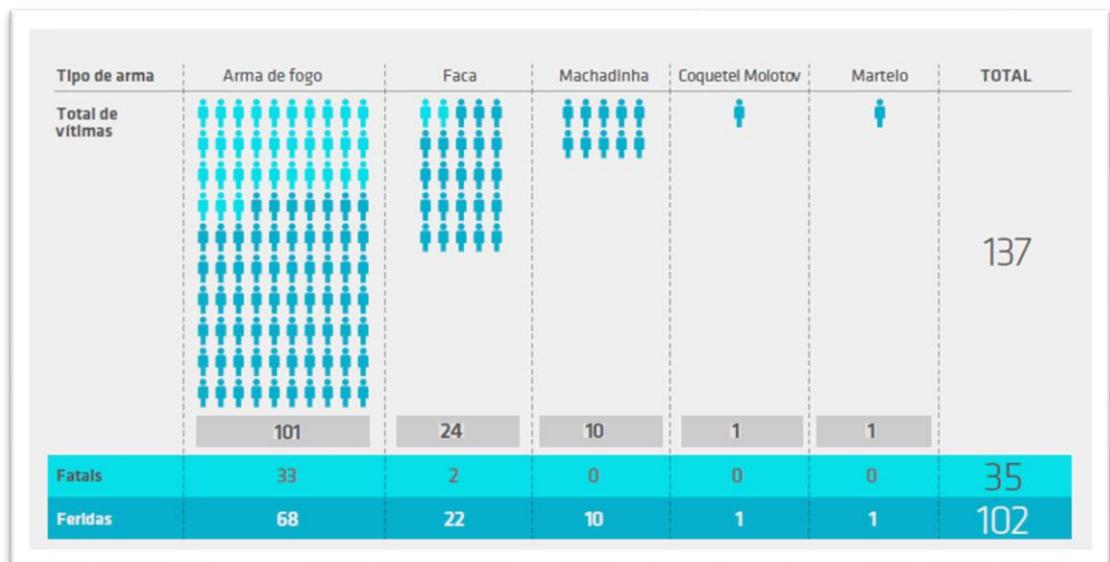
Gráfico 1 - Quantidade de ataques por ano



Fonte: Telma Vinha et.al e as organizações D³ e B³, 2023.

Esses 37 casos resultaram em 137 vítimas, das quais 35 perderam a vida e 68 ficaram feridas, destacando a gravidade dessas ocorrências. A análise revelou que a maioria dos ataques foi realizada com o uso de armas de fogo, o que também esteve associado ao maior número de vítimas fatais e feridas. Em seguida, os ataques com armas brancas foram os mais frequentes, tendo 24 vítimas de facas e 10 vítimas de machadinhas. Além disso, foram registrados ataques isolados envolvendo coquetel molotov e martelo, com apenas uma vítima cada. Em relação às vítimas fatais, a pesquisa constatou que 17 eram meninas, enquanto 12 eram meninos. Os dados ressaltam a complexidade e a diversidade dos métodos utilizados nos ataques, assim como a vulnerabilidade das vítimas.

Tabela 1 - Quantidade de vítimas por arma utilizada (exceto suicídios dos autores)

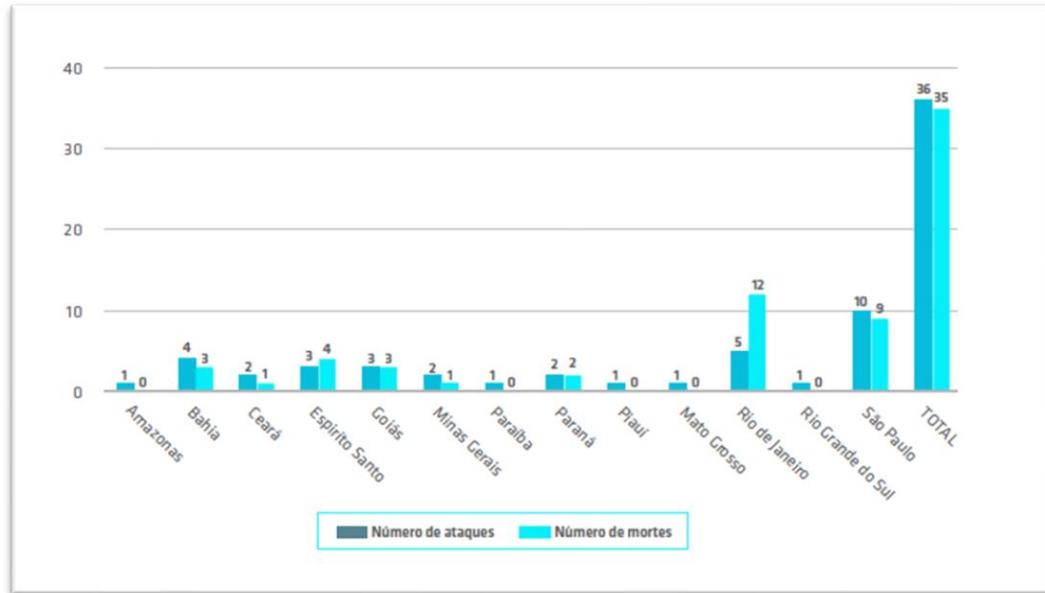


Fonte: Telma Vinha et.al e as organizações D³ e B³, 2023.

O gráfico 2 apresenta o número de ataques e mortes em escolas por estado brasileiro, evidenciando diferenças regionais significativas. São Paulo lidera com 36 ataques e 35 mortes, representando a maior concentração de casos no país. Em seguida, destacam-se o Rio de Janeiro com 12 ataques e 5 mortes, e o Rio Grande do Sul com 10 ataques e 9 mortes. Outros estados, como Espírito Santo, Ceará, Goiás e Paraná, registraram entre 2 e 4 ataques, enquanto Amazonas, Mato Grosso e Piauí tiveram apenas 1 ataque, sem mortes. No total foram contabilizados 36 ataques e 35 mortes em todo o Brasil. A concentração dos ataques em estados das regiões Sudeste e Sul, principalmente em São Paulo, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul, contrasta com os números mais baixos registrados no Norte, Nordeste e Centro-Oeste. Essa diferença pode estar associada a fatores como densidade populacional, desigualdades sociais,

vulnerabilidades na segurança escolar e o impacto de subculturas extremistas que promovem violência nas plataformas digitais.

Gráfico 2 - Quantidade de ataques e vítimas fatais por estado



Fonte: Telma Vinha et.al e as organizações D³ e B³, 2023.

De acordo com Daniel Cara et.al (2022) no Relatório “O extremismo de direita entre adolescentes e jovens no Brasil: ataques as escolas e alternativas para a ação governamental” esses casos possuem uma ligação com o universo masculino, tema sempre apropriado pela extrema direita. A ultradireita alimenta-se do ódio como um catalisador para o processo de radicalização, especialmente no mundo virtual, onde utilizam de discursos de ódio camuflados em humor, atraindo um número cada vez maior de adeptos, de maioria masculina e branca para seus espaços online. Eles propagam teorias da conspiração e promovem uma narrativa dualista de “nós versus eles”, retratando os “outros” como uma ameaça à civilização hétero e branca e um inimigo a ser eliminado.

Os alvos de cooptação pelo discurso de extrema-direita são majoritariamente adolescentes brancos e heterossexuais, e a misoginia exerce um papel crucial no processo. Frustração sexual e raiva do mundo, dentre outros processos típicos da adolescência, são mobilizados em espaços de discussão online onde muitos desses jovens se reúnem para desabafar ditas frustrações e confraternizar. Não à toa mulheres são alvos frequentes de atiradores em massa.” (CARA et al, 2022, p. 17).

Essas comunidades operam como amplificadores de frustrações e raiva, com o discurso de ódio, frequentemente fomentado pela extrema direita, propagando uma narrativa de injustiça

para homens brancos. Eles acreditam que os avanços dos direitos das minorias sociais representam uma ameaça, e sentem que estão perdendo espaço na sociedade, o que alimenta a percepção de que o mundo lhes deve algo. Nos últimos 2 anos, o impacto desses grupos radicais chamou a atenção das autoridades. Em muitos casos, jovens influenciados por esses ambientes passaram a agir fora do mundo virtual, cometendo crimes graves. Investigações revelaram que criminosos, incluindo autores de ataques violentos, usaram esses servidores para planejar e promover suas ações. Como resultado, muitos foram identificados e presos por crimes como estupro ou estupro virtual, ameaça e mutilação (METRÓPOLES, 2024).

Segundo o relatório (VINHA et.al, 2023), os ataques foram cometidos por 39 indivíduos masculinos, majoritariamente brancos (apenas dois eram não-brancos) e 76% eram menores de idade. Que demonstravam apreço pela violência e culto a armas de fogo, além de uma idolatria a valores opressores (racismo, misoginia e ideais nazistas). Há um elemento de efeito contágio, em que buscam imitar outros ataques (principalmente Columbine e Suzano), utilizando as mesmas roupas, armas e estilo de exibicionismo. O que chama atenção, é que na maioria dos casos os autores faziam parte da subcultura extremista, interagindo com perfis e comunidades virtuais mórbidas. O primeiro caso com evidências de radicalização online foi o de Realengo⁵ em 2011, a partir deste tiveram 32 casos em que 25 deles apresentaram indícios de fazer parte dessas comunidades. “Para isso, recebem orientações, acessam materiais que ensinam a realizar massacres e preparar armas artesanais, constroem planejamentos cuidadosos e buscam adquirir armas que causam maior letalidade.” (VINHA et.al, 2023, p. 21).

Uma entrevista realizada com a juíza titular da Vara da Infância e Juventude do Rio de Janeiro pela Folha (2024) mostrou a importância de se debruçar sobre o que os jovens acessam online. Juíza dessa vara a 9 anos, menciona que o Rio de Janeiro é a única cidade que julga menores infratores, e, portanto, os casos de ataques em escolas caíram em suas mãos. Testemunhou uma mudança nos crimes cometidos por jovens, que antigamente se tratavam de meninos de regiões periféricas envolvidos com crimes de patrimônio (roubos, furtos) ou de tráfico, o que ainda é recorrente, porém surgiu um novo tipo: garotos de classe média e alta que cometem crimes ligados a redes sociais. Segundo o depoimento da Juíza, 100% dos casos de ataques em escolas recentes foram articulados pela internet (Folha de São Paulo, 2024).

Crianças e jovens passam anos expostos a discurso de ódio, ideologias extremistas, comunidades que planejam ataques a escolas... 100% desses ataques foram combinados via internet. Se as famílias supervisionassem,

⁵ O documentário da plataforma MAX “Massacre na escola: A tragédia das meninas de Realengo” conta os detalhes desse atentado, mencionando como a radicalização foi impactante nesse caso.

poderiam ter sido evitados. Tenho um caso de um pai que viu que o filho estava combinando um ataque à escola, na zona sul do Rio, e denunciou. Ele impediu um massacre (Vanessa Cavaliere/ Redação de Laura Mattos, Folha de São Paulo, 2024)

O aumento da circulação de armas de fogo no Brasil também é um dado preocupante, pois na maioria dos ataques foi utilizado este tipo de armamento. O ex-presidente Bolsonaro no ano de 2019, assinou o decreto presidencial 9.685 que alterou o Estatuto do desarmamento (LEI N. 10.826 de 2003) – que permitia a posse apenas para aqueles que demonstrassem relevante necessidade – ampliando as hipóteses de registro, posse e comercialização de armas de fogo (ALMEIDA, 2022). Atrelado a isso está a ascensão da extrema direita no Brasil, que incentivava o uso da arma de fogo para resolução de problemas. A flexibilização, defendida como uma forma de defesa não se mostra efetiva, contribuindo inclusive para o aumento de homicídios.

Em 2017 o número de armas de fogo circulando no Brasil, ativos no SINARM/Polícia Federal era de 637.972, já em 2022 era de 2.300.178, representando um aumento de cerca de 350% nesses últimos 5 anos (MARTINS, 2023). Um panorama apresentado no Atlas da Violência de 2023, mostra que o país teve 616.095 homicídios entre 2011 e 2021, e se não fosse o aumento de armas de fogo circulando entre 2019 e 2021, o Brasil teria registrado 6.379 homicídios a menos. Do total de homicídios, 326.532 eram jovens de 15 a 29 anos. 77% das vítimas eram negras. A cada 11 horas crianças e adolescentes são agredidos no Brasil, totalizando 1.031.283 casos de agressões (IPEA, 2023). Segundo o Instituto Sou da Paz houve um aumento expressivo de armas legalizadas sendo apreendidas com grupos criminosos, os CACs⁶ estão sendo utilizados para apoiar diversas atividades criminosas, como o tráfico de drogas, milícias urbanas e rurais e grupos de extermínio. Em São Paulo, as armas 9mm eram 2.7% das apreensões em 2017, aumentando para 7.6% em 2022. No Rio de Janeiro, no mesmo período, o aumento foi de 19% para 28% (INSTITUTO SOU DA PAZ, 2024).

Os Estados Unidos, o país mais armado do mundo, possuía em 2022, 393.300.000 armas, cerca de 120,5 armas para cada 100 habitantes. Dessas armas, a maioria é de uso particular, sendo 85% das armas da população civil. 13% fazem parte com os militares e apenas 2% pertencem a segurança pública (SANTIAGO, 2022). Ou seja, possuem mais armas na mão da população do que em posse do Estado. Apesar do discurso pró-armas ser pautado na proteção dos cidadãos, os índices de homicídios por armas de fogo nos Estados Unidos continuam sendo altos, e a população vive com medo em cenários de massacres e inseguranças (LEÃO, 2022).

⁶ CAC é a sigla para Colecionador, Atirador Desportivo e Caçador.

CAPITULO 2: O IMPACTO DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS

2.1 O Desenvolvimento da Internet

Este capítulo aborda o impacto das tecnologias digitais na sociedade, discutindo principalmente as redes sociais e os jogos eletrônicos. Mostra a história da internet e seu início no Brasil. O capítulo discute os impactos que as redes sociais trouxeram, incluindo a propagação de discursos de ódio e Fake News, e o conceito de capitalismo de vigilância. Que faz com que conteúdos prejudiciais sejam disseminados, sem proteção a menores de idade, que estão expostos a múltiplas situações de risco. A influência da extrema direita online, a necessidade de regulamentação das plataformas e o debate em torno do PL das Fake News são abordados, assim como a introdução da IA generativa e seus potenciais riscos. O desenvolvimento dos jogos eletrônicos, desde os arcades até os jogos online, juntamente com questões de representatividade, discriminação e a influência de grupos extremistas nesse meio. Por fim, o capítulo introduz o aplicativo Discord e sua dinâmica, sobre radicalização online e a importância da Sociologia Digital para compreender esses fenômenos.

O surgimento da internet ocorreu na década de 1960 nos EUA, tendo como origem a corrida armamentista entre a União Soviética e os Estados Unidos (guerra fria). Iniciada a partir de 1945, com o fim da segunda guerra mundial. O departamento de defesa dos EUA implantou a ARPA⁷ (Advanced Research Projects Agency), uma agência para incentivar a pesquisa nas universidades americanas, afim de desenvolver computadores e sistemas para conectá-los em rede e serem usados pelos militares e pelas universidades (ISAACSON, 2014, CASTELLS, 2001). Esse sistema de informação distribuído poderia fazer frente a União Soviética, utilizando a segurança da informação como um mecanismo de defesa. O termo internet passou a ser cunhado em 1982 e foi utilizado a nível mundial. Tim Berners-Lee desenvolveu a *World Wide Web* (WWW)⁸ em 1989, para facilitar o trabalho colaborativo que permitiu a navegação através de hipertextos e geração de páginas na Web (ISAACSON, 2014), facilitando o usuário pelo uso de navegadores como Netscape e o Mosaic, possibilitando a internet se tornar popular.

No Brasil em 1991 aconteceu o primeiro acesso na internet pela rede ANSP (*Academic Network at São Paulo*) da FAPESP (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo). Nesta época o acesso à internet no Brasil era uma cooperação entre as instituições que pagavam

⁷ A ARPANET foi a precursora da internet moderna, introduzindo conceitos como comutação de pacotes e protocolos de comunicação.

⁸ WWW é um sistema de distribuição de documentos de hipertexto (HTTP) interconectados e acessíveis por meio de um navegador conectado à Internet (ROCKCONTENT, 2024).

as ligações realizadas, mas com a implementação da RNP (Rede Nacional de Pesquisa) foi realizada uma diminuição dos custos, via distribuição e otimização. Em 1995 é lançado o primeiro provedor de internet comercial do Brasil. O Governo Federal desejava incrementar o desenvolvimento da internet no país, e delegou essa responsabilidade a EMBRATEL (Empresa Brasileira de Telecomunicação) para a exploração e ampliação da estrutura necessária. Sendo iniciado um serviço experimental de linha discada (internet) para 5 mil usuários (ADABO, 2014), com isso, a internet se popularizou rapidamente no Brasil.

A primeira rede social foi criada em 1995 nos Estados Unidos e Canadá, chamada Classmates, que conectava estudantes nas universidades. Em 2003 o MySpace introduziu o compartilhamento de músicas e a personalização de perfis (DE MOURA et al, 2024). O Facebook foi lançado por Mark Zuckerberg, Eduardo Saverin, Chris Hughes e Dustin Moskovitz que desenvolveram uma plataforma exclusiva para estudantes universitários (rede social) em 2004. O Facebook teve um grande crescimento desde sua criação, estabelecendo-se como a maior rede social do mundo. Ele ampliou a maneira como as pessoas interagem online, tornando-se um ponto central para o compartilhamento de eventos, fotos e pensamentos, além de introduzir recursos como o feed de notícias, que ampliaram a conexão entre usuários (DE MOURA, 2024). O cenário das mídias sociais começou a se diversificar, com o surgimento de plataformas como o YouTube, lançado em 2005, o Twitter em 2006 e o Instagram em 2010⁹. Mais recentemente, novas plataformas ganharam destaque, como o TikTok, lançado em 2016, que cativou o público jovem com seu formato de vídeos curtos e criativos¹⁰.

O Brasil é um dos países mais conectado em redes sociais do mundo, em uma população de 212,6 milhões de habitantes (IBGE, 2024). As redes sociais mais utilizadas pelos usuários brasileiros são: Whatsapp – 147 milhões de usuários; Youtube – 144,0 milhões; Instagram – 134,6 milhões; Facebook – 111,3 milhões; TikTok – 98,59 milhões; LinkedIn – 68,00 milhões; Facebook Messenger – 56,95 milhões; Pinterest – 37,14 milhões; Twitter (X) – 22,13 milhões; 10. Snapchat – 6,84 milhões (MLABS, 2024). O que torna o Brasil o 3º maior usuário de redes sociais no mundo (G1,2024). O brasileiro passa em média 5 horas por dia utilizando o smartphone (EXAME, 2024), mas quando se trata de crianças e adolescentes, os números alavancam, os jovens brasileiros passam cerca de 9 horas por dia acessando as telas, o que de

⁹ Embora diferentes em proposta, todas essas redes compartilham uma origem comum no Google, que foi criado em 1998.

¹⁰ Além disso, observou-se um crescimento nas redes sociais temáticas, como o Pinterest, voltadas para interesses específicos, e nas redes profissionais, que oferecem funcionalidades voltadas ao mercado de trabalho.

fato é prejudicial (EXTRA, 2024). Portanto o Brasil se tornou um país extremamente dependente e influenciado pelos conteúdos produzidos pelas redes sociais.

Castells (2009) define as redes como estruturas compostas por um conjunto de nós interconectados, nos quais cada nó representa um ponto de acesso, processamento ou retransmissão de informações. Esses nós podem ser pessoas, grupos, dispositivos ou instituições que compartilham dados e interagem entre si. A importância de cada nó dentro da rede não é fixa, mas variável, dependendo da sua função, posição e capacidade de influenciar o fluxo informacional. Ou seja, os nós mais centrais — aqueles que concentram maior volume ou circulação de informações — tendem a exercer mais poder dentro da rede. Segundo Clementi et al. (2017), essas redes operam a partir de dinâmicas de inclusão e exclusão. Usuários podem ser integrados ou descartados conforme sua utilidade, alinhamento ideológico ou capacidade de contribuir com os objetivos do grupo. Essa lógica permite que as redes sejam altamente adaptáveis, funcionando tanto de forma colaborativa quanto competitiva. Os sujeitos conectados podem cooperar em torno de metas comuns, mas também podem disputar espaço, influência e visibilidade dentro da própria estrutura em rede.

Nesse sentido, Acioli (2007) e Castells (2009, p. 21) compreendem as redes como estruturas comunicacionais complexas, organizadas em torno de propósitos compartilhados, mas que mantêm uma proposição flexível em sua execução. Ou seja, mesmo que exista um objetivo geral que una os participantes — como a disseminação de uma ideologia ou a organização de ações coletivas — a forma como isso ocorre é altamente adaptável, respondendo constantemente às mudanças do ambiente operacional. Isso faz com que as redes contemporâneas, especialmente as digitais, funcionem de maneira não hierárquica, fluida e descentralizada, o que favorece a proliferação de grupos extremistas, comunidades de ódio ou agrupamentos informais que se articulam em torno de discursos violentos e objetivos táticos.

Os autores Maturana e Varela (2001), Capra e Luisi (2014) afirmam que as redes de interação social têm um papel primordial, a comunicação e as tecnologias da informação desempenham uma importante função para a transformação social, pois geram uma comunicação entre os indivíduos em uma fronteira mínima do tempo e do espaço (CASTELLS,2009). Portanto a rede é definida como um agrupamento de usuários ou grupos, que são capazes de influenciar e serem influenciáveis. As ligações entre os usuários poderão ser mais fracas ou fortes, o que pode facilitar um menor ou maior intercâmbio na informação. Para a vida social as redes se comportam como uma comunicação estrutural, a distância entre os “nós” de uma rede pode ser nula se os “nós” estão ligados diretamente, mas também pode caminhar para o infinito (CASTELLS, 2009).

A revolução tecnológica dos meios de comunicação provavelmente é a mais disruptiva das tecnologias até então praticadas pela sociedade humana. A sociedade vivenciou grandes transformações causadas pelo meios digitais que alteraram os mecanismos de produção, o trabalho, a política, a educação e as relações sociais. Essa nova sociedade digitalizada trouxe grandes avanços em diversas áreas do conhecimento humano, mas o uso dos meios digitais favoreceu a propagação de ideologias de ódio. Além do vício nas tecnologias. Estudos já apontaram que uso excessivo das telas pelos jovens pode causar o aumento da ansiedade, além de isolamento social e depressão (HAIDT, 2024). O Laboratório Inteligência de Vida (LIV) é responsável por um programa de educação socioemocional realizado em 700 escolas do Brasil, produzindo um conteúdo online e gratuito para ajudar educadores e os pais a compreenderem os desafios do uso excessivo das tecnologias pelos jovens (DIÁRIO DO RIO, 2024).

2.2 Como as Redes Sociais Foram Moldadas

De acordo com Abel Reis (2018), a vida digital é fluida e fragmentada, características que transformaram as tecnologias digitais em uma cultura, um ambiente e um ecossistema que atravessa toda a existência humana. Essa transformação afeta as subjetividades, influenciando os modos de pensar, agir e sentir. “A beleza da web é essa: ela explicita quem somos, para o bem e para o mal” (REIS, 2018, p. 22). No entanto, esse ambiente digital não é neutro. Assim como a rede possibilita avanços progressistas, promove a disseminação de conhecimento e potencializa a conectividade humana, ela também pode se tornar “um pântano obscuro e perigoso, feito de conteúdos manipulados, fake news, meias-verdades e discursos de ódio” (REIS, 2018, p. 22). A internet pode ser um reflexo da sociedade humana, mas também um potencializador dos problemas sociais, que sem fiscalização, pode se tornar um terreno fértil para ações extremistas e criminosas. Conhecidos como “odiadores” ou trolls, os haters são sujeitos que, em suas interações online, priorizam o conflito e a disseminação do ódio, muitas vezes sem justificativa aparente. Suas ações podem incluir ataques verbais, assédio e discursos de ódio, promovendo um ambiente hostil nas plataformas digitais (REBS e ERNST, 2017).

O Brasil vivenciou uma experiência política de um governo de extrema direita, que utilizava da disseminação de Fake News para se fortalecer (ROCHA, 2023). Um governo marcado pelo negacionismo científico, além de discriminação de grupos minoritários e a ideologias de extrema direita. Houve também um incentivo a uma política de flexibilização do uso de armas, logo uma apologia ao ódio. Esse modus operandi também aconteceu nas eleições da Argentina e nas eleições dos EUA. No Brasil o Governo Bolsonaro produziu um ambiente

fértil para o aparecimento de diversos grupos de extrema direita hospedados em plataformas digitais que propagam a violência e o ódio (ROCHA, 2023), atingindo diretamente os jovens que passam muito tempo em frente as telas. De fato, as políticas desse governo contribuíram para o aumento do acesso a grupos de radicalização online, e também dos ataques em escolas, que explodiram a partir de 2022.

Partindo da concepção de que a sociedade é híbrida, Latour (2019) criticou a perspectiva moderna e humanista de que a interação entre humanos e não humanos não é relevante, a qual ignora os híbridos construídos através da socialização, da pesquisa e da ciência. “Nós mesmos somos híbridos, instalados precariamente no interior das instituições científicas, meio engenheiros, meio filósofos, um terço instruído sem que o desejássemos” (LATOURE, 2019, p.11). Os objetos não são apenas materiais, mas compostos a partir da estrutura de partículas e também da cultura, elementos construídos socialmente. E dissociar esses dois elementos pode resultar em uma perda tanto na produção quanto na reprodução dessa tecnologia para a sociedade (SIQUEIRA E MEDEIROS, 2011). Latour (2019) discute o conceito de capitalismo tecno científico, caracterizado pela junção do capitalismo, tecnologia e ciência. Que se configura como uma complexa rede que supera o caráter procedimental, se relacionando simultaneamente com a totalidade dos sistemas socioculturais da atualidade. Esse capitalismo alterou de forma intrínseca toda a vida social, os meios de operação econômicos, os bancos, o mundo do trabalho, o consumo e as questões sociais e humanas.

A digitalização da vida cotidiana vem acompanhada de um intenso processo de vigilância operado por grandes empresas de tecnologia. O capitalismo de vigilância¹¹ apropria-se unilateralmente da experiência humana, transformando em matéria prima gratuita para a conversão em dados comportamentais (ZUBOFF, 2021). Essas corporações têm acesso a uma quantidade praticamente ilimitada de dados gerados pelos usuários, incluindo históricos de navegação, interações sociais e preferências de consumo. Esse monitoramento permite a criação de algoritmos que não apenas moldam a experiência online, mas também reforçam bolhas de informação e padrões de comportamento. Isso explica a formação de bolhas em que circulam apenas um tipo de ideologia, através de posts e comentários.

Quando um jovem acessa uma única vez um conteúdo extremista ou violento, o algoritmo entende que ele aprecia este tipo de conteúdo, e mostra para ele continuamente coisas similares. Ou seja, independentemente de ser prejudicial ou não, o algoritmo repete os conteúdos porque isso gera lucro, quanto mais acessos, mais cresce a receita. Inclusive

¹¹ Capitalismo de vigilância é um tipo de capitalismo que monetiza dados dos usuários adquiridos por vigilância.

postagens conspiratórias, Fake News e violência são o que geram mais engajamento online, então sempre irão estar presentes no feed das redes sociais. O objetivo dessas empresas é maximizar seus lucros através da personalização de conteúdos, utilizando o conhecimento detalhado das preferências pessoais para direcionar publicidade e influenciar escolhas. Empoli (2020) discursa sobre o vício em telas, e como as redes sociais foram estruturadas para que seus usuários fossem meticulosamente atraídos e mantidos nas plataformas.

A arquitetura do Facebook é toda sustentada sobre a necessidade de reconhecimento, como admite o seu primeiro financiador, Sean Parker. Nós fornecemos a você uma pequena dose de dopamina cada vez que alguém curte, comenta uma foto ou um post, ou qualquer outra coisa sua, é um loop de validação social (DA EMPOLI, p. 75, 2020).

Fisher (2023) cita que a estratégia das redes sociais, mais especificamente do Facebook, era consumir o máximo possível do tempo de seus usuários, que quanto mais usassem, mais gerariam capital. Além de mecanismos emocionais para que ficassem viciados e continuassem utilizando sucessivamente, gerando um “efeito cassino”. É o que se pode chamar de mais valia do olhar (BUCCI, 2021), sendo em jogos ou redes sociais, o olhar se torna monetizado nessa moderna forma de acumulação de capital. A mais-valia é fruto de um excedente quantitativo de trabalho em uma duração prolongada, gerando lucro ao capitalista (MARX, 2014). A mais valia representa a diferença entre o salário pago e o valor produzido pelo trabalho, são horas que o trabalhador cumpre e o valor que ele gera pelos quais não é remunerado. A produção capitalista é principalmente produtora de mais valia, ou seja, o trabalhador não produz mais para si com antigamente, e sim para o capital.

Porém o capitalismo do século XXI sofreu mudanças expressivas quando se tornou um capitalismo de vigilância. O valor deixou de ser apenas relacionado a um bem material físico, para se tornar também um desejo abstrato. O corpo da mercadoria tem perdido espaço para a imagem da mercadoria, o capitalismo passou a explorar o olhar como um trabalho (BUCCI, 2021). O mercado aprendeu como capturar e monetizar a atenção em uma nova modalidade de negócios que se destacou nos planos produtivos e cálculos da indústria. O conceito de economia da atenção explicita o modelo de extrativismo dos sentidos humanos “a economia da atenção consiste em mercadejar com o olhar, com os ouvidos, o foco de interesse e a curiosidade um tanto aleatória dos consumidores” (BUCCI, p. 18, 2021). O usuário é mão de obra gratuita ¹², é matéria prima, pois as histórias narradas são as deles e também é mercadoria, os dados pessoais

¹² Um exemplo são os termos de uso das redes sociais, que a maioria das pessoas não leem, e concordam em compartilhar seus dados de privacidade.

são comercializados amplamente, enquanto o usuário se diverte e ganha afagos em seu narcisismo. Alguns ficam viciados, outros se deprimem, cometem suicídios, realizam atentados em escolas, enquanto as empresas acumulam cada vez mais capital a uma taxa nunca vista antes.

Com os avanços da tecnologia, a sociedade se encontra cada vez mais conectada, as mídias sociais e os jogos são o palco de toda essa grande interação virtual. Segundo Silva (2017), o ciberespaço concentra informações que transitam em alta velocidade, propagando ideologias que podem favorecer ou não a democracia. Entende-se discurso de ódio como o ato de insultar, intimidar ou assediar pessoas com base na raça, cor, etnia, nacionalidade, gênero, orientação sexual e religião, instigando a violência e a discriminação (SILVA et.al, apud WINFRIED BRUGGER, 2017). Para Costa (2021) essa conectividade também traz à tona pessoas que utilizam a ferramenta de maneira ofensiva, que podem se esconder atrás de uma tela com a sensação de impunidade.

Os discursos discriminatórios, também denominados Discursos de Ódio ou Hate Speech, que consiste em uma expressão de pensamento de maneira depreciativa voltado a um determinado grupo da sociedade, com o intuito de desqualificar, menosprezar e humilhar indivíduos. Frente aos abusos da liberdade de expressão, os discursos de incitação ao ódio às minorias sociais ultrapassam os limites estabelecidos naturalmente pelos direitos do outro, surgindo para o Estado o direito de intervir (COSTA, p. 324, 2021).

A extrema direita é um fenômeno político marcado por traços de nacionalismo exacerbado, autoritarismo, misoginia, racismo e xenofobia. Sua ideologia prioriza o tradicionalismo da identidade nacional e da ordem social hierárquica, demonstrando desconfiança em relação às instituições democráticas (SILVA et.al, 2014). As chamadas novas direitas no Brasil se solidificaram através das redes sociais, segundo Nobre (2022) a política de direita passou a ser digitalizada, e foi nesse momento que o Bolsonaro começou a ter a fama que conquistou. Segundo Rennó (2022) o bolsonarismo representa um alinhamento conservador de direita, e é composto por dimensões consistentes em aderir a políticas conservadoras focadas em costumes. Não deixa de ser um fenômeno multidimensional, que agrega diferentes eleitores, mas foi capaz de unir públicos que antes estavam dispersos. É uma política estruturada, que não se resume em apenas eleitores iludidos, mas que utiliza da internet como uma de suas estratégias principais. O partido digital da extrema direita cresceu nas ruínas da crise política brasileira, e se condensou ao Bolsonaro chegar à presidência.

O bolsonarismo é o primeiro movimento da política brasileira que utiliza como eixo fundamental a incitação do ódio (ROCHA, 2023), a criação de inimigos, a retórica do ódio e a

desinformação, que formam as características da extrema direita brasileira. A ultradireita utiliza do ódio como combustível para o processo de radicalização, e é no ciberespaço onde se alimentam dos discursos de ódio enlaçados em humor e da ridicularização de minorias através de memes, atraindo cada vez mais indivíduos até seus fóruns. Além de só aceitarem informações que vierem de suas próprias mídias extremistas, não acreditando em nenhuma outra fonte, mesmo que seja confiável, eles vivem em uma dimensão paralela (ROCHA, 2023). Utilizam de teorias da conspiração e uma narrativa dicotômica de nós e os outros, no qual os outros seriam uma ameaça à civilização branca e um inimigo que deve ser imediatamente eliminado. Incentivando as práticas extremistas disfarçadas em um discurso de liberdade de expressão.

Acerca dessa lógica, é válido refletir sobre o impacto da misoginia de Ultradireita na mentalidade masculina, que combina um androcêntrismo violento, reforçando estereótipos da masculinidade hegemônica, conjuntamente com um processo de politização radical direitista, iniciado através da própria inserção nos fóruns, e da atração gerada pelos memes de humor degradante (Farias, 2023, p.5)

Desde a infância, os meninos são estimulados a desenvolver atributos como força, resistência e competitividade, enquanto traços ligados a vulnerabilidade como tristeza e medo, são reprimidos. Esse processo de socialização tende reforçar a ideia de que a agressividade é um traço desejável e até necessário para a afirmação da masculinidade. Connell (1995), em sua teoria da masculinidade hegemônica, argumenta que existe um modelo dominante de masculinidade que subordina outras formas de ser homem. Esse modelo promove uma valorização do poder, do controle e também do uso da violência como um meio legítimo de imposição da autoridade.

Bourdieu (2002) analisa como a violência simbólica molda os comportamentos masculinos, levando homens a internalizar a agressividade como algo normal. O poder simbólico, se define como um poder que existe para a manutenção do status quo, operando implicitamente na sociedade. Os símbolos possuem o importante papel de integrar, e é pela reprodução que eles se difundem. A dominação simbólica seria a perpetuação de uma classe sobre outra por meio da violência simbólica, contudo, segundo o autor “o poder simbólico é, com efeito, esse poder invisível o qual só pode ser conhecido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem” (BOURDIEU, 1989, p. 7-8). Portanto, a dominação masculina é historicamente construída e reproduzida por meio de práticas sociais, linguagem e simbolismos. O autor argumenta que a masculinidade está

profundamente enraizada nas estruturas de poder e que a violência, tanto simbólica quanto física, desempenha um papel crucial na manutenção desse domínio (BOURDIEU, 2002).

Ging (2019) examina como diferentes formas de masculinidade são construídas e negociadas dentro da manosfera¹³, essas comunidades organizam suas próprias hierarquias internas de masculinidade, as categorias são: Alphas, homens considerados dominantes, fisicamente atraentes e bem-sucedidos, que supostamente exercem controle sobre as mulheres e a sociedade. Betas, homens considerados submissos, que supostamente não conseguem atrair mulheres e vivem à sombra dos alphas. E incels, a camada mais inferior dessa hierarquia, formada por homens que se percebem como fracassados e culpam as mulheres e a sociedade por sua exclusão. Segundo Ging (2019) essa lógica reforça a frustração masculina, e incentiva discursos de ódio, justificando a violência como forma de vingança ou restauração da masculinidade. É importante pensar como a dinâmica da manosfera influencia jovens e potencializa discursos violentos, as plataformas como Discord, TikTok e fóruns extremistas são utilizados para propagar ideologias misóginas e de extrema direita. Sobre os incels, Ferreira (2023) disserta que muitos jovens considerados estranhos por serem gamers e nerds se unem nas comunidades online e catalisam essa frustração, pois encontram outros garotos que compartilham do mesmo sentimento. Assim alimentam essa raiva organizando ativismos de ódio direcionados a mulheres.

Curiosamente, o termo incel—abreviação de “celibatário involuntário”—foi criado por uma mulher. Nos anos 1990, uma usuária criou um site para pessoas que enfrentavam dificuldades em estabelecer relacionamentos românticos ou sexuais. A proposta original da plataforma era inclusiva e aberta a todos, sem foco específico em gênero. Com o tempo, a ideologia do fórum mudou, transformando-se em uma subcultura online que se distanciou completamente de seus princípios iniciais (AIOLFI et. al, 2024). Com o avanço da internet e das redes sociais, esses espaços passaram a difundir e legitimar discursos misóginos, racistas e violentos (BYERLY, 2020). Atualmente, a comunidade incel integra um segmento da chamada manosfera, esses espaços frequentemente adotam retóricas antifeministas e misóginas, além de se sobreporem a ideologias de extrema direita, alt-right e nacionalismo branco.

Os incels se veem como uma comunidade de homens que são forçados a permanecer celibatários contra sua vontade. Ao contrário de outros grupos dentro da manosfera, eles tendem a se enxergar como vítimas de uma situação que lhes foi imposta. O discurso nos espaços incel revela uma forte frustração em relação à sua condição, com o celibato sendo apresentado como

¹³ Manosfera é um ecossistema digital composto por comunidades online que promovem visões antifeministas, misóginas e extremistas.

algo involuntário e externamente determinado. Embora culpem principalmente as mulheres por sua situação, também atribuem a responsabilidade à sociedade e à genética, sugerindo que esses fatores contribuem para seu isolamento afetivo e sexual (AIOLFI et. al, 2024). Embora o fenômeno incel possa ser compreendido como uma variação contemporânea de um sistema misógino e patriarcal já existente, ele também deve ser analisado no contexto político e cultural em que se insere. Existe uma intersecção clara entre a comunidade incel e as ideologias de extrema direita, manifestada por meio de crenças compartilhadas e pela presença de indivíduos de ambos os grupos em espaços de discurso online (COTTEE, 2021).

A internet pode ser dividida em 3 partes, a Surface Web, a Deep Web e a Dark Web. A primeira é a ponta do iceberg, representando a parte da internet, que se acessa diariamente através dos buscadores, e é indexada ¹⁴. É a internet aberta. Já a Deep Web é identificada como a maior parte do iceberg, mais submersa. Contém páginas que não são indexadas pelos buscadores, como empresas, bancos online, arquivos em nuvem, etc. O acesso a essa parte geralmente requer login e senha. E a Dark Web é uma pequena parte da Deep Web, oculta e acessível apenas com softwares específicos. Ela se caracteriza pelo anonimato e pela dificuldade de rastreamento dos usuários. Tradicionalmente, a Dark Web era o principal espaço para o compartilhamento de conteúdo violento, ideologias extremistas e atividades ilegais como tráfico de drogas, venda de armas e serviços de hacking (ARAÚJO E JÚNIOR, 2023). Porém atualmente as redes sociais e aplicativos abertos de fácil acesso também se tornaram plataformas para a disseminação de conteúdos extremos.

Outro ponto importante é que as empresas de tecnologia não se responsabilizam pelos conteúdos que são disseminados em suas plataformas, amparando-se na liberdade de expressão e na proteção de dados. Sempre utilizando do mesmo discurso de que estão investigando e banindo conteúdos criminosos, mas continuam hospedando grupos que disseminam ódio, como os grupos de radicalização do Discord que são objeto dessa pesquisa. Estão em pauta uma série de discussões sobre a regulamentação das plataformas digitais no Brasil, o projeto de lei criado em 2020 conhecido como PL da Fake News (PL 2.630/2020), que institui a Lei Brasileira de Liberdade, Responsabilidade e Transparência na Internet, encontra dificuldades para ser aprovada pelo congresso. Devido à forte oposição dos partidos de direita, além do Lobby das Big Techs americanas (Metrópolis, 2023) que colocaram em evidência em suas plataformas notícias falsas sobre a PL, como por exemplo que ela iria censurar a religião na internet. Entre as imposições estão limitar contas de um mesmo usuário, coibir contas falsas e robôs e garantir

¹⁴ Uma página é indexada quando ela é monitorada pelo rastreador do Google (por exemplo), passa por uma análise de conteúdo, e é armazenada no índice do Google.

a exclusão imediata de conteúdos inadequados como discursos de ódio e violência. Além de responsabilizar as empresas pelos conteúdos presentes em suas plataformas, as quais possuirão o dever de retirar esses materiais do ar.

Segundo o Portal da Câmara Legislativa (2023) existe uma dificuldade para se ter uma política pública efetiva, pois existe uma grande ambiguidade na comunicação digital. Os conteúdos são criados e disseminados por todo um ecossistema digital, através de influenciadores que camuflam o verdadeiro teor do conteúdo e muitas vezes não são compreendidos como radicais. O Marco Civil da Internet existe desde 2014 (Lei 12.965), criada para estabelecer o direito ao uso dos meios digitais, além da liberdade de expressão, porém não responsabiliza as redes sociais pelos conteúdos compartilhados. O STF no mês de novembro de 2024, voltou a discutir essa Lei para realizar uma votação de um texto que condiga com os avanços da internet, assim como o uso de IA (Inteligência Artificial), afim de responsabilizar as empresas de tecnologia pelos conteúdos disseminados em suas plataformas, e exigir que haja uma moderação e exclusão de conteúdos quando infringirem as leis (INFOMONEY, 2024).

Em janeiro de 2025, o CEO da META¹⁵ Mark Zuckerberg anunciou mudanças estruturais nas políticas de utilização das redes sociais gerenciadas por ele. Que consistem em retirar ou flexibilizar os filtros de proteção, os que blindam principalmente a desinformação (Fake News), filtros de censura contra conteúdos violentos, pornográficos, de pedofilia e extremistas como neonazismo, supremacia branca, LGBTQIAfobia e racismo. Com os argumentos de que esses filtros injetam censura e ferem a liberdade de expressão (PINOTTI, 2025). O mais curioso é que a empresa somente tomou essas medidas após o presidente Donald Trump ser eleito, político de extrema direita que apoia essas medidas de “liberdade de expressão” exacerbada na internet, para as Fake News – *modus operandi* desses governos – circularem livremente pelas redes sociais. Isso consequentemente vai aumentar a quantidade de jovens acessando conteúdos prejudiciais, entrando em grupos de radicalização cada vez mais cedo e sendo potenciais agressores de si e dos outros.

Uma nova tecnologia denominada de Inteligência artificial (IA)¹⁶ generativa promete ser a maior inovação das tecnologias da informação. A IA dará mais veracidade as Fake News, ficando mais difícil a sua identificação. Certamente a disseminação de grupos de ideologia de ódio será ampliada, isso é extremamente preocupante para o Brasil pelo seu constante uso de

¹⁵ Empresa dona do Facebook, Instagram, Whatsapp e Threads, uma das empresas mais influentes da tecnologia.

¹⁶ Essa nova IA será capaz de executar trabalhos complexos tais como a produção ilimitada de conteúdo digital e controle de serviços públicos. Essa tecnologia poderá ser uma ameaça e causar perturbações a geopolítica internacional. Além possibilitar ataques cibernéticos e guerras automatizadas (SULEYMAN, 2024).

redes sociais, que pautam cada vez mais a vida cotidiana. Como serão impactados os jovens brasileiros que permanecem diariamente conectados nas redes? Isto poderá aumentar os casos de violência nas escolas e outros crimes digitais.

A Sociologia Digital, é uma área dentro das Ciências Sociais que tem ganhado destaque não só por ser ampla e atual, mas também pelas técnicas que oferece para auxiliar o método tradicional sociológico, além de estudar os fenômenos e impactos causados pelas tecnologias digitais. Descrever as relações sociais que surgem mediadas pelas tecnologias da informação e digitais estabeleceu um vasto campo de estudo do Big Data ¹⁷ para esta nova área da sociologia. Com os problemas sociais surgidos ou espelhados através da tecnologia (redes sociais), este novo campo da Sociologia se tornou importante para análises e compreender os fenômenos relativos à internet, e as mudanças que a sociedade sofreu ao longo dos anos ao se tornar digitalizada. De acordo com Nascimento (2020), o avanço das tecnologias digitais não só transformou a vida cotidiana, como também alterou o próprio ofício da sociologia.

A sociologia digital não diz respeito somente à especificidade dos objetos que ela pesquisa, nem tampouco em relação ao uso de ferramentas digitais. O ponto central, na minha opinião, reside nas relações que precisam ser estabelecidas entre os métodos digitais, os dados sociais produzidos pelas tecnologias digitais e o legado das teorias sociológicas que nos foram úteis ao longo do século XX (Nascimento, 2020, p. 15).

As relações sociais passaram a ser mediadas por plataformas digitais, criando novas formas de vínculos que conectam pessoas em todo mundo, porém podem aumentar a sensação de isolamento em meio à hiperconectividade. No trabalho surgiram modelos que prometem mais flexibilidade, mas trazem incertezas e precariedade. Os modos de produzir, consumir e compartilhar arte, música, e outros bens culturais se modificaram, ficando talvez mais acessíveis. Ainda assim, esse novo acesso vem seguido de uma centralização de poder nas mãos de grandes plataformas, que moldam as tendências globais. Nesse cenário, a sociologia se encontra no desafio de compreender como essas transformações alteram as relações sociais e os comportamentos pessoais. É essa complexidade que o digital trouxe à vida humana que continua a indagar sociólogos e pensadores, exigindo novas óticas para entender esses fenômenos. Nesta pesquisa utilizamos da sociologia digital para analisar as interações virtuais entre jovens nos grupos de radicalização online.

¹⁷ Big Data é um conjunto de dados grandes e complexos que podem ser analisados para revelar padrões, tendências e associações, especialmente relacionados a interações e comportamentos sociais.

2.3 Jogos Eletrônicos e os Problemas da Comunidade Gamer

As primeiras tentativas de criar jogos eletrônicos surgiram entre as décadas de 1950 e 1960 nos Estados Unidos, como parte das inovações tecnológicas impulsionadas pelas primeiras máquinas e computadores. Em 1972, considerado o marco inicial da indústria de jogos eletrônicos, Nolan Bushnell, um engenheiro da Universidade de Utah, criou a primeira máquina arcade exclusiva para games. Em 1976, a Atari¹⁸ revolucionou novamente ao desenvolver um projeto para levar os jogos eletrônicos para dentro de casa (LEITE, 2006). Esse avanço marcou a transição das grandes máquinas arcade, que ocupavam espaço em locais públicos, para consoles domésticos menores e mais práticos, tornando os jogos mais acessíveis ao público, aumentando a popularidade. Esses consoles foram aprimorados ao longo do tempo, adotando controles mais ergonômicos, conhecidos como joysticks, que facilitaram a experiência do jogador. Além disso, introduziram o conceito de cartuchos, permitindo que os usuários adquirissem diferentes jogos separadamente, o que contribuiu para o crescimento e a diversificação da indústria de games, e conseqüentemente ao lucro.

O final do século XX e o início do XXI foram marcados por grandes avanços tecnológicos, incluindo inovações significativas no universo dos games. Nessa época, surgiram novas gerações de consoles e computadores, cada vez mais preparados para rodar jogos com melhor desempenho. Antes mesmo da popularização da banda larga, em 1991, foi lançado o primeiro jogo online nos Estados Unidos, um jogo de xadrez solo¹⁹ (ANDRADE, 2022). A conexão mais veloz²⁰ e acessível permitiu que os jogadores interagissem em tempo real, formando uma comunidade cada vez mais engajada e diversificada. Isso permitiu que se criassem comunidades de jogos online, surgindo novas culturas como a cultura gamer, moldando comportamentos e interações. Hoje, a diversidade de games é imensa, abrangendo desde jogos para smartphones até consoles e computadores, com opções para jogar online com outros jogadores ou de forma individual, atendendo a diferentes perfis e preferências. Uma pesquisa da Global Gamer Study (2023) mostrou que 79% de todos os usuários online do mundo se engajam em jogos eletrônicos (MURAD, 2023).

Segundo Ferreira (2023) as empresas como Nintendo, Microsoft e Playstation dominaram o mercado de games e conquistaram popularidade através da criação de personagens e enredos. A cultura pop deixou de ser apenas voltada para músicas e filmes e

¹⁸ Empresa de games norte americana, que foi uma das pioneiras no ramo.

¹⁹ A conexão, realizada por meio de linhas telefônicas, era extremamente lenta e cara, tornando-se inacessível para a maior parte da população.

²⁰ Com a chegada da banda larga em 1997, a história dos jogos online mudou radicalmente.

passou a abarcar referências de videogames, aproximando os grupos de gamers, geeks e nerds. A indústria dos jogos eletrônicos é uma das mais promissoras no setor de entretenimento, essa indústria se consolida a maior de todas, ultrapassando a indústria cinematográfica. O Brasil representa o maior mercado de games da América Latina e o 10º do mundo, movimentando cerca de US\$ 8 bilhões no ano de 2024 de acordo com a pesquisa da Comscore²¹ (FIEE, 2024). Segundo a Pesquisa Game Brasil (2024), realizada com 5.830 pessoas, os jogos digitais são o hobby de cerca de 73,9% brasileiros. Segundo a pesquisa, o público feminino tem sido dominante no consumo de jogos, representando um total de 50,9%, enquanto o público masculino representa 49,1%.

Porém indo mais a fundo na pesquisa, percebe-se que dizer que as mulheres são maioria entre os jogadores não é tão simples. Sobre o perfil dos jogadores, a pesquisa divide em diversas categorias. Começando com “Casual Gamers”, aqueles que utilizam o entretenimento ocasionalmente, e os “Hardcore Gamers”, que jogam frequentemente. Dos que jogam casualmente, 61,9% são mulheres, enquanto 35,5% são homens. Já os que jogam frequentemente, 61,3% são homens e 39,2% são mulheres. Outros dados relevantes que a pesquisa apresenta são que somente 33,9% das mulheres jogam no computador, já os homens representam 66,1% desta categoria. Nos consoles (videogames) foram 33,7% mulheres e 63,7% homens. Elas são maioria apenas entre os jogadores de celular, representando 70,5%, enquanto os homens foram 29,5%. Mostrando que apesar das mulheres ocuparem este espaço, ainda não o dominam, ou seja, não são um público majoritário no que se refere a quantidade de tempo e pertencimento, principalmente nos grupos de jogos.

Em relação a etnia, 52,3% se definiram como pardos (41,2%) e pretos (11,2%), somando 52,3% em negros. Seguidos por jogadores que se declaram brancos (44,6%). Sobre a classe social, a pesquisa identificou que a maioria dos usuários de jogos eletrônicos são pertencentes a classe média (B2, C1 E C2), totalizando 64,8%. A classe média-alta (B1) representa 11,6% do público, a classe alta (A) representa 15,8% e as classes D e representam 7,8%. Os dispositivos favoritos para jogar são os celulares, devido ao fácil acesso. 48,8% preferem jogar em dispositivos móveis, 22,6% optam pelos computadores, e 21,7%, tem os consoles (videogames) como favoritos (FORBES, 2024). Portanto, essa realidade faz com que a indústria de games seja majoritariamente branca e de classe média. Nos últimos anos jogar vídeo game deixou de apenas brincadeira, abriu-se uma possibilidade lucrativa, principalmente

²¹ Comscore é uma empresa americana de análise da internet que fornece a grandes empresas suas pesquisas.

no e-sport, termo usado para as competições organizadas de jogos eletrônicos, o qual é majoritariamente branco e masculino. (CORREIO NAGÔ, 2021).

Apesar de ser uma indústria que movimenta muito capital e ser popular entre os brasileiros de diversas representações, existem alguns problemas de socialização neste universo dos jogos eletrônicos. Embora haja um esforço coletivo em prol da representatividade e de uma convivência saudável nesses espaços, há um discurso de ódio marcado pelo preconceito, não só do machismo como do racismo e da LGBTQIA+fobia, que demonstram um terreno fértil para a extrema direita. Uma pesquisa realizada pela Anti-Defamation League (ADL), ONG norte-americana, que busca combater a difamação, mostrou que 74% dos jogadores de games online já sofreram algum tipo de discriminação durante as partidas. Destes, 53% foram vítimas com base em gênero raça, identidade de gênero, orientação sexual ou etnia (CHIANDOTTI, 2020).

Um estudo do Reino Unido realizado pelo Institute for Strategic Dialogue, chamado de Gaming and Extremism, mostrou que as plataformas mais populares relacionadas a jogos (Steam²², Discord e Twitch) estavam ligadas a cerca de 300 comunidades radicais (LUCA, 2021). Os pesquisadores descobriram vários compartilhamentos de imagens promovendo atividades de grupos terroristas, além de transmissões ao vivo realizadas por grupos de supremacia branca. Também foi observado o recrutamento de novos usuários para realizar atividades de ataque aos seus oponentes, ou seja, perseguir online grupos minoritários, como se fosse um jogo da vida real. É assim que eles se iniciam no radicalismo. Apesar do foco da pesquisa ser em território britânico, foram encontrados canais de todo o mundo, evidenciando a necessidade de se concentrar nesse problema.

Para Dyer-Witthford e De Peuter (2020) a *all-right*, a direita alternativa americana cooptou os gamers e os direcionou a tomar atitudes reacionárias com base em uma visão deturpada de integridade, comum a este movimento²³. Este evento repercutiu também no Brasil, contribuindo para uma formação de uma identidade gamer, masculina, branca, hétero e de extrema direita. Para Mussa (2019), a cultura gamer no Brasil está envolta em um criptofascismo²⁴, e os usuários “são usados como isca para levar quem a morde a um conjunto de premissas ideológicas completamente desvinculados do mundo do jogo e da ludicidade” (MUSSA, 2019, p. 60), o que segundo o autor, aproximou a comunidade gamer da extrema direita, abrindo uma porta para a radicalização e o acesso à conteúdos mais perturbadores.

²² Plataforma em que se comercializam jogos e criam-se comunidades de jogos.

²³ Jogos de estratégia ambientados em cenários de guerra, como Call of Duty ou Battlefield possuem comunidades ligadas à extrema direita.

²⁴ Movimento de grupos fascistas que escondem a realidade de seu pensamento e plantam pequenas pistas. Esse comportamento é para que possa atrair a atenção de simpatizantes sem deixar claro suas intenções.

Ironicamente, a videosfera da extrema direita produz com o discurso antipolítico o efeito inerentemente político de alargar a janela do discurso aceitável para o lado direito do espectro ideológico, dificultando a discussão de temas ligados a sexualidade, raça, gênero e injustiça social nos videogames (MUSSA, p. 63, 2019).

Um importante acontecimento em relação ao tema, foi o GamerGate, um movimento de mobilização virtual que ocorreu nos Estados Unidos no ano de 2014, organizado por maioria masculina e branca, contra uma suposta “perseguição” que eles sofriam, vindo de camadas historicamente excluídas, como mulheres, LGBTQIA+ e não-brancos. Para Cavalcante da Silva (2022), esse movimento foi na prática uma tentativa de deslegitimar a crítica aos jogos eletrônicos e manter o status quo. Mortensen (2018, p. 13) denomina o GamerGate como o “ponto fraco da cultura de participação”, e um exemplo de como tecnologias criadas para dar voz podem também silenciá-las” (CAVALCANTE DA SILVA, p. 36, 2022).

Steve Bannon, estrategista do governo Trump e conhecido como o responsável pela propaganda política nas redes sociais, utilizou do ambiente gamer para disseminar ideologias de direita (EMPOLI, 2020). Em 2005 Bannon parte para Hong Kong para aprender sobre o mundo dos jogos e participar de negócios, se interessando pelas comunidades digitais. Para o autor, online existem milhões de jovens prontos para mobilizar um poder de fogo enorme contra empresas e governos, “claro, é um mundo anárquico, composto de comunidades difíceis de controlar e impregnado de uma cultura misógina e hiperviolenta, ao menos na dimensão cibernética” (EMPOLI, p.96, 2020).

Desde o início de sua criação, os jogos tiveram homens brancos e héteros como seu público principal, devido grande parte de seus conteúdos serem focados em atividades estratégicas e violentas, temáticas tradicionalmente direcionadas à masculinidade. Em relação a cor, os jogos eram menos acessíveis à população negra, pois o racismo estrutural presente no Brasil está diretamente ligado à desigualdade social, e o acesso à tecnologia é um dos principais indícios. Fazendo com que o direcionamento dos jogos durante muito tempo fosse voltado ao público masculino e branco, sendo negros e mulheres como secundários. Apesar de atualmente os jogos estarem mais acessíveis, principalmente pelo uso do celular, e as mulheres representarem uma grande parcela de jogadoras (Pesquisa Game Brasil, 2024), a alguns anos atrás esse aspecto era diferente. Além da sexualização de personagens femininas, o que era para agradar ao público masculino, não era bem visto meninas jogarem videogame. A maior parte de usuários de jogos na infância e na adolescência eram meninos, exceto pela geração atual.

Uma pesquisa da MindMiners (2021) teve o objetivo de investigar como os jogadores brasileiros se relacionam com o videogame desde a infância, ela mostrou que elementos como

acesso, posse e tempo gasto foram mais associados a homens do que a mulheres. Sobre ter um Playstation²⁵ em casa, 72% dos homens possuíam o videogame na infância e na adolescência, enquanto apenas 41% das mulheres o tinham nessa faixa etária. 80% dos homens que possuíam um Playstation em casa afirmaram que eram donos do objeto, esse número cai para 40% para o público feminino. Em relação a tempo gasto jogando, 45% do público masculino jogavam diariamente na adolescência, enquanto 19% das mulheres tinham esse comportamento. Em relação a sexualização de personagens femininas, 61% dos homens sentiram mais interesse em jogar o jogo com a capa que tinha uma personagem sexualizada, em contrapartida, 39% das mulheres aprovaram.

Esses dados revelam um cenário desigual no qual os homens têm maior acesso, posse e tempo dedicado aos videogames. Além disso, a pesquisa aponta para a permanência de estereótipos de gênero, especialmente em relação à sexualização de personagens femininas. Criou uma comunidade gamer masculina desde o início dos jogos, há anos essa comunidade vem se consolidando, e há pouco tempo quando as mulheres começaram a exigir representatividade e ocupar espaços, já havia uma cultura gamer que dificultava essa participação. A estrutura desse ambiente foi moldada para a masculinidade e heteronormatividade, embora a participação feminina tenha aumentado, ainda existem diversos problemas relacionados, assim como comunidades extremistas ligadas aos jogos. Atualmente os games possuem uma maior diversidade de personagens femininas, negros e LBGQTQIA, resultando em mais representatividade. Eles apresentam diversos aspectos positivos, se não a maioria deles, os problemas aqui citados são relacionados a cultura de alguns gamers, não é um objetivo deste trabalho atribuir responsabilidade aos jogos eletrônicos por essas ações.

2.4 Os Grupos de Radicalização do Discord

O aplicativo Discord foi criado em 2015 por Jason Citron, um programador e jogador de videogames, que buscava um aplicativo de bate-papo para que as pessoas pudessem se comunicar enquanto jogavam online. É um aplicativo bem dinâmico, onde é possível realizar chamadas ao vivo, conversar por chat, compartilhar links, imagens e vídeos, essa plataforma conquistou bastante o público gamer pela sua gama de funcionalidades. Durante a pandemia, acabou deixando de ser utilizado apenas para o uso de adeptos de jogos online e passou a ser um dos principais meios de comunicação entre os jovens confinados em suas casas por conta da Covid-19 (O Globo, 2023). Atualmente existem mais de 150 milhões de usuários desse

²⁵ Playstation é um dispositivo feito exclusivamente para jogar videogame, consiste em uma das empresas de jogos mais famosas atualmente.

aplicativo pelo mundo, distribuídos em milhares de servidores (grupos), podendo ser públicos onde qualquer pessoa pode ter acesso, e privados, sendo necessário um convite de um membro interno. Tais grupos abordam os mais variados assuntos, desde hobbies até debates sérios. Porém, nem todos os servidores têm propósitos benignos, existindo alguns que utilizam da plataforma para cometerem crimes. Abaixo segue a imagem da logo do Discord.

Figura 4 - Logo do Discord



Fonte: Imagens do Google, 2024

O Discord representa a camada mediana da internet, que flutua entre as redes sociais mais populares (maistream) e a Dark Web²⁶. Assim como outras redes como o Reddit²⁷ e o Twitch²⁸, que mesclam vocabulários e referências das redes maistream com os conteúdos radicalizados dos fóruns e chans²⁹ (FERREIRA, 2023). Após o aumento dos casos de massacres nos EUA, diversos chans foram excluídos permanentemente, fazendo com que os usuários migrassem para outras plataformas como o Discord. Essas plataformas podem ser entendidas como um espaço de cultura participativa, em que as pessoas deixam de ser apenas consumidoras e passam também a produzir conteúdos que são disseminados em comunidades e redes sociais (FERREIRA apud MASSANARI, 2015). Gerando um impacto dentro da comunidade,

²⁶ A Dark Web é uma parte da internet que não é indexada pelos mecanismos de busca tradicionais. Ela se caracteriza pelo anonimato e pela dificuldade de rastreamento dos usuários.

²⁷ O Reddit é uma plataforma online que funciona como um grande fórum ou um conjunto de fóruns temáticos.

²⁸ O Twitch é uma plataforma de streaming ao vivo, muito popular entre gamers, mas que também abrange outras áreas como música, arte, culinária e conversas em geral.

²⁹ Chan é um termo da internet que se refere a um tipo específico de fórum online anônimo.

fortalecendo o grupo e permitindo que o usuário se sinta valorizado por contribuir. Que além de gerar a sensação de pertencimento, também faz com que o usuário se sinta útil.

Alguns servidores conhecidos como TCC (True Crime Community) e “Painéis” – como se referem alguns de seus membros – se tornaram espaços de radicalização. A TCC é uma comunidade online focada em crimes reais, que pode ser descrita como uma subcultura que abriga discursos de extremismo violento, incluindo a presença de incels (celibatários involuntários) neofascistas e neonazistas. Os assuntos versam sobre discurso de ódio, misoginia, racismo, culto às armas, conteúdos de violência explícita (gore) e idolatria à massacres. São bastante ligados a comunidade “gamer”, ou seja, de quem utiliza jogos online. Nesses jogos existem chats de conversa que são apagados automaticamente em um determinado tempo, facilitando o envio de links de grupos sem vestígios. Além de compartilharem links por outras redes sociais como TikTok e Twitter (X). Algumas comunidades incentivam crimes de forma explícita, como as AAS (Assassinos, Atiradores Escolares e Supremacistas Brancos) descritas por Schurig (2023). Nessas comunidades, circulam conteúdos extremistas que promovem o neonazismo, incitam o ódio contra minorias e disseminam mensagens que incentivam tiroteios em escolas.

São realizados desafios, que muitas vezes, envolvem comportamentos extremos e prejudiciais, como agressões a animais, estupro virtual, compartilhar conteúdos íntimos, auto lesionar-se ou atacar outras pessoas. Tudo isso compartilhado ao vivo através de chamadas de vídeo, em que os membros assistem e dão sugestões para os atos. Lulz é como são chamados os desafios de degradação pessoal. Jovens, muitos deles menores de idade, que participam dessas práticas podem acabar sendo chantageados posteriormente, forçados a revelar informações pessoais ou a realizar novos atos sob ameaça de exposição – prática chamada de doxxing/explanação – violência ou até morte. Essa dinâmica cria uma relação de dependência e controle entre os líderes dos servidores e os participantes, tornando difícil para as vítimas romperem com essas comunidades. Segundo relatos, quem entra nesses grupos e chega a participar, se torna refém e encontra dificuldades para sair, pois podem ser ameaçados e perseguidos em outras redes sociais, chegando até a ameaças no mundo real. A tabela abaixo apresenta as categorias e gírias utilizadas pelos membros dos grupos radicalizados.

Tabela 2 - Categorias dos grupos de radicalização do Discord

Panelinha	Nome informal usado para se referir a grupos fechados de radicalização.
TCC	Comunidade que discute crimes reais, muitas vezes romantizando ou idolatrando criminosos.
Calls	Chamadas de voz ou vídeo ao vivo, utilizadas para planejar ações ou fortalecer laços no grupo.
AAS	Sigla de Assassinos, Atiradores Escolares e Supremacistas brancos
Gore	Conteúdo de violência explícita, incluindo imagens ou vídeos com mutilações, assassinatos ou sangue.
Lulz	Prática de humilhação pública online, envolvendo violência e automutilação.
Doxxing	Ato de expor informações pessoais de membros ou inimigos do grupo, como nome, endereço e fotos, com intuito de ameaça ou humilhação.
Plaquinha de sangue	Ato de automutilação em que a pessoa corta a pele para escrever o nome do líder do grupo, como forma de devoção ou submissão.
Incel	Sigla para "Involuntary Celibate" (celibatários involuntários). Subcultura que expressa misoginia e ódio contra pessoas sexualmente ativas, especialmente mulheres.
Sancto	Termo usado para se referir a indivíduos que cometeram massacres e passaram a ser idolatrados como mártires ou heróis dentro das comunidades extremistas.

Fonte: Tabela de criação própria

Os adolescentes são atraídos para esses grupos através de redes sociais ou jogos eletrônicos, “o crescente uso das comunidades de “gamers” e dos chats de conversa em “games” têm funcionado como um mecanismo de “sedução” de jovens de todo mundo, a fim de angariar simpatia a ideias de extremismo de direita” (CARA, 2022, p. 18). Eles também podem ser cooptados em vídeos sobre jogos, nos quais são direcionados a outros conteúdos até chegarem aos mais extremos, como uma bola de neve. Nas redes sociais também há cada vez mais atração por conteúdos violentos, dados do Núcleo de Jornalismo da USP mostraram que entre dezembro de 2022 e janeiro de 2023 vídeos de subculturas extremistas tiveram 344 milhões de visualizações na rede social TikTok. Rede social popular entre os jovens, que entre os vídeos conseguem facilmente os links de entrada para os grupos e se envolvem cada vez mais.

As comunidades on-line fechadas, hospedadas em plataformas como o Telegram, Discord, Reddit entre outras, geralmente, tem pouca ou nenhuma moderação, sendo acessadas por meio de links compartilhados e/ou a partir do aceite do(s) administrador(es) do grupo. Esses ambientes podem ter diversos conteúdos e formas de interação, inclusive conteúdos nocivos e ilícitos que são exibidos, propagados e reproduzidos (VINHA, p. 30, 2023).

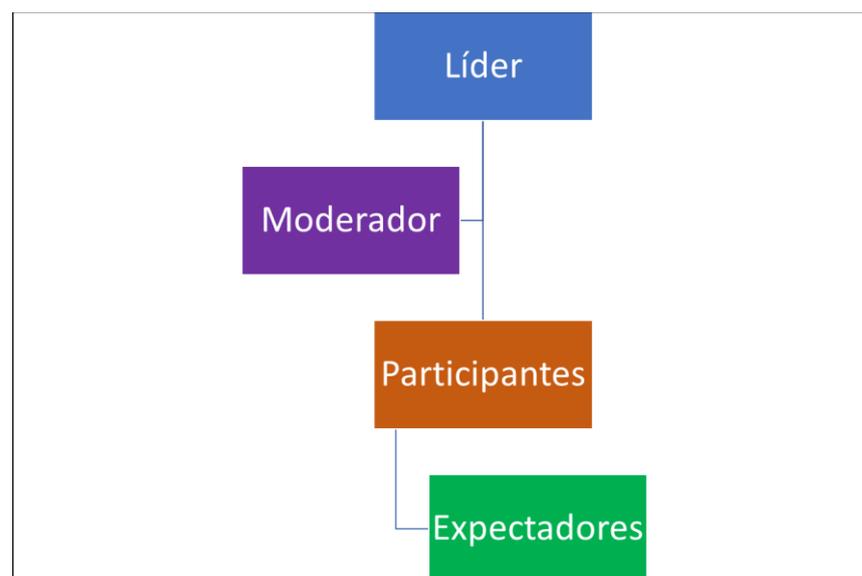
A pesquisa do Instituto Think Twice Brasil (2024), entrevistou 216 adolescentes, e mostrou que a maioria (84,3%) afirmou ter encontrado conteúdo perturbador ou violento nas redes sociais. E 26,4% afirmaram que após assistirem vídeos de violência manifestaram o desejo de atacar outras pessoas, seja verbalmente ou fisicamente. De acordo com Zuboff (2021), o capitalismo de vigilância utiliza a experiência humana como matéria prima gratuita para mapear dados comportamentais, que são utilizadas para alimentar sistemas de Machine Learning e gerar receitas com propaganda. Ou seja, se um jovem se interessa por um conteúdo violento, demais conteúdos parecidos irão aparecer para ele novamente em seu smartphone. Cesarino (2022) afirma que é um processo de coparticipação entre ser humano e máquina. Para Bucci (2021), o capitalismo de vigilância se define pela mais valia do olhar, que em vez de produzir só fisicamente, aprendeu a produzir discursos, marcas e apelos emocionais que transformam as mercadorias em sagradas. As imagens e os discursos possuem valor de troca, são mercadorias dominantes que incidem sobre as demais mercadorias. Essas mercadorias podem ser ideologias, que quanto mais compartilhadas, mais geram lucro. Portanto as empresas não se importam se o conteúdo é improprio, basta que ele seja bem repercutido.

Em plataformas como o Discord, os membros frequentemente são organizados em estruturas hierárquicas, onde posições de destaque são conquistadas por meio de desafios propostos dentro dos servidores. Assim como a estrutura das gangues juvenis estudadas pela Escola de Chicago (COHEN,1955). Há sempre um líder, que utiliza codinomes (um exemplo é o King, líder de um servidor preso e condenado a 24 anos) seus braços direitos (moderadores) e o restante dos membros que são expectadores ou participantes. Dentro do servidor, há uma dinâmica de chats abertos, em que todos os membros podem acessar, e de salas fechadas onde acontecem as calls (chamadas de voz ou vídeo) em que se realizam os desafios, e compartilham conteúdos de violência extrema. Para entrar nessas salas, é necessário realizar um desafio. Alguns pedem uma “plaquinha de sangue” que significa escrever com um objeto cortante, normalmente Gillete, o nome do líder ou moderador do servidor. Feito isso, aquele ou aquela jovem pode entrar nessa aba e acessar os conteúdos ocultos.

O líder normalmente é o criador do servidor, ou algum membro que conseguiu subir na hierarquia. Ele comanda as calls e decide o que os outros membros devem fazer ou não

(FERREIRA, 2023). Escolhendo os desafios, quem vai participar e estratégias do grupo. Os moderadores são os segundos na hierarquia, eles operam o servidor, organizam as salas de bate papo fechadas, monitoram as conversas, quem entra e quem sai, e passam a informação para o líder. Os participantes são aqueles que executam os desafios, assistem as calls fechadas e dão opiniões no que acontece dentro do grupo. Já os expectadores apenas assistem o conteúdo, muitos ficam apenas na sala de bate papo geral, em que não ocorrem atividades ilícitas como os desafios, apenas conversas e compartilhamento de imagens e vídeos. Para que um expectador se torne um participante, ou seja, possa acessar salas fechadas, ele precisa realizar um desafio proposto pelo líder. Além do trabalho de Ferreira (2023), os perfis apareceram em relatos de ex membros e comentários do TikTok que foram analisados. O organograma abaixo ilustra a estrutura hierárquica das Painelhas do Discord.

Organograma 1 - Hierarquia dos grupos de radicalização do Discord



Fonte: Organograma de criação própria

Houveram casos de ataques escolares frustrados em que os autores relataram pertencer a essas comunidades e afirmaram ter sido ameaçados para cometer assassinatos em escolas. Através da sensação de pertencimento e validação do grupo, alguns jovens podem ser capazes de realizar atos considerados insensatos para a maioria das pessoas. Relacionados à diversos crimes, os servidores possuem alguns membros com conhecimento hacker, coagindo participantes novos a obedecerem a seus comandos sob pretexto de vazamento de dados e outras ameaças. Cometendo de estupros virtuais com meninas menores de idade à violência contra

animais em gravações ao vivo, passaram a ser chamados de quadrilha digital. Alguns membros foram presos pela Polícia Civil do Rio de Janeiro e de São Paulo após praticarem uma série de crimes em 3 servidores diferentes (CARTA CAPITAL, 2023). Um jovem de 19 anos, líder de um servidor e acusado de envolvimento com diversos crimes como associação criminosa, estupro de vulnerável (estupro virtual) e corrupção de menores, foi condenado a 24 anos de prisão (G1, 2024).

De acordo com a Juíza titular da Vara da Infância e Juventude do Rio de Janeiro (Folha de São Paulo, 2024), os jovens estão expostos a uma série de violências na internet, cujo os pais não se dão conta e não monitoram. Nos casos do Discord, diversos jovens estavam envolvidos com crimes como apologia ao nazismo, tortura de animais, estupro virtual, ameaças, extorsão, além dos ataques nas escolas. A juíza relatou até receber comunicações da Interpol e do Homeland Security (órgão americano que monitora terrorismo internacional) sobre os casos absurdos que acontecem. Os criminosos chantageiam as meninas, forçando-as a realizar atos extremos e perturbadores. Em um dos casos, há um vídeo de uma menina, aos prantos, sendo obrigada a abrir o peito de um cachorro e arrancar o coração do animal, enquanto os meninos assistem e riem.

Um caso perturbador em que os crimes virtuais transpareceram as telas foi o que aconteceu na cidade de São Paulo no ano de 2023. Duas meninas de 13 e 16 anos estavam sendo mantidas em cárcere privado em um apartamento, em que foram abusadas sexualmente por vários dias (ZANCHETTA, 2023). As vítimas conheceram os abusadores em uma panelinha do Discord, uma das meninas (13 anos), acreditava estar em um relacionamento romântico com o jovem de 19 anos, que após receber imagens íntimas dela, a chantageou e a obrigou a ir para São Paulo. A mesma fugiu de casa – em Santa Catarina – e foi de Bla Bla Car para a casa do acusado. Chegando lá tinham mais 3 rapazes e outra menina de 16 anos, ambas foram violentadas por todos eles. A menina de 13 anos depois de quase 1 semana nesse local conseguiu se contactar com sua irmã, que a resgatou com a ajuda da polícia. Os 4 jovens foram detidos, todos eles participavam dos grupos no Discord e realizavam chantagens e ameaças com meninas menores de idade.

Após toda a repercussão dos crimes ocorridos na plataforma do Discord, a empresa que não possui um escritório no Brasil, precisou de pronunciar. Em 2023, a empresa colaborou com as investigações brasileiras fornecendo dados e banindo 65 mil contas que violaram as políticas de proteção. A empresa participou de Workshops organizados pelo Laboratório de Operações Cibernéticas do Ministério da Justiça (Ciberlab), em que treinou quase 1000 profissionais da segurança pública sobre como a plataforma funciona e estratégias de investigações de

atividades criminosas (AGÊNCIA GOV, 2023). A empresa tem colaborado para mitigação de danos e prevenção de novos crimes.

Existem iniciativas como o projeto da própria Juíza titular da Vara da Infância e Juventude do Rio de Janeiro, de prevenção à violência nas escolas o “Protocolo Eu Te Vejo” que é uma iniciativa da Vara da Infância e Juventude e do CEJUSC de Justiça Restaurativa que visa conscientizar a comunidade escolar – incluindo escolas, famílias e o sistema de Justiça – sobre as causas da violência no ambiente escolar. O projeto discute estratégias para combater essa problemática e transformar as relações dentro das escolas, com o objetivo de promover um ambiente mais respeitoso, acolhedor e inclusivo. Tratando também dos crimes virtuais que afetam crianças e adolescentes, que se refletem nas escolas, ou diretamente a elas como um atentado. (AMAERJ, 2023).

E o programa “Escola Segura”, que conta com suporte policial e estratégias de inteligência para identificar e derrubar grupos perigosos, que já realizou mais de 400 apreensões, além de 1.653 crianças e adolescentes ou suspeitos adultos serem conduzidos às forças policiais. O monitoramento constante de plataformas digitais obteve 917 solicitações de remoção de conteúdos em redes sociais. O trabalho também levou à geração de 3.404 boletins de ocorrências e a um total de 2.844 casos em investigação (GOV BR, 2023). Porém muitos servidores conseguem sobreviver modificando nomes, utilizando códigos para evitar detecção ou criando novos espaços rapidamente após a suspensão de um grupo. Isso torna o monitoramento e a regulação dessas atividades um grande desafio, complicando os esforços para prevenir abusos e proteger jovens vulneráveis.

CAPÍTULO 3 UM ESTUDO DOS ATAQUES NAS ESCOLAS

O capítulo 3 apresenta um estudo detalhado sobre os ataques escolares no Brasil, focando nas interações entre subculturas online extremistas e esses eventos violentos. A pesquisa combina metodologias qualitativas e quantitativas, explorando desde análises bibliográficas e documentais até entrevistas com profissionais e questionários em comunidades online. O estudo investiga como discursos extremistas disseminados em plataformas digitais, como TikTok e Discord, pode influenciar atitudes e comportamentos violentos, conectando-se com fatores como bullying, isolamento social e problemas psicológicos. Foram definidas 4 ocorrências para um estudo de caso, os massacres de Suzano, Barreiras, Aracruz e Sapopemba. Que foram analisados e percebidos padrões comuns entre os perpetradores, como envolvimento em grupos extremistas e a idolatria de ideologias violentas. Além disso, o capítulo reflete sobre a banalização da violência no ambiente digital, utilizando o conceito de “banalidade do mal” de Hannah Arendt para contextualizar como esses atos se normalizam entre jovens radicalizados. Por fim, discute o papel das escolas como alvos simbólicos e as dinâmicas sociais que intensificam a violência nesse contexto, enfatizando a necessidade de políticas públicas eficazes para prevenção e segurança.

3.1 Abordagem metodológica

O objetivo geral desta pesquisa tratou-se de compreender as interações entre os grupos de radicalização online e os ataques violentos ocorridos em escolas, buscando identificar como as dinâmicas sociais estabelecidas nesses espaços virtuais influenciaram, direta ou indiretamente, alguns indivíduos a cometer tais crimes. A investigação procurou explorar as conexões entre os discursos extremistas disseminados nesses grupos e os comportamentos de seus membros, analisando como a participação em subculturas digitais pode moldar crenças, atitudes e ações que culminam em episódios de violência no ambiente escolar. Essa análise permitiu examinar os contextos coletivos e estruturais que facilitam ou intensificam o envolvimento com práticas violentas. Entre os objetivos específicos estavam: verificar a forma como novos membros são cooptados pelos membros dos grupos; analisar as interações que levaram a esses jovens a aderir aos conteúdos violentos; compreender como o bullying pode se relacionar com a exposição a violência online; pensar a cibersegurança e como os jovens estão expostos a múltiplas situações na internet.

Nesta pesquisa foi utilizada majoritariamente a metodologia qualitativa, que visa compreender um fenômeno por meio de descrições e dados não numéricos. Essa metodologia

segundo Silva (2013), se destaca pelo seu caráter descritivo e interpretativo ao analisar o social, dando significância a contextualização e o papel dos indivíduos na construção da realidade, atribuindo relevância a subjetividade e as perspectivas dos atores sociais. Para o autor,

Elas procuram gerar uma compreensão interpretativa do real no sentido de revelar uma realidade múltipla e dinâmica, devendo ser entendidas como uma modalidade de investigação cujo interesse reside na interpretação dos processos sociais com recurso à análise reflexiva e crítica das narrativas do real. (Silva, 2013, p.3)

Na primeira fase, foi realizada uma revisão bibliográfica com artigos relacionados a pesquisa. Assim como uma bibliografia sociológica de autores como Durkheim com o Suicídio, Adorno com a Indústria Cultural, Arendt sobre a banalidade do mal e Foucault sobre adestramento dos corpos, e alguns autores que estudam redes sociais e cultura online como Abel Reis, Ivan Mussa e Max Fischer. Ainda na primeira fase, fiz uma análise documental de matérias de jornais que versavam sobre os ataques em escolas cometidos no Brasil. Focando em alguns casos que possuíam elementos específicos para a pesquisa, como aqueles em que o ator fizesse parte de servidores extremistas e compartilhasse sobre o atentado. Na segunda fase efetuou-se uma análise dos conteúdos em redes sociais abertas como postagens, vídeos e comentários. A rede social escolhida foi o TikTok, rede mais popular entre os jovens nos últimos anos. Nela encontrou-se facilmente compartilhamentos de links para se entrar nos grupos de radicalização, além de comentários contando sobre o que existem nesses grupos. Assim foram realizados Print Screens de imagens e comentários relacionados.

Devido à dificuldade de acessar os servidores propriamente, pois pode gerar um risco a integridade (ser hackeada ou exposta online), levantou-se a possibilidade de realizar questionários com usuários online, que podem fazer parte da subcultura extremista, podem conhecer quem faça, podem já ter sido convidados ou ter visto algo, o que rendeu impressões e relatos interessantes à pesquisa. Devido existir uma ligação das comunidades “gamers” com os servidores extremos do Discord, sendo possível coletar informações sobre esses grupos através de pessoas que jogam online. Alguns jogos, os majoritariamente violentos, possuem mais proximidade com os servidores, como Counter Strike (jogo de tiro), mas também jogos de exploração/ aventura que possuem uma interação exacerbada online também são fontes de cooptação, como Minecraft e Roblox. Acessando grupos “inofensivos” desses jogos, foram aplicados questionários sobre os grupos “extremistas” que se encontram mais profundamente

na internet. Portanto, na terceira fase, foram realizados questionários com usuários online, através do Google Forms, obtendo 103 respostas.

Utilizou-se a metodologia quantitativa na análise dos questionários online em comunidades online. Segundo Ramos (2013), existem três propósitos para o uso da metodologia quantitativa, são eles: Descrever e comparar realidades sociais, estabelecer relações causais entre as variáveis e inferir resultados de uma população a partir da amostra. Porém sabe-se que a realidade social é multicausal e não se pode explicar 100% um fenômeno, sendo o objetivo principal se aproximar ou se distanciar de suas hipóteses iniciais, validando os resultados utilizando de referências bibliográficas.

Na quarta e última fase, foram realizadas 5 entrevistas com profissionais como policiais, delegados, que trouxeram informações importantes sobre a realidade dos ataques. Algumas foram feitas no Estado do Espírito Santo, devido a contatos que foram possíveis. Resultando em entrevistas com o delegado federal e o Coronel da PM que acompanharam de perto o caso de Aracruz. Nas entrevistas online foram realizadas com um Policial Federal do ES, que trabalha no setor de inteligência e que investigou os grupos de radicalização e uma Policial Civil do Rio de Janeiro que trabalha em um projeto social chamado “Papo Resposta”, que versa sobre proteção e violência em escolas. Também foram realizadas 4 entrevistas com diretoras de escolas e 1 com um conselheiro pedagógico, para compreender a convivência no ambiente escolar, o bullying e de que forma os conflitos ocorrem. Estas foram realizadas de forma presencial com diretoras da cidade de Campos dos Goytacazes.

3.2 Por Dentro de Alguns dos Atentados Escolares

O Caso de Suzano-SP

Em 13 de março de 2019, um tiroteio ocorreu na Escola Estadual Raul Brasil, localizada em Suzano, na região metropolitana de São Paulo. O ataque deixou 8 mortos, além dos 2 atiradores, e abalou profundamente o país pela brutalidade em que se deu (G1, 2019). Os responsáveis pelo crime foram Guilherme Tauci Monteiro de 17 anos e Luiz Henrique de Castro de 25 anos, ambos ex-alunos da escola. Na manhã daquele dia, em torno das 9h30, Guilherme e Luiz chegaram ao local armados e utilizando máscaras para esconder suas identidades. Antes de entrar na escola, eles assassinaram Jorge Antônio Moraes, de 51 anos, dono de uma locadora de veículos próxima à instituição. Jorge era tio de Guilherme, e o crime foi o primeiro da sequência de violência que viria a seguir.

Logo após o primeiro assassinato, os dois invadiram o colégio, iniciando um ataque brutal. Utilizando de armas de fogo, uma besta (arma semelhante a um arco) e instrumentos como machadinhas, os atiradores abriram fogo em um dos corredores, direcionando os tiros principalmente contra alunos e funcionários. No total, 7 pessoas foram mortas dentro da escola, 5 estudantes, todos adolescentes com idades entre 15 e 17 anos, e 2 funcionárias que tentaram proteger os alunos durante o ataque. O episódio durou apenas minutos, mas foi o suficiente para gerar pânico e violência extrema. Muitos alunos e professores conseguiram escapar, correndo para fora do prédio ou se trancando nas salas de aula. Guilherme atirou contra Luiz, o matando, e após cometeu suicídio antes da polícia chegar. Essa dinâmica do suicídio remete a uma inspiração ao massacre de Columbine, em que os jovens Eric e Dylan se suicidaram após os atos cometidos por eles (BRASILEIRO, 2024).

A investigação revelou que os dois autores planejavam o atentado há meses, deixando registros e anotações que indicavam uma inspiração em outros ataques, incluindo massacres ocorridos nos Estados Unidos. As motivações incluíam uma mistura de ressentimento pessoal, isolamento social e influência de grupos extremistas online que idolatravam atos de violência. De acordo com o Ministério Público Federal, os envolvidos faziam parte de um fórum radical chamado Dogolachan³⁰ (EL PAÍS, 2019) e trocaram mensagens com o administrador do grupo antes dele ser preso em 2018, condenado a 41 anos pelos crimes de divulgar imagens de pedofilia, coação e outros. O Dogolachan se auto denomina "o maior fórum alt-right do Brasil". O administrador do fórum confessou ter dado orientações aos jovens para cometerem o atentado (ALVES, 2019), Luiz havia entrado em contato com ele para saber como obter um revólver, apresentando seu colega Guilherme que o acompanharia no ato.

Os autores do massacre de Suzano postaram fotos nas redes sociais utilizando máscaras de caveira, gestos com as mãos simbolizando uma arma e fotos segurando um revólver. As comunidades extremistas comemoraram o atentado, que deixou várias vítimas (METROPOLES, 2019). Guilherme Tauci se tornou uma espécie de símbolo para jovens radicalizados, tendo sua foto utilizada como ícone de perfis, e idolatrado em comentários da comunidade. Alguns atentados posteriores foram inspirados nesse autor. Como o caso da Escola Estadual Thomazia Montoro em março de 2023, no qual um aluno de 13 anos assassinou a facadas uma professora (G1, 2023). Esse aluno utilizava em seu perfil de redes sociais imagens de Guilherme Tauci assim como seu sobrenome, e revelou se inspirar no caso de Suzano, inclusive confessou querer se suicidar e pediu para que os policiais o matassem.

³⁰ Dogolachan é o maior grupo de propagação de ódio na internet brasileira e está na Deep Web.

O massacre em Suzano trouxe à tona debates sobre a segurança nas escolas brasileiras, a influência de subculturas extremistas na internet, e o acesso a armas e materiais perigosos por jovens. Além de preocupações com a saúde mental de adolescentes e a necessidade de políticas públicas voltadas para a prevenção de atos de violência escolar. Os jovens envolvidos no ataque de Suzano se relacionaram com ideologias violentas e extremistas, cultivavam uma ideologia a armas, assassinos em séries e perpetradores de massacres em escolas. Jogavam jogos violentos e possivelmente frequentavam comunidades gamers de extrema direita. Esse perfil nos faz pensar em como as interações com grupos extremistas podem favorecer o acontecimento desses ataques, já que o pertencimento, a identificação de ideologias e a contribuição de membros a partir de conselhos e instruções se fazem presentes, fortalecendo um interesse de realizar o crime. Abaixo segue a imagem de Guilherme Tauci, dias antes de cometer o crime, utilizando balaclava de caveira, roupa preta e segurando um revólver.

Figura 5 - Imagem do autor do ataque de Suzano-SP



Fonte: Notícias da Veja, 2019.

O Caso de Barreiras-BA

Na Bahia, um ataque escolar foi registrado na cidade de Barreiras. Na manhã de 26 de setembro de 2022, por volta de 7h quando os alunos entravam na escola, um aluno de 14 anos invadiu a Escola Municipal Eurides Santana que frequentava na cidade. Munido de um revólver 38 que era de seu pai, um facão, uma bomba caseira e uma balaclava de caveira. Assim que

pulou o muro da escola, se dirigiu a uma jovem cadeirante, que não conseguiu fugir e descarregou o revólver contra ela, depois a golpeou com o facão, resultando em sua morte. Ainda dentro da escola o adolescente foi baleado por uma pessoa não identificada, ficando internado em estado grave. Atualmente ele está tetraplégico e cumpre medida socioeducativa em casa (G1, 2023). O Colégio Municipal passou a ter a gestão compartilhada com a Polícia Militar da Bahia em agosto, um mês antes do atentado. Após sucessivos casos de violência serem registrados na instituição, como tráfico de drogas, ameaças aos professores e vandalismo nas instalações da escola (NEXO, 2022). O que mostra que já era uma escola com problemas de violência.

O jovem publicou em suas redes sociais o desejo de realizar o massacre dias antes, comentando sobre seu planejamento e quantas pessoas desejava matar. Ele possuía contato com grupos extremistas na internet, se relacionando com outros criminosos de diversos estados do país. 4h antes do ataque ele postou em seu Twitter (X) a seguinte frase "Irá acontecer daqui 4 horas e eu tô bem de boa. Estou tão calmo, nem parece que irei aparecer em todos os jornais" (O Globo, 2022). Segundo Michele Prado o adolescente queria se tornar um Sancto, que é uma pessoa que realiza um massacre e se torna um herói idolatrado pela comunidade extremista. Ele utilizava o número 88 para se identificar nas redes sociais, que significa "Heil, Hitler", indicando que ele pertencia a uma comunidade também neonazista. Em suas postagens sempre deixava claro seu ódio por nordestinos, LGBTQIA+ e negros, além de discursos se autodenominando como um ser superior (O Globo, 2022). Algumas de suas postagens foram:

Saí da capital do Brasil para o merdeste, e nunca pensei que aqui fosse tão repugnante. Lésbicas, gays e marginais aos montes acham que são dignos de me conhecer e de conhecer minha santidade. Os farei clamar pela minha misericórdia, sentirão a ira divina (Assassino de Barreiras-BA, 2022).

A cada dia que vou à escola, sinto-me subjugado, se misturar com eles é nojento, é estupidamente grotesco, sinto ânsia de vômito quando um deles me tocam (sic). Sou puro em essência, mereço mais que isso, sou santo (Assassino de Barreiras-BA, 2022).

O envolvimento desse menino de 14 anos com grupos de radicalização online foi comprovado pelas investigações, principalmente por haverem diversos jovens envolvidos neste caso pelo Brasil através de organizações extremistas no Discord. Ele possuía contato com um jovem de 18 anos, de Vitória-ES, que realizou uma tentativa de ataque na Escola Municipal Éber Louzada Zippinotti. Ele entrou na escola com um dispositivo de disparo de flechas, facas e coquetéis molotov, ferindo uma criança antes de ser contido. O autor do ataque de Barreiras

tinha esse rapaz como seu mentor, ambos orquestraram seus ataques juntos em sua comunidade radical online (UOL, 2022). Abaixo segue uma foto do adolescente utilizando balaclava de caveira e roupas pretas.

Figura 6 - Imagem do autor do atentado de Barreiras-BA



Fonte: Extra Classe, 2022

O Caso de Aracruz-ES

Em 25 de novembro de 2022, por volta das 9h30 da manhã, na cidade de Aracruz, no Espírito Santo, um jovem de 16 anos filho de um tenente da Polícia Militar, invadiu a Escola Estadual Primo Bitti, onde havia estudado até junho do ano anterior. (A GAZETA, 2022). Vestindo roupas camufladas com símbolos nazistas, além de máscara e luvas, o adolescente arrombou o cadeado da escola e efetuou diversos disparos com uma pistola semiautomática Taurus calibre .40, que era de seu pai. Na Escola Estadual Primo Bitti, o autor direcionou seus ataques principalmente à sala dos professores, resultando na morte de 3 professoras. Ao todo, 11 pessoas foram atingidas. Após o ataque na escola estadual, o jovem dirigiu o carro do pai até o Centro Educacional Praia de Coqueiral, uma escola privada na mesma cidade. Lá, ele invadiu o local e atirou novamente, atingindo mais 3 pessoas, entre elas uma aluna do 6º ano do ensino fundamental que morreu no local.

Após os ataques, ele retornou para sua casa como se nada tivesse acontecido. Porém, após algumas horas de investigação, a polícia identificou o autor dos crimes e o mesmo foi detido. Na confissão, o jovem revelou que planejava os ataques há dois anos, também revelou ter sido vítima de bullying, segundo suas declarações à polícia. Ele também confessou que

costumava manusear as armas do pai quando estava sozinho em casa, para se familiarizar com o equipamento. Foi comprovado pela investigação que o adolescente fazia parte de comunidades de radicalização online, possuía em seus aparelhos eletrônicos manuais de como utilizar armas, como arrombar fechaduras, como assassinar pessoas e materiais de ideologia neonazista (RODRIGUES, 2022). Além de ter em sua casa o livro “Mein Kampf” de autoria de Hitler, mostrando suas inclinações ideológicas.

Segundo o Juiz do caso, o jovem não teria qualquer problema psicológico que tirasse a consequência de seus atos, para a justiça ele não cometeu o crime por sofrer bullying, mas sim por ser simpatizante de ideologias nazistas (FOLHA DE VITÓRIA, 2023). Este evento resultou em quatro mortes e deixou outras pessoas feridas, levantando debates sobre segurança nas escolas, porte de armas e a influência de ideologias extremistas. O caso também trouxe à tona a discussão sobre o acesso de jovens a armas de fogo e a necessidade de maior atenção à saúde mental e ao combate ao bullying nas escolas. O estado do Espírito Santo após esse acontecimento criou o Plano Estadual de Segurança Escolar, que discute estratégias de mitigação de danos e prevenção de violências escolares. Com ações através de minicursos, palestras e atividades nas escolas para discutir bullying, violência e saúde mental Além de utilizar de aparatos tecnológicos para monitorar as redes sociais e prevenir novos casos. A imagem abaixo mostra o autor do ataque utilizando roupas militares e balaclava de caveira.

Figura 7 - Imagem do autor do ataque de Aracruz-ES



Fonte: Folha de Vitória, 2023

O Caso de Sapopemba-SP

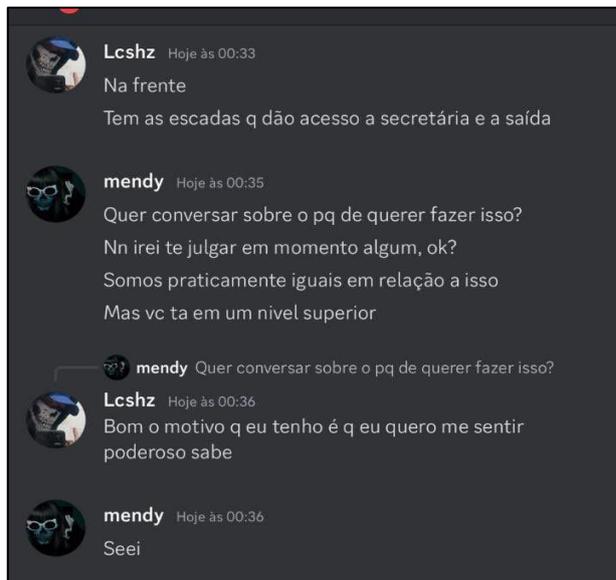
Em 23 de outubro de 2023, a Escola Estadual Sapopemba, localizada na zona leste de São Paulo, foi palco de um ataque a tiros que resultou na morte de uma adolescente de 17 anos, e 2 estudantes feridos. O autor foi um aluno da própria escola, de 16 anos que portava um revólver calibre 38, arma pertencente a seu pai. O jovem participava ativamente de grupos em redes sociais, como o Discord, que promoviam conteúdo violento e extremista, onde encontrava apoio para suas angústias e possivelmente, incentivo para seus atos (PORTO, 2023). A polícia obteve informações de que ele tinha recebido influência e até mesmo ajuda de outros participantes desses grupos extremistas, o que levantou a preocupação sobre a influência desses ambientes online na radicalização de jovens.

Esse caso é curioso pois o adolescente de 17 anos que cometeu esse ato, há um tempo antes do acontecido, se reconhecia como uma menina trans. Era bem ativa nas redes sociais com o apelido de “Luluzinha”, principalmente no TikTok. Ela também realizava conteúdos íntimos, os quais vendia pela internet. Ela entra no grupo do Discord buscando acolhimento, ela vai ser acolhida, mas não era aceita devido a sua identidade de gênero, pois o grupo prega homofobia, transfobia e misoginia. Então ela renuncia sua identidade e volta a se denominar como um homem cis, mudando completamente sua personalidade. Segundo a jornalista e investigadora Carla Albuquerque (SILVA, 2024) foi descoberto um drive com toda a preparação, a mentoração e a combinação do ataque na escola. Dentro de uma panelinha do Discord chamada “The Kiss Puro Massacre”. Os paineleiros avisam que se ele quiser fama, fazendo um massacre na escola ele iria conquistar. Então eles vão convencer e preparar o jovem para executar o ato. O mesmo em conversa com o grupo afirma que quase não sofria bullying na escola, e que não se importa com vingança, mas que gostaria de ter o poder de controlar a hora da morte das pessoas.

A partir daí, se inicia uma investigação focada nos participantes e envolvidos, ao total foram 10 mentores do atentado de Sapopemba, que estão respondendo criminalmente. Eles estavam espalhados em diversos estados como São Paulo, Santa Catarina, Rio de Janeiro e Minas Gerais. Inclusive um jovem de 17 anos da cidade do Porto, em Portugal foi detido e enquadrado no crime de terrorismo, por participar ativamente pelas redes sociais, do planejamento do ataque (MARCUS, 2024). Esse caso mostra objetivamente que as interações sociais dentro dos grupos de radicalização tiveram participação e influência no acontecimento do crime. Não foram encontradas imagens do agressor, mas há uma imagem de uma conversa dele dentro do Discord, onde fala sobre seus motivos e seu planejamento, falando sobre a

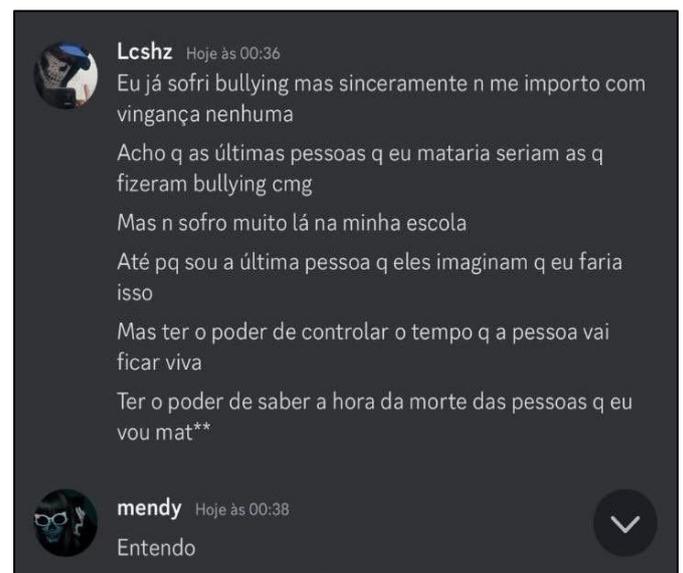
estrutura da escola. Afirma também que gostaria de se sentir poderoso e ter o poder de controlar o tempo de vida de uma pessoa, enquanto seu colega afirma entender e diz que ele está em um nível superior.

Figura 8 – Parte 1 da conversa do atirador no Discord



Fonte: Print do Twitter, 2023

Figura 9 – Parte 2 da conversa do atirador no Discord



Fonte: Print do Twitter, 2023

Os 4 casos apresentados se assemelham no que tange ao *modus operandi* dos perpetradores. Meninos, adolescentes e brancos, que cultuam ideologias extremistas – neonazismo, supremacia branca, misoginia, homofobia, racismo – que se envolveram em servidores de radicalização onde se sentiram acolhidos e planejaram conjuntamente seus crimes. Todos utilizaram das mesmas roupas pretas ou militares, luvas e a balaclava de caveira, como se estivessem seguindo um roteiro. Em 3 dos 4 casos a arma utilizada pertencia ao pai do atirador. Ao entrar no servidor do Discord, o adolescente passa por um processo de aprendizado ou adaptação, ele começa a assistir conteúdos violentos, se acostuma com aquele tipo de vídeo ou imagem. Depois passa a assistir crimes ao vivo, como tortura de animais, automutilações e estupros – crimes realizados dentro dos grupos pelos próprios membros – após se sentir confortável com o que assiste e dialoga, pode partir para a prática.

A autora Miller-Idriss (2020) discursa como a nova extrema direita usa da cultura pop, moda e linguagem digital para atrair jovens. Eles utilizam roupas e símbolos sutis, fazem uma reinterpretação de ícones históricos para promover narrativas nacionalistas. E utilizam de músicas, jogos e conteúdos audiovisuais que espalham ideologias extremistas de forma

disfarçada. Os jovens são levados a acreditar que estão descobrindo verdades ocultas ao consumir conteúdos da extrema direita, criando uma sensação de pertencimento e de superioridade intelectual.

Participar dos atos cometidos pelos membros, ou até amadurecer um planejamento de atentado em escolas. Sejam quais forem as suas motivações (bullying, vingança, ódio), encontra naquele grupo um apoio e até sugestões de como executar o crime. Os 4 casos podem ser entendidos como rampage shootings (NEWMAN, 2004) pois atingiram pessoas aleatoriamente, que estavam no momento em que eles decidiram atacar. A relação entre os atentados e grupos de extrema direita está alinhada com a pesquisa de Malkki (2014), que associa os casos de rampage shootings aos atentados terroristas, destacando o viés ideológico nas narrativas dos ataques. Segundo o autor, ambas ações de violência buscam transmitir uma mensagem para um determinado público.

Nos casos de rampage, é possível perceber que muitos dos autores desses ataques demonstram interesse ou mantêm alguma ligação com grupos extremistas, como o Dogolachan no caso de Suzano, os grupos do Discord no caso de Aracruz e Sapopemba, ou com grupos fundamentalistas, como em Realengo (MALKKI, 2014). Além disso, há uma admiração pelos atentados anteriores, principalmente Columbine, que servem de referência para muitos desses jovens. Para eles, a brutalidade dos atos não é apenas um meio de expressar sua violência, mas também uma forma de garantir visibilidade na mídia e alcançar notoriedade (BRASILEIRO, 2024).

3.3 O Suicídio em Durkheim Para Entender os Ataques

Durkheim (2019) apresenta uma análise sobre o fenômeno do suicídio, argumentando que não é apenas um ato individual. O autor propõe uma discussão de que o suicídio é influenciado por fatores culturais e sociais, afirmando que as condições da sociedade podem afetar os comportamentos humanos. Através de uma abordagem sociológica, Durkheim (2019) buscou identificar padrões e regularidades nas taxas de suicídio em diferentes sociedades. A coesão social desempenha um papel fundamental nesse processo, pois mesmo nos casos em que os suicídios não tinham relação entre si, era possível notar a falta ou o excesso de integração social dessa pessoa na sociedade. Portanto, o suicídio não pode ser explicado por fatores individuais, pois perpassa por uma série de condições sociais.

Durkheim (2019) apresenta três tipos de suicídio, baseado em dois principais fatores sociais, a integração social e a regulação social. O suicídio egoísta se trata de realidades em que

os indivíduos se sentiram isolados e desconectados dos outros, causando uma falta de apoio social. O suicídio egoísta é mais comum em sociedades individualistas, onde há uma predileção pelo individualismo e autonomia, com baixa integração social. Já o suicídio altruísta ocorre mais em sociedades com alta integração social, onde os indivíduos estão muito ligados ao grupo e as normas sociais, ao ponto de estarem dispostos a sacrificar suas vidas pelo coletivo. O suicídio anômico, ocorre em sociedades com desequilíbrio social. Nesse tipo os indivíduos enfrentam uma crise ou violação nas normas sociais que regulam suas vidas, passando por uma desorientação e falta de sentido de vida, se torna mais comum em períodos de mudanças rápidas, como rupturas políticas ou sociais. Assim como os tipos de massacres podem ser divididos entre Rampage Shootings e Target Shootings, determinados pelas condições sociais e relações do autor dos crimes.

De fato, se, em vez de enxergá-los apenas como acontecimentos particulares, isolados uns dos outros e cada um exigindo um exame à parte, considerarmos o conjunto dos suicídios cometidos em uma determinada sociedade durante uma determinada unidade de tempo, constataremos que o total assim obtido não é uma simples soma de unidades independentes, uma coleção, mais que constitui por si mesmo um fato novo e sui generis, que tem uma unidade e sua individualidade, por conseguinte sua natureza própria, e que, além do mais, está natureza é eminentemente social (Durkheim, p. 17, 2019).

Segundo o autor é um método descritivo, analítico e sem qualquer julgamento. O sociólogo também deveria buscar padrões de regularidade nos fenômenos sociais, que seriam definidos como fatos sociais por Durkheim. Os fatos sociais são regras gerais na forma de agir dos indivíduos de uma determinada sociedade, Segundo Durkheim (2007) “Esses tipos de conduta ou de pensamento não apenas são exteriores ao indivíduo, como também são dotados de uma força imperativa e coercitiva em virtude da qual se impõem a ele” (DURKHEIM, 2007, p. 2). Ou seja, eles são gerais, coercitivos e exteriores, não podendo ser alterados por ação individual, pois são moldados pela consciência coletiva.

Portanto, pode-se utilizar a metodologia de Durkheim (2019) para estudar e interpretar os casos de ataque em escolas, por se tratar de um fenômeno que possuiu maior incidência em um determinado período de tempo em uma determinada sociedade, atrelado a diversos fatos sociais. Os ataques em escolas possuem um padrão, todos cometidos por jovens do sexo masculino, maioria branca, (apenas dois eram não-brancos) e 76% eram menores de idade, maioria pertencente a grupos de radicalização online (de 32 casos após 2011, 25 autores faziam parte), além da maioria ter utilizado de armas de fogo, seguido de armas brancas (VINHA, 2023). Normalmente há uma relação prévia com a escola, 59% deles eram alunos e 33% eram

ex-alunos (INSTITUTO SOU DA PAZ, 2023). O aumento dos casos a partir de 2022, que passaram por um efeito contágio (TOWERS, 2015), resultando em quase 60% dos casos totais em apenas 2 anos. Todos esses fatores são importantes para se pensar na abordagem de Durkheim. Ao analisar esses acontecimentos sob a visão sociológica, é possível identificar padrões e fatores sociais como o efeito da internet na disseminação de subculturas extremistas.

A escola é uma instituição social inserida em uma determinada realidade na qual recebe e exerce influência, não é uma instituição neutra na realidade social, segundo Schmidt (2005) “Sua função, portanto, é preparar o indivíduo proporcionando-lhe o desenvolvimento de certas competências exigidas pela vida social. É também dar-lhe uma compreensão da cultura e uma ‘visão de mundo’ e prepará-lo para a cidadania” (SCHMIDT, 2005, p.12). Essa perspectiva discute a escola não apenas um espaço de conhecimento, mas também um espaço com estruturas de poder onde existem tensões, desigualdades e conflitos. Os ataques em escolas podem ser interpretados como reações de uma instabilidade na coesão social, conceito principal na teoria de Durkheim (2019).

A dificuldade em se sentir pertencente, a fragmentação dos laços comunitários, a propagação de ideologias extremistas e a sensação de vazio, encontram terreno fértil em contextos de vulnerabilidade. Entender a escola como uma parte fundamental da sociedade, e as redes sociais como um catalisador de problemas sociais já existentes é importante para perceber os ataques e suas causas subjacentes. No ambiente digital os jovens encontram acolhimento de grupos extremistas, que podem ser mal intencionados. Esse espaço oferece uma espécie de “liberdade”, onde podem fazer o que quiser e ser quem quiser, se beneficiando do anonimato. Diferente da escola que se insere como um ambiente de controle social (FOUCAULT, 2014). Apesar dos grupos possuírem um certo controle, por exemplo a hierarquia e as regras da comunidade. Esses elementos são voltados para o controle de possíveis membros espíões, que podem estar ali para expor o que acontece, ou aqueles que não realizam os desafios necessários para participar das camadas mais extremistas dos grupos. Mas no quesito ser livre para cometer crimes, eles são, diferentemente da escola em que se devem seguir padrões de comportamento, inclusive dentro da lei.

Ribeiro et.al (2021) em seu estudo mencionam como os mecanismos das plataformas sociais influenciam a radicalização de ideias dentro da manosphere. Ao estudar a interatividade e a estrutura de dados, os autores indicam que a facilidade de anonimato e a falta de regulação adequada criam um ambiente propício para a propagação de ideologias misóginas, xenofóbicas e violentas. Esses adolescentes também podem contribuir para o grupo através da criação de conteúdos, se sentindo úteis e parte daquele universo. A dinâmica de validação e acolhimento

pode ser entendida como semelhante àquela estudada pelos teóricos da Escola de Chicago na estruturação das delinquências juvenis. Cohen (1955) ressalta que através do suporte social e do pertencimento um jovem pode assimilar ideologias do subgrupo que o acolhe como suas, resultando em comportamentos nocivos que se tornam banalizados para ele.

Um aspecto fundamental é que nessas comunidades há escuta e acolhimento, os jovens se sentem valorizados. Participam das conversas e são reconhecidos, constituindo-se em espaços muito importantes para eles. Práticas autodestrutivas ou prejudiciais realizadas por alguns participantes que seriam vistos pelos adultos e por muitos jovens com preocupação e cuidado, como autolesões (SH), são acolhidas e até incentivadas (VINHA, p. 33, 2023).

Voltando ao conceito de massacres intimistas (KATZ, 2016), eles envolvem processos emocionais e simbólicos, ligados a sentimentos negativos que podem ser agravados por dinâmicas de poder, isolamento social e a falta de suporte emocional. Um ato violento realizado em ambientes que signifiquem algo para o agressor, pode apresentar uma simbologia específica. Nesse caso, a escola é um espaço que abriga a identidade do jovem, é o seu maior ponto de socialização, de sucessos e fracassos, da construção de uma personalidade e o caminho para vida adulta. Ela representa simbolicamente todos os seus problemas identitários. Quando um adolescente toma a decisão de realizar um massacre em uma escola, sendo onde estudou ou não – apesar da maioria serem alunos e ex-alunos – ele está comunicando seu ódio à instituição escolar, às violências físicas ou simbólicas que pode ter passado lá dentro, e principalmente o que a escola representa enquanto instituição.

3.4 Coleta de Conteúdos em Redes Sociais

Nas coletas realizadas nas redes sociais, com foco no TikTok, a pesquisa buscou compreender como os membros de grupos extremistas utilizam a plataforma para recrutar novos membros. Observou-se que a estratégia de cooptação frequentemente inclui o envio de links que convidam participantes a entrarem em servidores privados. O levantamento foi realizado ao longo dos anos de 2023 e 2024, utilizando as ferramentas de busca do aplicativo para explorar categorias relacionadas ao tema. Utilizando palavras-chave como “Discord” (plataforma que funciona como host para esses grupos), “Panelinha” (termo usado pelos próprios membros para se referirem aos grupos), “Gore” (conteúdos explícitos e perturbadores) e “Lulz” (associado a humilhações públicas e violência). A partir disso, foi possível encontrar vídeos relacionados as palavras pesquisadas, e um vídeo levava a outro, através de comentários e sugestões de mídia do próprio aplicativo.

A pesquisa identificou uma série de publicações no TikTok que apresentavam imagens e vídeos relacionados aos símbolos característicos da radicalização. Entre esses, o uso de balaclavas de caveira, desenhos com sangue, figuras mascaradas, pessoas fardadas e elementos com claras alusões nazistas. Também foram encontrados comentários que compartilhavam links para servidores privados e descreviam como funcionam esses espaços, além de promoverem discursos que glorificam assassinos responsáveis por ataques em escolas, como os atores dos massacres de Realengo e Suzano. A análise revelou uma combinação de elementos gráficos e narrativos que visam atrair, normalizar e fortalecer a adesão a essas subculturas violentas. Abaixo seguem prints da rede social TikTok que exemplificam como esses adolescentes conhecem e se familiarizam com esses grupos. Os algoritmos também são responsáveis por essa captação, pois uma vez que uma criança ou adolescente assista um determinado vídeo, mais vídeos semelhantes irão aparecer em sua For You³¹

³¹ Página da rede social em que são apresentados conteúdos relacionados ao o que o usuário costuma acessar, através dos algoritmos.

Formas de Cooptação

Figura 10 - Convite para sub-comunidade, 2023



Figura 11 - Convite para sub-comunidade, 2023



Figura 12 - Convite para sub-comunidade, 2023



Figura 13 - Convite para sub-comunidade, 2023



Figura 14 - Convite para sub-comunidade, 2023



Figura 15 - Convite para sub-comunidade, 2023

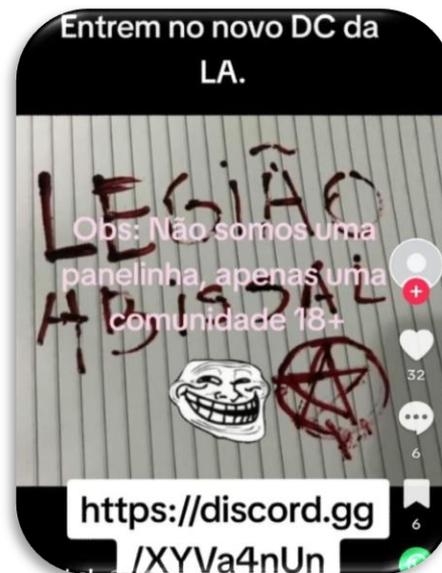


Figura 16 - Convite para sub-comunidade, 2023



Figura 17 - Convite para sub-comunidade, 2023



Figura 18 - Convite para sub-comunidade, 2023

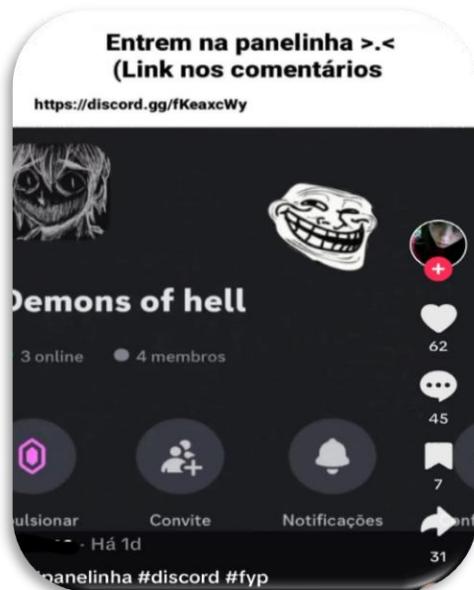


Figura 19 - Convite para sub-comunidade, 2023



Figura 20 - Convite para sub-comunidade, 2024

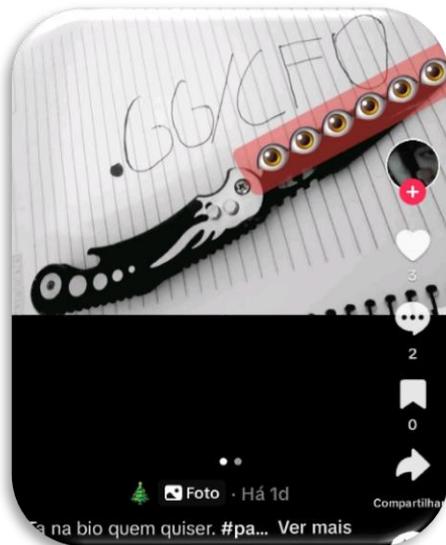


Figura 21 - Convite para sub-comunidade, 2024



Figura 22 - Convite para sub-comunidade, 2024



Figura 23 Convite para sub-comunidade, 2024



Figura 24 - Convite para sub-comunidade, 2024

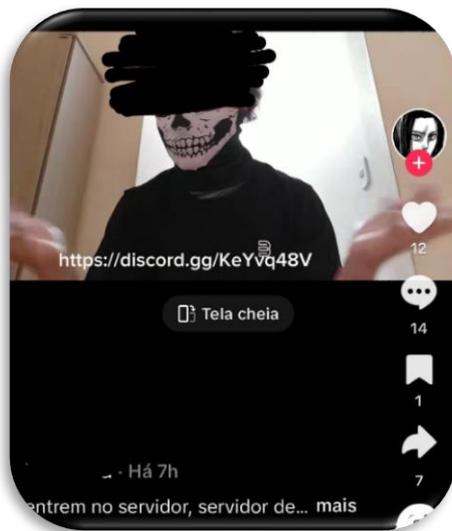


Figura 25 - Convite para sub-comunidade, 2024



Figura 26 - Convite para sub-comunidade, 2024



Figura 27 - Convite para sub-comunidade, 2024



Comentários sobre os grupos de radicalização do Discord

Figura 28 - Comentários sobre o que interessa no grupo, 2023

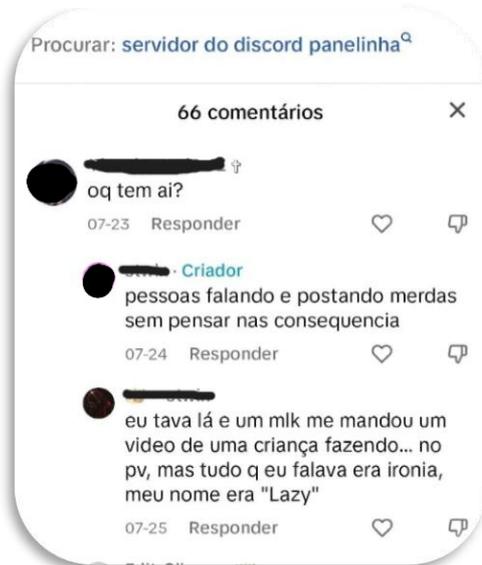


Figura 29 - Conversa sobre um crime real na TCC, 2023

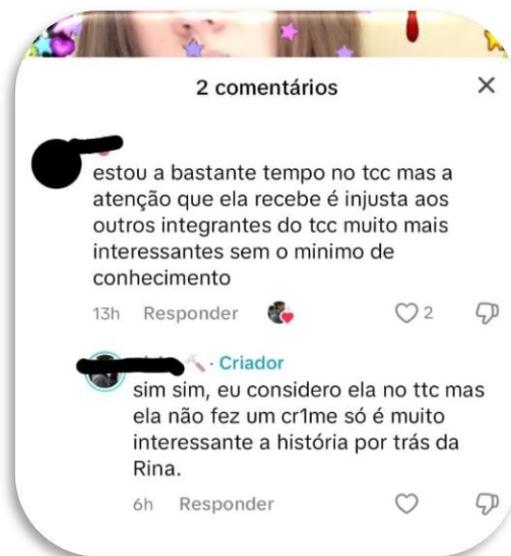


Figura 30 - Comentários sobre o que tem no grupo, 2023



Figura 31 - Comentários idolatrando o assassino de realengo, 2023



Figura 32 - Comentário de um ex-membro sobre o que tinha no grupo, 2024



Figura 33 - Comentários idolatrando o assassino da escola de Suzano, 2024



Figura 34 - Comentários sobre o que viram no servidor, 2024



Figura 35 - Comentários sobre quem participa, 2024

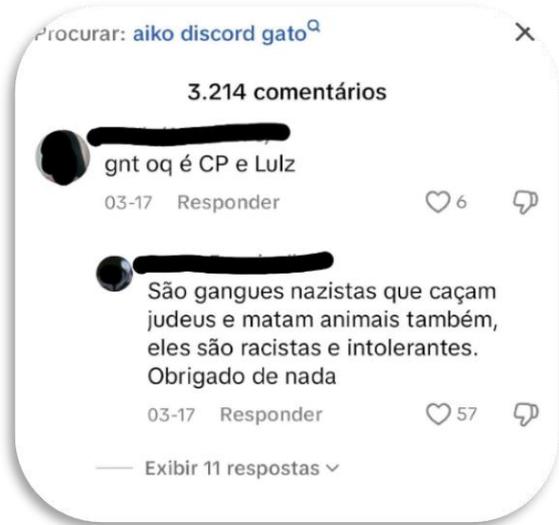


Figura 36 - Relato sobre o que viu no servidor parte 1, 2024



Figura 37 - Relato sobre o que viu no servidor parte 2, 2024

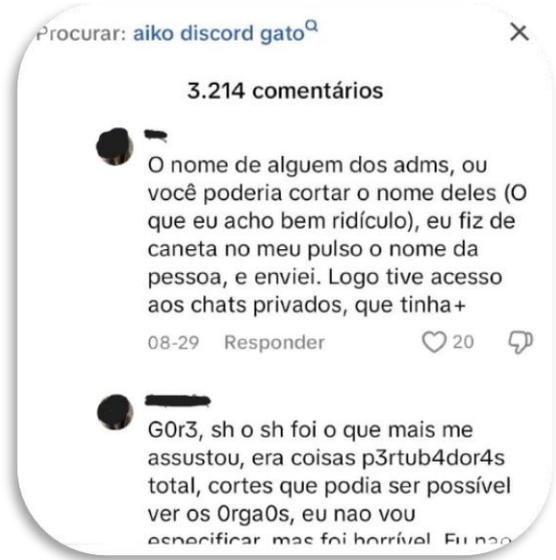


Figura 38 - Relato de um ex-moderador, 2024

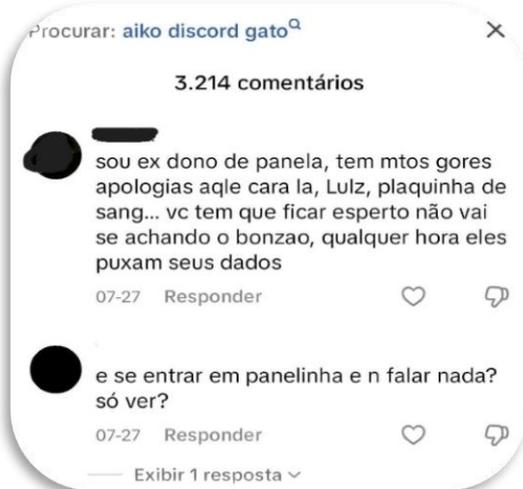


Figura 39 - Comentários sobre o que tem no servidor, 2024



Figura 40 - Comentários sobre o que tem no servidor, 2024

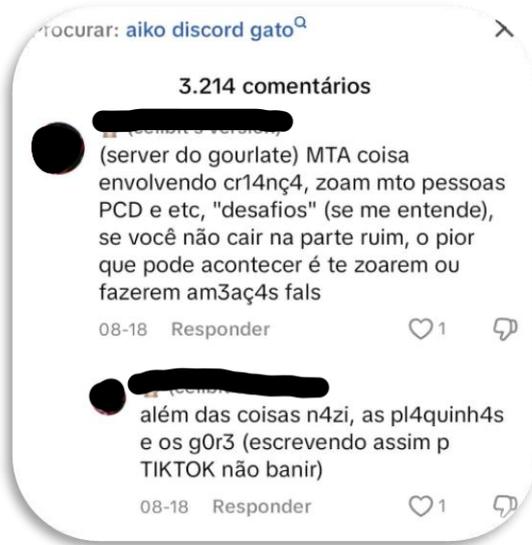


Figura 41 - Comentários sobre o que tem no servidor, 2024



Figura 42 - Relato sobre o que aconteceu no servidor, 2024

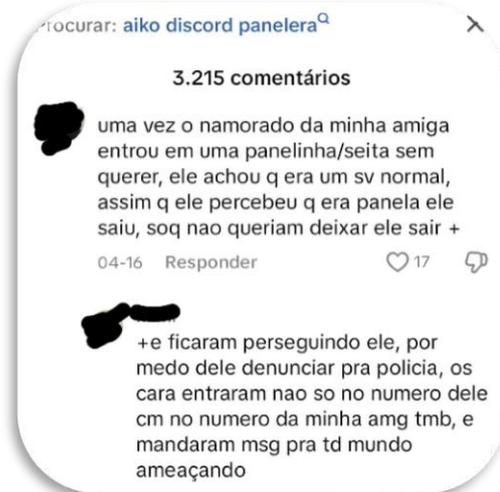


Figura 43 - Comentários sobre hackear dados, 2024

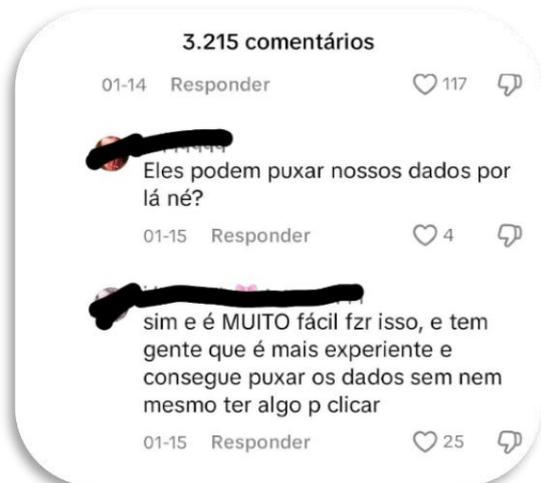


Figura 44 - Comentários sobre o servidor, 2024

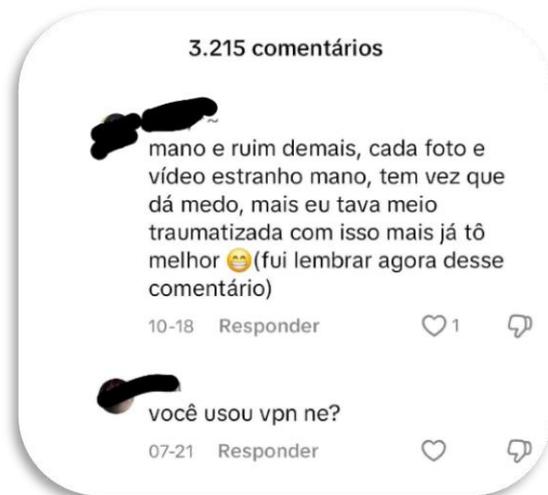


Figura 45- Comentários sobre o servidor, 2024



Foram apresentados diversos prints da rede social TikTok, que mostram uma das portas de entrada dos grupos de radicalização online. Outros meios de cooptação são conversas em chats de jogos online, comentários de vídeos no Twitch ou Youtube, fóruns anônimos, e publicações no X (antigo Twitter). A rede social escolhida foi o TikTok, porque é uma das mais populares atualmente, principalmente entre crianças e adolescentes. Possivelmente quem realiza as postagens para conquistar novos membros são os moderadores, que ficam responsáveis por trazer novos membros e vigiar suas ações. As postagens são em formato de vídeos, utilizando acessórios referentes aos servidores radicais, como máscaras de caveira, roupas pretas, armas, sangue, alusões ao nazismo e memes. A partir disso, é compartilhado um link, no próprio vídeo ou nos comentários. Goffman (1985) analisa como os indivíduos se apresentam em diferentes contextos sociais. Pensando na radicalização online, os moderadores e membros dos grupos criam uma "fachada" online, utilizando símbolos como máscaras, roupas e referências à ideologias extremistas para atrair novos membros e reforçar a identidade do grupo. O conceito de estigma (GOFFMAN, 1988) também pode ser relevante para entender como esses grupos marginalizam e estigmatizam grupos minoritários, que eles consideram como repugnantes.

Eles possuem um modo de cooptação semelhante ao da ultradireita, segundo Farias (2023) ela utiliza do ódio como combustível para o processo de radicalização, e é nas redes sociais onde se alimentam dos discursos de ódio falsificados em humor e da depreciação de minorias através de memes, atraindo cada vez mais indivíduos até seus grupos. A teoria da Sociedade em Rede de Castells (2009) nos ajuda a compreender como esses grupos operam através de conexões e fluxos de informação, construindo um poder em rede. As redes são uma complexa estrutura que envolve a comunicação em torno de um grupo de metas, que mantêm simultaneamente uma proposição flexível na sua execução adaptando a um ambiente operacional. Os grupos de radicalização se aproveitam da estrutura em rede do TikTok e outras plataformas para disseminar suas mensagens, recrutar novos membros e construir uma identidade coletiva em torno de ideologias extremistas.

Os comentários com informações sobre os grupos são importantes para entender como eles funcionam e o que acontecem no interior deles. O nível de violência que se encontra nesses espaços é exorbitante, nos relatos é possível ver que são compartilhadas imagens e vídeos de crimes reais, como assassinatos, estupros e agressões. Partindo para os crimes cometidos pelos membros, pode-se encontrar torturas com animais, uso de drogas explicitamente, estupro virtual, ameaças, automutilações e perseguições online, como stalker por exemplo. Assistir a esses conteúdos repetidamente pode gerar uma normalização da violência, ou até um vício em

materiais cada vez mais violentos. Percebeu-se que o uso das redes sociais como o TikTok servem para amplificar o alcance dos grupos, ao passo que os crimes são planejados e executados dentro do Discord, mas são compartilhados nas redes sociais que possuem maior acesso.

Para Cloward e Ohlin (1960), da Escola de Chicago, a alienação às normas e valores do que é considerado correto na sociedade, é possível através da alienação imposta pela subcultura delinvente, ou neste caso, da subcultura extremista. Utilizando o pensamento de Foucault (2014), pode-se pensar que a exposição repetida a conteúdos violentos, como assassinatos e estupro, pode operar como um mecanismo de treinamento, dessensibilizando os indivíduos e normalizando a violência que é consumida. A dinâmica de vigilância constante entre os membros e a pressão para participar de atividades violentas reforçam o conceito de disciplina. A própria busca por conteúdos cada vez mais chocantes pode ser interpretada como uma forma de autodisciplina, onde as pessoas internalizam a busca por estímulos extremos. E a disseminação de conteúdos violentos também pode ser entendida como uma forma de poder, exercendo um controle sobre os comportamentos dos membros dos grupos, afetando suas percepções e incentivando a prática de crimes.

A microfísica do poder é um conceito central de Foucault (1999), que descreve como o poder não é apenas algo que é imposto apenas por um governo ou uma autoridade, mas algo que se exerce de forma disseminada e difusa através das relações sociais e práticas cotidianas. Os membros de grupos radicalizados disciplinam a si mesmos e aos outros, ajustando suas ideias e comportamentos de acordo com o que é considerado aceitável dentro do grupo. O poder se exerce através das redes sociais, onde os discursos de ódio e extremismo podem ser normalizados e disseminados. Esse tipo de controle de poder também é internalizado pelos membros, que frequentemente acreditam que estão apenas descobrindo a verdade oculta sobre o mundo, ao mesmo tempo em que reforçam comportamentos que justificam a violência.

As narrativas extremistas circulam e se espalham em espaços digitais, moldando identidades e criando uma "verdade" alternada para aqueles que se sentem marginalizados (MILLER – IDRIS, 2020). Assim como Foucault (1999) analisa como o poder se infiltra nos corpos e mentes dos indivíduos, os grupos de extrema direita utilizam discursos que constroem uma verdade sobre a vítima masculina, oprimida pela sociedade feminista. Esses discursos funcionam como práticas de autocontrole e autoidentificação, onde o sujeito radicalizado começa a ver sua identidade ameaçada por um "inimigo" externo (mulheres e outras minorias sociais) e internaliza as normas da extrema direita. No próximo subcapítulo será discutida a

banalização do mal a partir de Arendt (1999), e como esse conceito pode se relacionar com a violência online e os ataques em escolas.

3.5 Arendt e a Banalização da violência nas Plataformas Digitais

De fato, existe uma normalização da violência nesses grupos, seja de quem participa das ações ou de quem só está lá como expectador. Hannah Arendt em seu livro "Eichmann em Jerusalém: Um Relato sobre a Banalidade do Mal", explorou o conceito de "banalidade do mal" enquanto cobria o julgamento de Adolf Eichmann, um dos principais arquitetos do Holocausto. Arendt (1999) observou que a natureza do mal de Eichmann não se tratava de uma crueldade incomum, mas sim na sua incapacidade de pensar criticamente e de assumir a responsabilidade por suas ações, ele cumpria ordens e banalizava seus atos como algo comum. Ele representava a "banalidade do mal" porque demonstrava a ideia de que o mal pode se manifestar de maneira cotidiana, muitas vezes de forma invisível e despercebida.

Este conceito desafia a noção de que o mal é sempre monstruoso, percebendo que ele pode surgir de maneiras mais sutis. Pode-se pensar na normalização da violência como algo cotidiano e nada chocante, como os adolescentes que acessam conteúdos violentos e tratam isso na maior naturalidade. Guimarães (2019) ao analisar a teoria de Arendt (1999) ressalta que a "banalidade do mal" se alimenta da despersonalização, o que impede o indivíduo de se reconhecer como agente moral de seus atos. Ao se inserir em uma estrutura hierárquica, como uma ideologia, o indivíduo esquece de sua capacidade de reflexão, escapando de se responsabilizar por suas escolhas.

A violência não se sustenta por si própria, dependendo de justificativas que legitimem sua existência ou a tornem aceitável dentro de determinados contextos. Essa necessidade de legitimação está associada à busca de uma causa ou propósito que a justifique, funcionando como um meio para alcançar objetivos. A violência, portanto, permanece instrumental enquanto for eficaz em alcançar os fins pretendidos, sendo este seu aspecto central e definidor (ARENDR, 2001). Mas tratando-se dos ataques de violência em escolas, apesar da sociedade não normalizar os acontecimentos, segundo Portes e Araújo (2023), os próprios atores e seus adeptos banalizam esse tipo de violência como algo comum ou até necessário em suas percepções distorcidas. Isso porque a exposição diária à violência online por meio de vídeos e imagens, abre espaço para a banalização de atos de crueldade explícita. Assim como pode ser visto nas publicações do TikTok apresentadas. Portes e Araújo (2023), em seu artigo, ressaltam a importância do

conceito de Arendt (1999) no entendimento da banalização dos massacres escolares pelos autores dos crimes.

Nos parece que, ao optarem pelo extermínio da vida de colegas, que por vezes é seguido do autoextermínio, os adolescentes autores dos ataques estão distantes da construção do senso de pertencimento a uma comunidade maior, sendo a vida e a morte tão fúteis a eles, que o recurso aos ataques passa a ser uma possibilidade e um desejo real; o mal passa a ser uma opção banal (Portes e Araújo, 2023, p.15).

Portes e Araújo (2023), afirmam que se os jovens estão encontrando coerência em discursos supremacistas e neonazistas, isso revela muito sobre a atual conjuntura política e social do Brasil. A escola, embora não seja um mundo em si, é um espaço que o representa. É nesse ambiente que as dinâmicas sociais, políticas e culturais se materializam, revelando tanto as potencialidades quanto os problemas de uma sociedade. Diante da ascensão das ideologias neonazistas no país, alavancada pela disseminação de conteúdos extremistas em plataformas digitais e pela maior disponibilidade de armamentos, crianças e adolescentes estão crescendo em um cenário cada vez mais hostil.

A internet, que deveria ser uma ferramenta para o aprendizado e a interação saudável, tem se tornado um terreno fértil para a propagação de ideologias violentas e excludentes. Isso ocorre muitas vezes de forma silenciosa, em fóruns e grupos que capturam a vulnerabilidade dos jovens, oferecendo uma ideia distorcida de pertencimento. A estrutura de dominação da extrema-direita emergiu da internet escondida como os chans e foi transferida para as redes sociais abertas, e infelizmente, contam com a proteção das empresas de tecnologia que se omitem através do discurso de liberdade de expressão (FERREIRA, 2023). Nesse contexto, a escola que lida com essa realidade, acolhe os reflexos de uma sociedade polarizada, onde o extremismo encontra terreno fértil entre os que se sentem invisíveis ou desamparados. Esse é o mundo que se apresenta para as crianças e adolescentes.

CAPÍTULO 4 PERCEPÇÕES ACERCA DA VIOLÊNCIA NAS REDES SOCIAIS E NAS ESCOLAS

Este capítulo apresenta os resultados de um questionário online realizado com 103 usuários frequentes de diversas redes sociais, como Facebook, Twitter (X) e Instagram. Os questionários foram compartilhados em diversos grupos e comunidades na internet, principalmente ligados a memes e jogos online. A pesquisa revelou a ampla disponibilidade de conteúdo violento e extremista na internet, incluindo discursos de ódio e incitação à violência. Constatou-se que 71% dos participantes se deparam com esse tipo de conteúdo diariamente. Também serão apresentadas 5 entrevistas semiestruturadas com agentes da segurança pública e 5 entrevistas com diretoras escolares, buscando compreender o impacto do conteúdo online em crimes e no comportamento dos alunos, além das estratégias de prevenção à violência no ambiente escolar. Os entrevistados compartilharam perspectivas valiosas sobre casos concretos, como atentados que conseguiram ser evitados, o aumento de casos de bullying relacionados a discursos de ódio online, e dinâmicas comportamentais observadas no ambiente escolar, como a reprodução de comportamentos violentos vistos na internet.

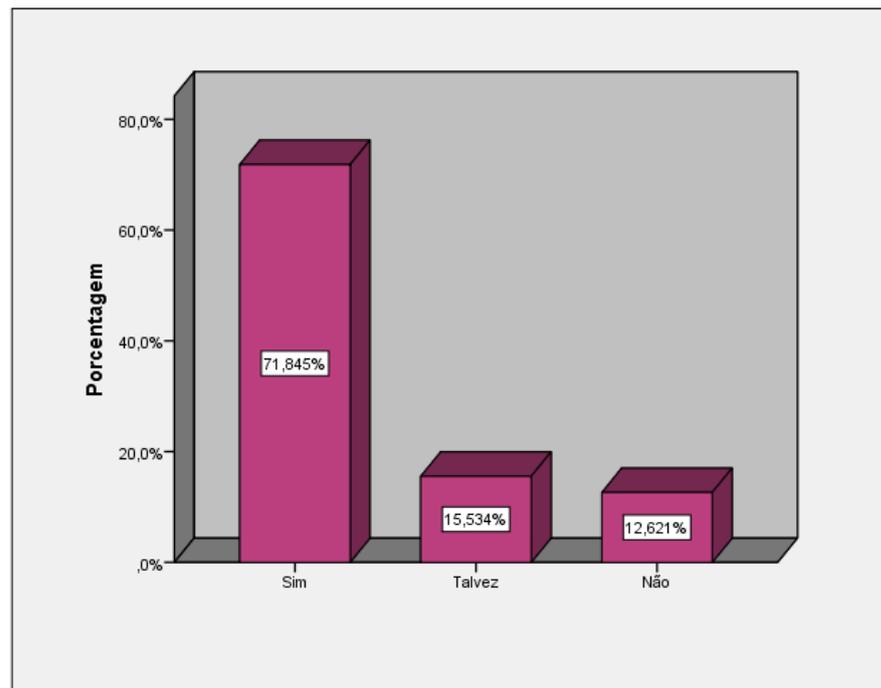
4.1 Questionários com Comunidades Online

Foi aplicado um questionário utilizando a plataforma Google Forms, direcionado a comunidades online de indivíduos que declararam utilizar frequentemente as redes sociais. Elas foram buscadas no Facebook e no X (ex Twitter). Que faziam partes de comunidades de humor (compartilhamento de memes) e de alguns jogos online, como GTA, League of Legends, Valorant e Call of Duty. O questionário obteve um total de 103 respostas, oferecendo um panorama relevante sobre a exposição à conteúdos violentos na internet. Uma das perguntas centrais abordava se os participantes já haviam tido acesso a algum conteúdo de violência explícita. Os resultados mostraram que 71% dos respondentes afirmaram que sim, 15% indicaram que talvez, enquanto apenas 12% disseram não ter tido contato com esse tipo de material. Pensando através da teoria de Durkheim (2019), o fato da maioria já ter acessado esse tipo de conteúdo não se trata apenas de escolhas individuais, mas de uma tendência coletiva influenciada pela própria estrutura das redes sociais.

A exposição constante a conteúdos violentos também pode levar à normalização da violência e à dessensibilização dos indivíduos. Esses dados mostram a facilidade com que conteúdos mórbidos e violentos circulam pela internet, sem qualquer tipo de proteção efetiva

ao usuário. Isso ressalta a fragilidade dos sistemas de moderação das plataformas digitais, permitindo que materiais extremamente violentos estejam ao alcance de qualquer pessoa, independente da idade. A ausência de barreiras eficazes para limitar o acesso a tais conteúdos expõe não apenas a falha no controle por parte das plataformas, mas também o impacto potencialmente negativo na saúde mental e emocional dos usuários.

Gráfico 3 – Você já encontrou algum conteúdo violento nas redes sociais?

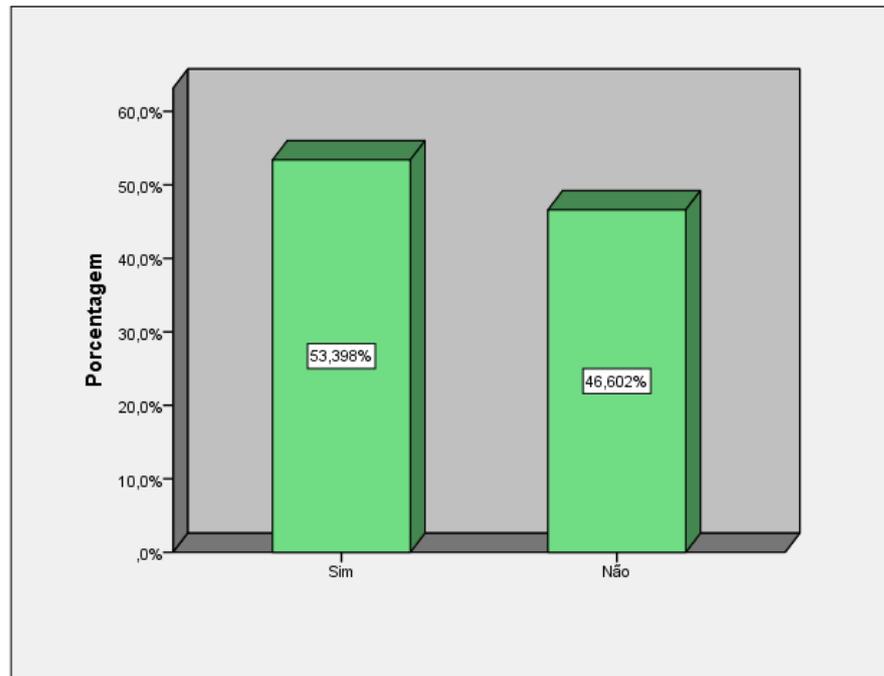


Fonte: Própria. Gráfico confeccionados no SPSS.

Outra pergunta foi se os participantes já haviam se deparado com conteúdo violento sobre ataques em escolas enquanto utilizavam as redes sociais. Os resultados revelaram que 53% dos participantes afirmaram ter tido contato com esse tipo de material, enquanto 46% indicaram que não. Esses números destacam a facilidade com que conteúdos sensíveis e nocivos podem ser acessados na surface web, ou seja, na parte da internet de fácil acesso, sem a necessidade de ferramentas específicas em camadas mais profundas, como a Deep Web. Essa vulnerabilidade na surface web expõe usuários, principalmente os mais jovens, a discursos que podem normalizar ou até incentivar comportamentos destrutivos. Não adianta as mídias jornalísticas formais executarem uma política de não divulgação de massacres escolares, assim como no caso de suicídios, se nas redes sociais se compartilham livremente postagens e vídeos sobre os atentados. Da mesma forma podem ser incentivados crimes por imitação (copycat

crimes), pelo efeito contágio (TOWERS, 2015), através do acesso livre as notícias e conteúdos violentos sobre ataques em escolas.

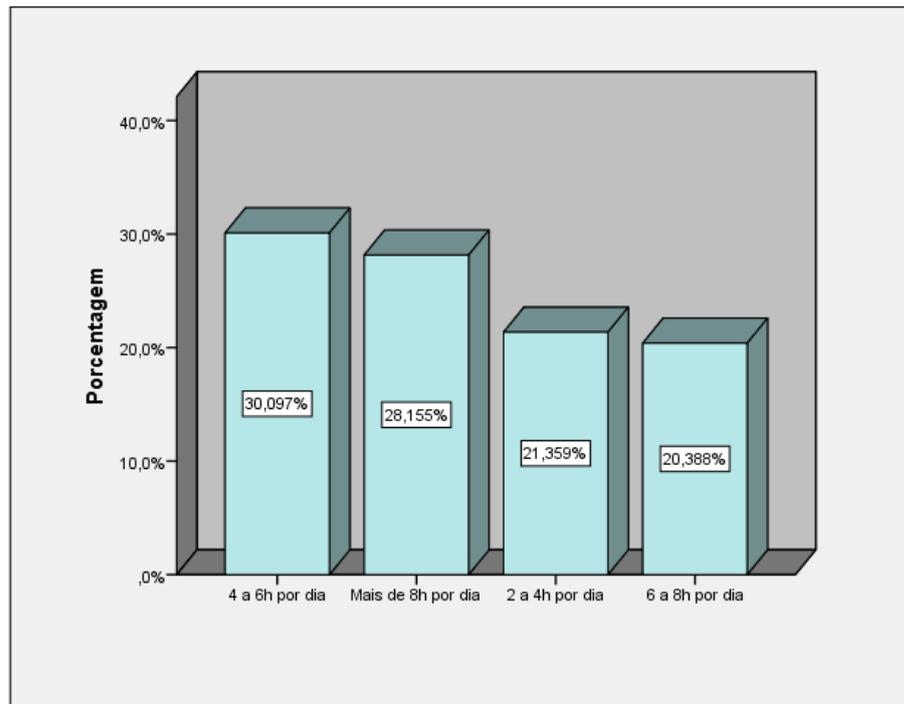
Gráfico 4 – Você já se deparou com algum conteúdo violento sobre massacres em escolas?



Fonte: Própria. Gráfico confeccionados no SPSS.

Quando questionados sobre o tempo diário de uso da internet, os participantes apresentaram os seguintes resultados: 30% relataram utilizar a internet de 4 a 6 horas por dia, 28% mais de 8 horas, 21% de 2 a 4 horas e 20% entre 6 e 8 horas. Esses dados indicam que a maioria dos respondentes passa um tempo significativo conectada, com uma parcela expressiva dedicando mais de 6 horas diárias à navegação online (48%). Esse padrão de uso sugere uma exposição prolongada às redes sociais, o que pode ser considerado prejudicial, principalmente quando associado a conteúdos violentos ou tóxicos. Estudos apontam que longos períodos de exposição à internet estão relacionados a problemas na saúde mental (OLIVEIRA, 2022) e em alguns casos, maior suscetibilidade a conteúdos prejudiciais. Esses resultados reforçam a necessidade de se discutir sobre o uso equilibrado da internet e de práticas que promovam bem-estar digital.

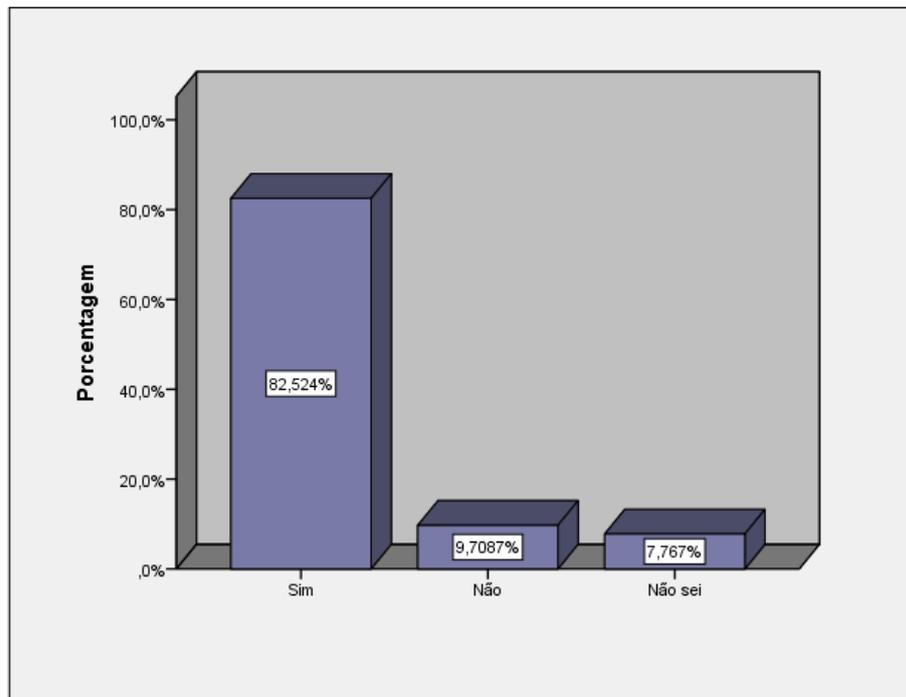
Gráfico 5 – Quanto tempo você passa usando a internet?



Fonte: Própria. Gráfico confeccionados no SPSS.

Quando perguntado aos participantes se eles acreditavam que o discurso de ódio presente na internet e nas redes sociais poderia contribuir para a ocorrência de ataques violentos, os resultados foram bastante reveladores. Um expressivo percentual de 82% dos respondentes afirmou que sim, indicando uma percepção dos usuários sobre o impacto negativo que esses conteúdos podem exercer no comportamento de indivíduos vulneráveis ou suscetíveis à radicalização. Por outro lado, 9% discordaram, acreditando que não há relação direta entre o discurso de ódio online e os ataques, enquanto 7% dos participantes declararam não saber ou não ter opinião formada sobre o assunto. Segundo Costa (2021) a conectividade também abre espaço para pessoas que utilizam a ferramenta tecnológica de maneira ofensiva, que podem se esconder atrás de uma tela com a sensação de impunidade, utilizando do anonimato. O fato de a grande maioria dos entrevistados concordar com essa relação evidencia um consenso importante e uma preocupação crescente entre as pessoas em relação à facilidade de acesso a conteúdos mórbidos e incitadores de violência nas redes sociais.

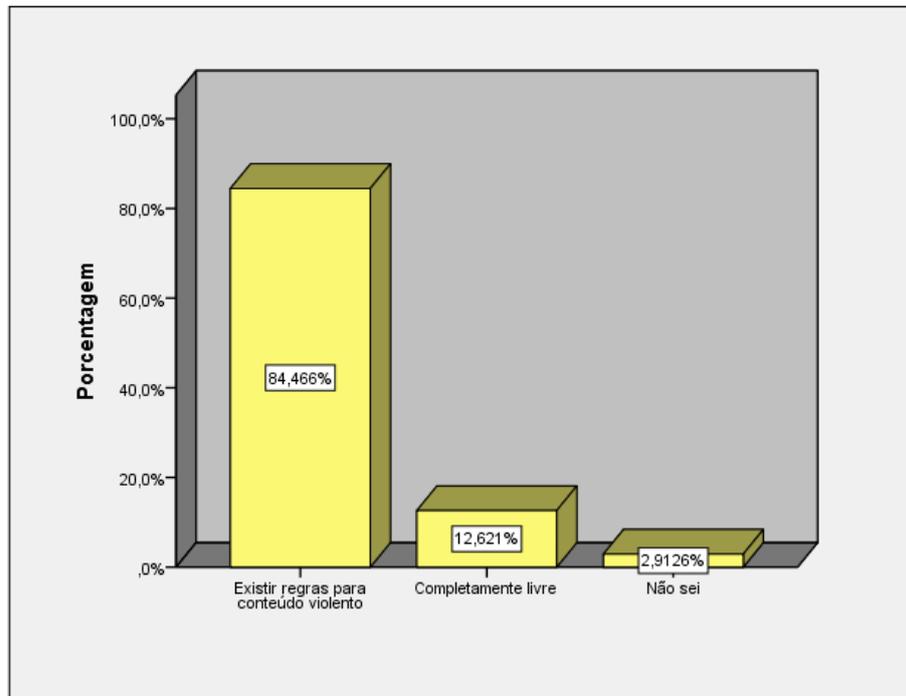
Gráfico 6 – Na sua opinião o ódio na internet pode contribuir para o acontecimento desses ataques?



Fonte: Própria. Gráfico confeccionados no SPSS.

Foi perguntado aos participantes se eles achavam que a internet deveria ser completamente livre ou que deveriam existir regulamentações para conteúdos violentos. A maioria dos entrevistados (84,4%) acredita que devem existir regras para conteúdos violentos, demonstrando uma preocupação com os impactos negativos de materiais prejudiciais e uma visão de que a liberdade online deve ser acompanhada de responsabilidade. Apenas 12,6% defendem que a internet deveria ser completamente livre, indicando que uma parcela menor valoriza a liberdade irrestrita. Uma pequena parte 2,9%, declarou não saber ou não ter opinião formada. Esses resultados revelam um consenso dos participantes em favor da regulamentação, mostrando as preocupações com a propagação de discursos de ódio e desinformação, além de destacar a relevância de políticas que equilibrem liberdade de expressão e segurança no ambiente digital. Infelizmente no Brasil ainda não se tem uma posição em relação a isso, mas há uma possibilidade de aprovar a legislação das redes sociais no país.

Gráfico 7 – Você acha que a internet deve ser completamente livre ou haver regulamentações para conteúdos de ódio?



Fonte: Própria. Gráfico confeccionados no SPSS.

Relatos sobre conteúdos violentos na internet

No questionário, foi reservado um espaço para que os participantes pudessem, de forma livre e anônima, relatar as experiências e os tipos de conteúdo que já encontraram nas redes sociais. Essa seção aberta permitiu capturar relatos mais detalhados e qualitativos, podendo encontrar uma perspectiva mais ampla sobre o impacto e a composição dos materiais acessados online. Serão utilizados nomes fictícios para citar os relatos dos interlocutores. Os participantes relataram encontrar vídeos violentos de assassinatos, suicídios, agressões, postagens incentivando a violência e conteúdos sexuais, inclusive de menores de idade. Mesmo que a pessoa não busque esse tipo de imagens ou vídeos, o material acaba aparecendo na página da rede social em algum momento, pois conteúdos que causam choque possuem maior engajamento, e conseqüentemente são mais compartilhados e acessados. Ressaltando a importância da regulamentação das redes sociais, para que esses conteúdos prejudiciais não sejam disseminados em páginas públicas e abertas.

Vídeos de morte e tragédias nas redes sociais, mesmo não sendo o meu nicho de pesquisa infelizmente não consigo escapar deste tipo de conteúdo (Larissa, 2024).

Vídeos de assassinatos, suicídio etc. Além de imagens que estavam associadas a esses temas (João, 2024).

Vídeos de agressões, postagens incentivando a violência (Lucas, 2024).

Suicídio. Auto mutilação. Homicídio. Agressão física e verbal (Amanda, 2024).

Agressões verbais, assassinatos em vídeo, conteúdo racista (Flávia, 2024).

Agressão física contra mulheres e crianças, vídeos explícitos de sexo aleatoriamente no Twitter, vídeo de assassinato rodando aleatoriamente no Twitter, etc (Miguel, 2024).

Gente sendo ofendido/humilhado por conta da cor da pele, classe social, condições financeiras, etc (Gustavo, 2024).

É super comum entrar numa rede social e ter alguém comentando sobre crimes ou conteúdos perturbadores. Mesmo que você não consuma, sempre aparece um ou outro nessas plataformas de vídeos curtos como TikTok e Instagram. Hoje mesmo apareceu o vídeo de uma menina contando sobre um crime denominado "Mrs. Pac Man". Confesso que não tenho estômago para ver essas coisas, mas ouvi ela contando e me senti muito mal (Jeferson, 2024).

Exposição de menores de idade com conotação sexual, conteúdos relacionados a violência física no tik tok, além disso, o mais chama atenção nessa plataforma é a quantidade de pessoas nos comentários dos vídeos desta mesma plataforma apoiando práticas que contrariam vários direitos humanos. A plataforma dá a possibilidade de comentários pela liberdade de expressão e os usuários utilizam deste artifício, pra fazer comentários com alto teor homofóbicos, transfóbicos, entre outras atrocidades ligadas à violência verbal entre outros tipos de violência (Maria, 2024).

Conteúdo de tortura, de morte, de guerras, catástrofes naturais, violência com animais, violência sexual, violência verbal (Juliana, 2024).

Relatos sobre ver planejamento de ataques em escolas na internet

No X já vi uma postagem falando que estava planejando um massacre na escola, era uma conta com imagem de caveira com balaclava no perfil (Ana, 2024).

Sim, numa rede social "Ifunny" era bem comum ter memes sobre isso e comentários falando que iriam fazê-lo (Pedro, 2024).

Quando aconteceu aquele primeiro caso do ano passado o twitter lotou de gente falando que planejava também, chegou a ir para no trend topics (Gabriel, 2024).

Sinceramente, oq eu vi fui eu mesma por decorrência de bullying querer matar meus colegas, mas nunca aconteceu, claro (Luana, 2024).

Ameaça de tiroteio na minha facul (Luís, 2024).

A coordenação da minha atual universidade recentemente recebeu emails com ameaças a vida de todos que frequentam o local (Katia, 2024).

Em 2018 / 2019 um garoto queria fazer massacre em uma escola no bairro da Penha, ele dizia q se inspirava no massacre de Columbine (Eduarda, 2024).

Pré-pandemia, no Central Educacional Nossa Senhora Auxiliadora, localizado em Campos dos Goytacazes, um aluno fez posts no instagram que aludiam à um ataque na escola. Foi expulso e virou notícia local da semana (Monica, 2024).

Os participantes relataram uma série de conteúdos explícitos que acessaram online, na rede social aberta. E muitas vezes, nem pesquisaram sobre aquilo. Houve um relato de que mesmo que a pessoa não buscasse aquele conteúdo, ele aparecia. Isso acontece porque os materiais violentos ou conspiratórios possuem um enorme engajamento, e o algoritmo que é apenas um cálculo matemático, entende aquilo como algo que as pessoas gostariam de ver. E quanto menor o filtro das redes sociais, ou seja, sem banimento de conteúdos mórbidos, mais ele vai circular nas plataformas. É o que Bucci (2021) chama de mais valia do olhar, um conteúdo que gera muito engajamento, conseqüentemente acumula uma quantidade exorbitante de lucro. Portanto é desejável que ele circule. Porém, a exposição constante à violência nas redes sociais pode levar à banalização da violência (ARENDR, 1999), em que as pessoas não se chocam mais ao se depararem com imagens fortes. No próximo subcapítulo será discutido essa conjuntura na perspectiva da Indústria Cultural, e como a mídia sempre manipulou os materiais disseminados em prol do enriquecimento.

4.2 O Conceito de Indústria Cultural na Divulgação de Conteúdos Violentos

A Indústria Cultural é um conceito desenvolvido por Adorno e Horkheimer, em seu livro "Dialética do Esclarecimento". Adorno dedicou-se em estudar a formação individual através da cultura de massa, assim como a dimensão violenta da relação entre indivíduo e sociedade. Na perspectiva de que a cultura se torna uma mercadoria produzida em massa pela indústria, visando principalmente o lucro e a padronização, em vez de promover a criatividade ou a expressão individual, tornando-se um fenômeno da sociedade moderna. A cultura torna-se um produto importante para a manutenção das relações de poder capitalistas, pois parte de um processo de alienação e fetichização tais quais a produção material. Nessa sociedade o mercado captura e transforma tudo em mercadoria de consumo. Adorno e Horkheimer (2014) argumentam que a indústria cultural não apenas cria uma cultura superficial e homogênea, mas

também contribui para a barbárie ao promover uma mentalidade alienante na sociedade. A barbárie não se trata só de práticas violentas, mas também em que os indivíduos são privados de sua humanidade plena. A indústria cultural é uma parte desse processo de desumanização, onde a cultura se torna uma mercadoria de produção em massa, destinada a atender aos interesses dominantes.

A indústria cultural acaba por colocar a imitação como algo de absoluto. Reduzida ao estilo, ela trai seu segredo, a obediência à hierarquia social. A barbárie estética consome hoje a ameaça que sempre pairou sobre as criações do espírito desde que foram reunidas e neutralizadas a título de cultura (Adorno e Horkheimer, p. 123, 2014).

Essa Indústria Cultural se tornou um triunfo para o capital investido (ADORNO e HORKHEIMER, 2002), iniciando com a rádio e a televisão, propagando os desejos de consumo e os padrões da classe dominante. Latour (2000) também observa a mudança na tecnociência para um mundo em que as pessoas são vítimas de ideologias poderosas. Em vez de produzir só fisicamente, o capital aprendeu a produzir discursos, marcas e apelos emocionais que transformam as mercadorias em sagradas. Pode-se pensar na ideologia da extrema direita, que conquistou as redes sociais, gerando um enorme engajamento com suas teorias conspiratórias e Fake News. Os indivíduos passam a projetar seus desejos nos objetos, e as coisas perdem seu valor intrínseco para serem objetos com a mesma característica. Segundo Adorno e Horkheimer (2002) o valor da mercadoria não tem mais haver com a qualidade, mas sim com a produção extensiva dessa mercadoria. Não importa se é verdade ou mentira, o que importa é o quanto é disseminado e o quanto é consumido pelos expectadores.

Cada vez mais a Indústria Cultural uniformiza os conteúdos e convence o consumidor a continuar consumindo produtos de qualidades duvidosas e com baixo valor artístico. Trazendo para a atualidade, pode-se comparar aos vídeos curtos que acumulam milhares de visualizações nas redes sociais, como danças, desafios e conteúdos de pessoas aleatórias que não fazem parte do meio artístico. Os autores em sua época concluíram que as mercadorias da indústria cultural conseguem penetrar a mente dos consumidores. Estes produtos estão difundidos em todos os aspectos da vida social e o descanso do trabalhador se torna uma extensão de seu trabalho. Isso se tratando de rádio e televisão, mas com os smartphones e a conexão quase que 24h, isso se torna cada vez mais extremo.

Os produtos da indústria cultural podem estar certos de serem jovialmente consumidos, mesmo em estado de distração. Mas cada um destes é um modelo do gigantesco mecanismo econômico que desde o início mantém tudo sob pressão tanto no trabalho quanto no lazer que lhe é semelhante (ADORNO e HORKHEIMER, 2002, p. 6).

A fronteira entre lazer e trabalho se esvaiu, a diversão se tornou um prolongamento do trabalho. Ao chegar em casa do trabalho, ou da escola, como no caso de crianças e adolescentes, as pessoas pegam seus smartphones e seguem monetizando para empresas bilionárias, independente das consequências que isso traz. Consumir para ostentar também é trabalhar, pois expõe a imagem da mercadoria ao olhar social, “é fabricar o valor de gozo no signo da mercadoria” (BUCCI, p.397, 2021). O olhar virou trabalho alienado, um meio de idolatrar sem saber que é trabalho, trabalhando de graça em forma de prazer. Consumidores fazem filas em lojas para comprar celulares, sem ter ideia de que aquele aparelho foi criado para ser um meio de produção para explorá-los. As redes sociais faturam bilhões através de trabalhadores sem pagamento que acreditam estar apenas se divertindo sem custos.

Miller-Idriss (2020), ao discutir como a extrema direita se apropria da cultura pop e da estética, reforça a ideia de Adorno (2014) de que a cultura não é apenas uma forma de entretenimento, mas uma maneira de moldar as ideologias e as identidades. O uso de memes, músicas e produtos de consumo para disseminar visões da ultradireita é uma forma de indústria cultural moderna, manipulando jovens através de símbolos e narrativas esteticamente atraentes. A estética radical da extrema direita cria uma sensação de pertencimento e identificação, assim como a indústria cultural promove produtos que fazem os indivíduos se sentirem parte de uma massa homogênea e controlada. A crítica de Adorno (2014) à "passividade" do público se encaixa bem aqui, pois muitos jovens acabam consumindo e internalizando ideias extremistas sem questionar as influências e os impactos dessas ideologias.

Adorno (2014) cita os filmes de animação da indústria cinematográfica que sempre continham elementos de violência ou crueldade com os personagens, o que angariavam risos e diversões dos espectadores. Elencando como isso normaliza esses atos no cotidiano social, a partir de uma indústria cultural e midiática. Pode-se pensar, nos dias atuais, em como filmes, séries e jogos eletrônicos de teor violento fazem sucesso e colecionam milhares de fãs em todo mundo. Ferreira et.al (2023) em seu artigo, afirma que é imprescindível pensar no papel das mídias pois elas acompanham os indivíduos em todas as fases de desenvolvimento, sendo uma das formas de disseminação da violência. “Vale sinalizar uma possível influência e/ou legitimação das mídias a ataques violentos como os que tem ocorrido nas escolas, embasado no conceito de indústria cultural” (FERREIRA et.al, 2023, p. 5). Além disso a industrial cultural apresenta uma vida perfeita e utópica, e aquele que não consegue vivenciar isso (ter dinheiro, uma namorada, vários amigos) se sente excluído socialmente e possivelmente revoltado com a sua realidade. Como visto anteriormente na descrição de Vinha et.al (2023) sobre o perfil dos

autores dos ataques em escolas, e a forma como eles achavam o mundo injusto e que este lhes devia algo.

4.3 Entrevistas com Agentes da Segurança Pública

Foram realizadas entrevistas com agentes para obter informações acerca de crimes digitais. No total 5 entrevistas, com 2 delegados federais, 1 coronel da polícia militar, 1 policial federal e 1 policial civil. Em uma visita ao ES, através de um contato, realizei 2 entrevistas e fui apresentada ao Plano de Segurança Escolar do Estado do Espírito Santo, que foi criado após o caso de Aracruz em 2022. Um plano bem completo que estabelece medidas preventivas a violência escolar, contando com auxílio de psicólogos e assistentes sociais, assim como grupos de trabalho dos corpos policiais com programas anti-bullying. Também há uma força tarefa de monitoramento online em casos de ameaças de atentados.

As entrevistas foram gravadas e transcritas, estão categorizadas por números, na ordem em que os agentes foram entrevistados. A entrevista número 1 foi realizada com um delegado federal do RJ, a entrevista número 2 com um delegado federal do ES que possui um cargo no governo do Estado, a entrevista número 3 com um coronel da PM que atua na segurança pública. A entrevista número 4 com uma policial civil do RJ que faz parte do programa “Papo de Resposta”, que realiza palestras e dinâmicas em escolas do Estado do RJ. E a entrevista número 5 com um policial federal que investigou alguns grupos de radicalização online.

Na entrevista n.1, o delegado contou sobre a sua experiência profissional e mencionou trabalhar há mais de 20 anos na polícia federal. Ao perguntar qual era a opinião dele como profissional sobre o aumento dos ataques em escolas no Brasil, ele falou sobre as influências dos grupos online, que poderiam fazer com que jovens executassem ações que não fariam sozinhos. Para Cohen (1955) o suporte social e o pertencimento são cruciais dentro de um subgrupo, e a partir disso um jovem pode assimilar certas ideologias como suas, resultando em comportamentos nocivos, que passam a ser normalizados.

Entrevista n.1

Logicamente que toda formação de qualquer grupo em que a pessoa se sinta acolhida, em um projeto, e se esse projeto for para o mal, ele vai querer executar essas ações. Acredito que a maior influência da internet seja na formação dos grupos e esses grupos acabem fomentando indivíduos que sozinhos não fariam nada, mas em grupo eles se sentem amparados digamos assim (Delegado federal, 2024).

Na pergunta “Os grupos nas redes sociais que compartilham conteúdo violento podem contribuir para o acontecimento desses ataques?” O delegado respondeu afirmativamente, e disse que esses conteúdos poderiam disparar gatilhos em certas pessoas. Para Ferreira et.al (2023) as mídias são influentes na disseminação de informações e ideias, inclusive de conteúdos violentos. Quando se tratam de mídias sem regulamentação, como algumas redes sociais, isso se torna mais problemático. Porque não existe controle, plataformas como o Discord e outros fóruns anônimos podem ser entendidos como ambientes virtuais de desorganização social (COHEN, 1955). Nos quais os mecanismos de controle social são frágeis ou inexistentes, permitindo que interações sociais se desenvolvam sem a regulação adequada. O que favorece a existência de comportamentos desviantes.

Entrevista n.1

Claro, existem mentes e mentes né. A gente sempre tem que trabalhar com a mente dos mais frágeis, tem gente que consegue ver conteúdo violento e absorve aquilo de uma forma mais natural. Tem outros que realmente pode destacar um gatilho, algo que já tem latente nele, as vezes uma frustração decorrente de um bullying, uma não aceitação social, as vezes uma família que tem problemas. E todas essas questões pessoais do indivíduo, isso tudo dispara gatilhos em pessoas (Delegado federal, 2024)

A entrevista n.2 foi com o segundo delegado federal entrevistado, que contou sobre a sua experiência de 33 anos na polícia federal, primeiro como agente e posteriormente como delegado. E desde de 2022 possui um cargo no governo do Estado do Espírito Santo. Foi perguntado qual a opinião dele sobre o aumento da violência nas escolas, e ele falou sobre ser uma conjunção de fatores e mencionou a tecnologia como um deles. Efetivamente um fenômeno violento como os ataques em escolas não pode ser explicado através de apenas uma causa, mas há uma concordância de que os problemas da tecnologia possuem participação nisso. Ele também citou a questão do armamento, que aumentou no Brasil nos últimos anos. A questão é que não aumentou somente a compra das armas, mas a idolatria e a fetichização da arma enquanto um objeto que impõe poder.

Entrevista n.2

Olha, é difícil, quando nós vamos analisar qualquer fenômeno de violência, é difícil a gente encontrar um único fator que justifique o resultado. Então, acho que é um conjunto de fatores, de mudança de cultura da própria sociedade, que leva a situações extremas como essas. Então, a tecnologia veio para poder facilitar muitas coisas no dia a dia, nos processos produtivos, ajuda nos

processos acadêmicos, ajuda na comunicação. Mas, por outro lado também, a tecnologia acabou gerando muita exposição das pessoas. Então, isso gera, certamente, uma possibilidade de vulnerabilidade muito grande, sobretudo quando nós estamos falando de jovens. Então, você pega um jovem que já tem uma situação comportamental, de dificuldade de relacionamento, um jovem que é um jovem um pouco mais introspectivo, um jovem que acaba sendo motivo de brincadeiras inadequadas, próprio dos jovens, que sempre aconteceu, mas que nunca ganhou a dimensão que passou a ganhar. E aí, esse jovem, numa situação de vulnerabilidade, ele fica muito mais suscetível a encontrar nessas pessoas que têm interesses exclusivos dentro desses grupos virtuais, motivação para poder cometer um ato como esse, que a gente tem visto aqui, coisa que não era uma realidade do Brasil, mas era uma realidade já que a gente via em noticiários nos Estados Unidos, isso é muito comum. Um outro ponto também que eu acho que contribui para esse resultado é o acesso à arma de fogo (Delegado federal, 2024)

Quando perguntado sobre como as políticas de segurança pública estão sendo afetadas pelo aumento dos crimes cibernéticos, o entrevistado mencionou as alternativas de investigação da polícia e criticou a dificuldade que se tem de fazer um trabalho preventivo. Principalmente pela dificuldade em que empresas de comunicação tem para cooperarem na identificação de comportamentos prejudiciais ou criminosos. Se não existe uma regulamentação, logicamente se torna mais difícil fazer com que as empresas cooperem, pois não há uma lei que as obrigue. Segundo Nobre (2022) a extrema direita já está digitalizada desde de 2013, além de crimes cibernéticos que aumentam a cada dia no país. Basta a polícia e as políticas públicas de segurança, assim como a regulamentação, estejam no mesmo patamar ou mais avançadas que os grupos criminosos. No Brasil as determinações são realizadas pelo STF em situações extrajudiciais, mas de fato uma legislação tornaria o processo mais efetivo e rápido.

Entrevista n.2

Olha, esse é o grande desafio hoje da política de segurança pública, não só do Brasil, mas do mundo inteiro. Como enfrentar esse desafio, que foi a sua pergunta? Nós sempre vamos estar, enquanto poder público, sempre vamos estar atrás das inovações da criminalidade. Mas o que nós precisamos fazer é inserir tecnologia nos nossos processos. Então, hoje, nós temos várias ferramentas onde nós conseguimos monitorar a tramitação de informações. Temos condições de utilizar a inteligência artificial também para nos ajudar a identificar eventuais pontos críticos dessas situações, para que a gente possa atuar. Mas esse tipo de delito, muitas das vezes, exige uma atuação cooperada. Porque, para investigar um crime, por exemplo, nós estamos falando de crime pela internet, às vezes eu vou precisar de uma autorização judicial para poder fazer um afastamento de sigilo telefônico, de sigilo bancário, para poder tentar identificar isso, bloquear isso. Um outro ponto que é fundamental para a gente avançar nisso é que as grandes plataformas de comunicação, elas têm também esse compromisso de integridade em relação aos seus usuários. Mas outra coisa é ela identificar eventual comportamento que eu esteja praticando e que possa

gerar lesão a terceiros e atuar de forma preventiva. Esse exemplo, esse estudo que você está fazendo, é um pouco disso também. Muitos desses ambientes onde o jovem é instigado a praticar algum delito, é possível de ser identificado e mapeado esses comportamentos com uso de inteligência artificial, para que o poder público possa se antecipar na escola e evitar o delito. Mas se eles não fizerem isso, nós vamos sempre estar trabalhando de forma reativa. Então, isso é outro ponto (Delegado federal, 2024).

Ao realizar a pergunta “O senhor já acompanhou algum caso de ataque em escola?” o entrevistado mencionou o caso de Aracruz e um outro caso que não teve vítimas fatais, indicando também o contato de outros possíveis entrevistados que saberiam falar melhor sobre o caso. Para preservar o nome dos coronéis citados, foram utilizadas as letras X e Y para identificá-los. O caso mencionado na cidade de Vitória- ES, se refere a uma tentativa de atentado, em que um estudante entrou armado na escola, e felizmente foi impedido pela polícia civil. Esse fato ocorreu pouco tempo depois do ataque em Aracruz, e na investigação realizada pela Delegacia Especializada de Repressão aos Crimes Cibernéticos (DRCC), foi constatado que o jovem também fazia parte de grupos de ideologias extremistas, além de estar em contato com um perpetrador do caso de Barreiras (BA). Evidenciando uma ligação criminosa e um efeito contágio (TOWERS, 2015) entre os acontecimentos.

Entrevista n.2

Na qualidade de secretário de planejamento, coordenador do programa de estado presente, eu acompanhei aquele caso que houve em Aracruz. Mas tivemos um outro também. Graças a Deus não fizemos vítimas fatais, mas tivemos outro aqui no município de Vitória também. Então, acompanho, sim, o governo. Ele implementou, dentro dessa visão de multisetorialidade do enfrentamento do problema, montou um grupo de trabalho com a Secretaria de Segurança Pública, com a Secretaria de Educação, envolvendo também a sociedade civil para poder discutir e criar alternativas para poder prevenir esse tipo de evento. Hoje nós temos, então, uma estratégia específica onde deve enfrentar isso. O coronel X o coronel Y podem detalhar um pouco melhor para você (Delegado federal, 2024).

O entrevistado n.3 se trata de um coronel da Polícia Militar do ES, que atualmente possui um cargo no governo do estado. Sobre sua experiência, ele foi da PM por 32 anos. Durante um afastamento do atual secretário. Ele é um dos que conduz o Plano Estadual de Segurança Escolar do ES. Foi perguntada qual a opinião do mesmo sobre o aumento dos casos de ataques em escolas. Ele mencionou a mudança nos costumes e na educação, e também as redes sociais. Bem como a exposição de notícias desses crimes nas mídias. O discurso sobre a mudança dos costumes reflete uma ação social tradicional, com um aspecto de racional com relação a valores

(WEBER, 1999), de um policial que age conforme seus princípios, mas que possui um apego aos costumes e valores tradicionais.

Entrevista n.3

Infelizmente, o aumento do número de casos, seja ameaça, violência escolar, bullying, no meu entendimento está ligado diretamente, primeiro, a questões familiares, educação e também aliado às redes sociais. Então, quando você tem a possibilidade de uma divulgação de um pequeno fato, que há um tempo, a irradiação desse fato delituoso é bem maior. E também a mudança que nós sentimos de anos para cá, em relação ao respeito, pai para com filho, filho para com pais, a perda dessa cultura ou dessa educação dentro do lar. Quando você pega na rede social esses deuses chamados influencers e outros mais, isso tira daquela base familiar, muitas vezes, por mais que o pai seja ali respeitoso, conduza muito bem a educação, essa influência negativa acaba chegando na educação dentro do lar (Coronel da PM, 2024).

Perguntei sobre o trabalho que eles fazem no planejamento da segurança escolar, e o entrevistado me contou o motivo da criação do plano – o acontecimento de Aracruz – e também falou sobre como ele é estruturado. O governo do Espírito Santo inicialmente criou uma "sala de situação" focada na estruturação de uma investigação pós crime no município. Em fevereiro de 2023, essa iniciativa evoluiu para o Comitê Integrado Governamental de Segurança Escolar, abrangendo todo o estado do ES. O objetivo foi integrar e otimizar projetos já existentes de órgãos como as Polícias Civil e Militar, Corpo de Bombeiros, Polícia Científica, Secretarias de Educação e de Ação Social (CETADES), para a especificidade da segurança escolar. Como resultado, foi criado o Plano Estadual de Segurança Escolar, que congrega 30 projetos e ações. Aqui o entrevistado traz uma abordagem procedimental, de como políticas públicas se estruturam.

A abordagem procedimental descrita pelo entrevistado reflete a aplicação prática dos princípios da burocracia weberiana e da dominação racional-legal na formulação e implementação de políticas públicas (WEBER, 1999). O foco em hierarquia, impessoalidade, competência técnica, formalismo e racionalidade busca garantir a eficiência, a previsibilidade e a legitimidade das ações do governo. É importante afirmar que, embora Weber tenha reconhecido as vantagens da burocracia em relação a eficiência, ele também alertou para os possíveis problemas, como a rigidez, a lentidão e a exagerada formalidade. Portanto, ao analisar a relação entre a fala do entrevistado e a teoria de Weber, é importante considerar tanto os aspectos positivos quanto os negativos da burocracia.

Entrevista n.3

Nós tivemos em novembro de 2022 o fato trágico no município de Aracruz e a partir daí o governo do estado criou uma sala de situação específica para o município de Aracruz, ou seja, pós fato. No mês de fevereiro do ano seguinte, de 23, nós vimos a necessidade de termos essa sala de situação não somente para o município de Aracruz, mas criar um comitê maior para atender todo o estado do ES. Então foi criado pelo governador a instituição do comitê integrado governamental de segurança escolar, onde nós temos 16 instituições que fazem parte, mais de 42 membros que discutem todas as ações, seja de prevenção, seja de ação rápida, imediata ou de repressão, mas também dentro da questão preventiva, de nós fazermos uma gestão maior de projetos da Polícia Civil, da Polícia Militar, do Corpo de Bombeiros, da Polícia Científica e da própria Secretaria de Educação, da Secretaria de Ação Social também, que é a CETADES, de forma que alguns projetos afins para a segurança escolar pudessem ser aproveitados. O Plano Estadual de Segurança Escolar, que ele congrega 30 projetos e ações e há um monitoramento, através de um PI que nós temos, então, para cada projeto desses 30 que nós falamos, nós temos um coordenador que fica responsável, não somente por tocar o projeto, vamos dizer assim, mas por atualizar os dados nesse painel de monitoramento (Coronel da PM, 2024).

Também foi perguntado se o entrevistado achava que os grupos de ódio nas redes sociais que compartilham conteúdos violentos poderiam incentivar nessas ações criminosas. O entrevistado concordou, afirmando que um jovem que sofreu bullying por exemplo, pode encontrar consolo em grupos de uma camada extrema na internet, e assim ser apoiado em suas ações de vingança. De acordo com Newman (2004), tiroteios em escolas envolvendo adolescentes frequentemente são realizados em grupo ou com o incentivo de colegas. Aqueles que já estão suscetíveis a cometer o ato, podem acabar obtendo coragem após serem incentivados por seus pares. Segundo Martins e Braga (2024) a criação de uma cultura juvenil fez com que a delinquência aumentasse em diversas classes sociais. A perda da capacidade de controle da escola e da família faz com que a influência nas escolhas dos jovens seja cada vez mais orientada pela socialização com seus pares.

Entrevista n.3

Sim, eu tenho certeza que isso pode contribuir, porque o jovem, ele tem uma base muito forte que é a educação da família, mas ele também tem uma pressão muito forte dos amigos, das redes sociais. Por exemplo, ao sofrer bullying, de um colega de uma escola, ele tem uma grande possibilidade de buscar, a gente chama de uma camada mais suja da internet, de buscar ali o apoio que ele acha que vai conseguir, e quando ele faz acesso a essa rede, e ali ele vê que alguns estão apoiando aquela ação que ele pretende fazer, ele acha, ou acaba colocando como sendo ali uma possibilidade de vingar-se daquela agressão que ele teve na escola, que foi o bullying. E aí começam as redes a se conversarem e criarem grupos, arquitetarem planos, às vezes ele vai fazer de forma individual, às vezes

ele vai fazer de forma em que junte um grupo e vai fazer ali o ataque, que às vezes acontecesse nos Estados Unidos (Coronel da PM, 2024).

Entrevista n.3

Mas especificamente desse caso lá de 22 em Aracruz, foi tramado, vamos usar esse termo, por um adolescente, mas ele teve vários acessos a várias redes sociais, inclusive... Neonazismo, e outras diversas. Então assim, o pai dele, inclusive, era um defensor, alguma coisa assim. Tinha um livro. Então, a rede social, as redes sociais, eu digo que com certeza é um grande propulsor de um ato que o jovem não faria sozinho e muito menos não teria coragem para fazer. Ele se acha ali, ele acha dentro daquela rede mais impura ou suja da internet, a forma dele ter coragem em executar aquele ato (Coronel da PM, 2024).

Antes da entrevista ser gravada, o entrevistado falou sobre casos de ataques em escolas que eram impedidos devido ao monitoramento policial de redes sociais. Relatou um caso em específico que um adolescente postou em suas redes sociais que iria realizar um atentado, e pelo monitoramento a polícia conseguiu identificar a localização desse jovem e a escola a qual estava ameaçando. A secretaria de segurança pública recebeu um relatório no sábado à noite de que o fato aconteceria segunda feira pela manhã, então montaram a estratégia sem que chamasse atenção. No dia marcado, policiais descaracterizados estavam em frente à casa do jovem e em frente à escola. Quando esse adolescente chega à escola, a diretora, que sabia da operação o chama para a diretoria, onde estavam dois policiais. A mãe do menino é chamada e autoriza a abertura de sua mochila. Na mochila estava um facão e luvas, e ele confessou que iria realizar o crime porque tinha sofrido bullying. O entrevistado fala um pouco sobre o caso em gravação e como conseguiram abafar o caso pra não gerar comoção e uma possível imitação. Além das medidas pós fato, como o acompanhamento psicológico do aluno.

Entrevista n.3

A gente recebeu um relatório sábado à noite do Ministério da Justiça reservado de que na segunda-feira teria um ataque em uma escola no Espírito Santo. Nós não sabíamos quem era o aluno. Aí começamos a buscar pelas redes sociais o perfil. Chegamos nesse aluno. Contato com a diretora da escola no final de semana. Ela confirmou. É aluno tal, assim, assim, assim. Qual o endereço? Aí começamos a fazer esse... Até chegar na casa dele. E se nós não fizessemos isso, como eu falei? Poderia ter sido uma tragédia... Então, o que nós conseguimos? Nós conseguimos abafar esse caso, de forma que ele continuasse na escola. Lógico, antes disso, a promotora chamou a família, chamou o jovem, fez toda ali as determinações. De 30 a 30 dias, vocês vão apresentar para mim o laudo do psiquiatra, a consulta com o psicólogo. (Coronel da PM, 2024).

A entrevista n.4 foi realizada com uma inspetora da polícia civil do RJ, que integra a equipe do programa “Papo de Resposta” que busca aproximar jovens da instituição policial e promover um diálogo aberto entre a sociedade. Criado há mais de 20 anos, o programa tem como objetivo principal a prevenção à violência e o combate ao uso de drogas, além de abordar outras questões como bullying, cyberbullying e o papel da polícia na comunidade. A entrevistada falou sobre como funciona o programa na prática, e como os focos mudaram desde a criação, que há 20 anos atrás a demanda era somente sobre as drogas, mas atualmente as demandas envolvem bullying, cyberbullying, automutilação e mau uso da internet. Também fala o respeito aos professores – característica de ação por valores – e também sobre o abandono parental, que segundo a entrevistada é frequente nas escolas.

Entrevista n.4

Nossa metodologia foi criada de forma muito orgânica. A gente apresenta o programa para a direção da escola, para a organização pedagógica. Depois desse momento, a gente fala com os docentes. É o momento de pedir licença. A gente entende que a sala de aula, por mais que a gente tenha uma autoridade, é do professor. Então, a gente está ali para servir de treinamento para ele. Para falar o que a gente tem visto nas delegacias, né? Além de tudo, agradecer o que eles têm feito na escola. O nosso trabalho só não está pior graças à educação. Porque, há 20 anos atrás, o assunto do programa era droga. E não tinha internet. A gente não falava sobre isso. A gente não falava de ansiedade. A gente não falava de depressão. A gente não falava de mutilação. Então, hoje, vários outros dilemas e desafios foram sendo demandados para a gente. Eu já fui em escola fazer papo com a diretora, olha, a escola de alto padrão, a gente vai a qualquer lugar que chamam a gente. E todas têm o mesmo problema. Todas. Cada uma escolhe os termos, né? Então, todas têm a internet, o uso excessivo, o mau uso, a droga, o abandono. O abandono tem bastante. Muitas vezes, falta a presença paterna (Policial civil, 2024).

Quando perguntada sobre os assuntos que os membros do projeto apresentam nas palestras para os alunos, ela mencionou que também abordam sobre os perigos da internet, como o acesso a Deep Web e aos conteúdos explícitos. Ela fala sobre um perfil de alunos que utilizam essa camada da internet, como os mais “nerds”, aqueles mais quietos, tímidos, que passam mais tempo na internet. Que é o perfil mais frequente descrito por Vinha et.al (2023) nos acessos aos grupos radicais do Discord, e na perpetração de ataques escolares. A entrevistada também mencionou que os meninos se envolvem mais nesses grupos, enquanto as meninas são vítimas. O que vai de encontro com os casos discutidos a notícias apresentadas. Segundo Cohen (1955) as subculturas delinquentes são exclusivas para jovens do sexo masculino, existe um sistema de valorização da masculinidade, e neste caso, as mulheres aparecem como potenciais vítimas.

Entrevista n.4

E eu falo para eles, tem curiosidade? É crime entrar na Deep Web? Não é crime. Mas quando você começa a fazer o protocolo, porque a Deep Web não entra num clique, a gente faz um protocolo para ter acesso, o teu número IP já está se matriculando num problema. Então a gente fala um pouquinho nesse nível e a gente vê que aquele aluno que entra, aquele aluno que se envolve, geralmente é um aluno muito ansioso. É aquele aluno mais nerd, né? Porque não é um acesso fácil, não é qualquer aluno sem entender que vai entrar, né? O que é mais curioso. Ele geralmente é um aluno que está exposto mais na internet. Na maioria das vezes são meninos. As meninas, na verdade, eu vejo muito, são as mais vítimas. Porque a gente sempre vê, tem meninos também vítimas, mas as meninas, elas são mais vítimas de exposição, de nudes, né? (Policial civil, 2024).

A entrevista n.5 foi realizada com um agente da polícia federal que trabalha no setor de inteligência, e já teve contato com grupos de radicalização online. Sobre a opinião dele no aumento dos ataques as escolas o entrevistado mencionou trabalhar na investigação de alguns casos, e que os mais recentes possuem esse elemento de entrar em grupos e cultivar ideologias que glorificam esses atentados. Segundo David (1967) em uma subcultura, o grupo exige lealdade e reciprocidade, além de um desejo de uma prosperidade coletiva. A subcultura delinvente não fornece apenas acolhimento e apoio, mas também um propósito de vida. Esses adolescentes assimilam as ideologias do grupo, podendo ser capazes de realizar ações que não fariam estando sozinhos.

Entrevista n.5

Então, eu trabalhei nesse período que teve esse aumento, né? Antes disso não se ouvia falar muito. E aí teve esse aumento realmente a partir de 2021, com várias tentativas que às vezes não são divulgadas. O que é divulgado normalmente são as tragédias, né? Mas tem várias tentativas aí que não aparecem em noticiários, que são frustradas por vários motivos. Creio que essa ideologia, essa maneira de se pensar se fortaleceu muito a partir dessas comunidades online. Porque a princípio, nesses casos isolados, você via pessoas atuando de forma solitária, né? Eles tinham uma causa, até defendiam algo e justificavam suas atitudes em defesa dessa maneira de se pensar, né? Tem a ideologia neonazista ali, né? E aí a gente vê, eu vi isso na prática, grupos se formando de fato, grupos com um ano, dois anos de criação, cultivando essas ideias, entendeu? Cultivando esses sentimentos. Eu creio que quando a pessoa entra nesse grupo que ela já possui essa semente dentro dela, e ela encontra influências que regam esse sentimento, ele vai cada vez aflorando e aí culmina nesses atentados (Policial federal, 2024).

O policial federal mencionou a dificuldade de se investigar esses grupos radicais pois as redes sociais não cooperam, já que não obedecem a legislação nacional. Além do uso de VPN³² que os membros utilizam para modificar a localização e usar a internet de forma anônima, o que complica o trabalho policial. O fato de não haver a regulamentação das redes sociais no Brasil faz com que a prevenção seja menos efetiva, pois são situações que deveriam ser bloqueadas pelos algoritmos antes de se agravarem. A falta de controle caracteriza um ambiente de desorganização social (COHEN, 1955), em que as subculturas se formam e se desenvolvem. Neste caso a burocracia pode ser um obstáculo na eficiência, pois necessita de todo um protocolo para se iniciar uma investigação, sem legislações específicas, enquanto a tecnologia avança rapidamente. A busca pela precisão e pelo controle pode levar a atrasos e dificuldades nas resoluções e tomada de decisões (WEBER, 1999).

Entrevista n.5

E também o que é preocupante é que esses grupos surgem em redes sociais que são livres, né? Como Discord, Telegram. É uma dificuldade para o Brasil e qualquer outro país também, né? Porque essas empresas, elas possuem servidores em vários países, então elas não obedecem a legislação nacional. E aí é uma dificuldade para a polícia investigar e ter a colaboração, a interceptação telemática dessas empresas. Inclusive nessa situação que eu trabalhei, aqui no Brasil o Telegram, à época, ele foi bloqueado uma semana por falta de colaboração. E mesmo assim a colaboração não foi tão efetiva. A gente conseguiu informações, mas não foram tão efetivas quanto a gente desejava. E por mais que o servidor nacional aqui seja bloqueado, ainda se você usar uma VPN, por exemplo, você consegue acessar o aplicativo por meio de servidores de outros países. Eles já fazem isso na prática, né? Eles não utilizam infraestrutura nacional para fazer acesso. Então acaba dificultando para a gente fazer esse tipo de análise. Então é uma forma de ocultismo, né? Da pessoa estar totalmente no anonimato e ficar livre para falar o que quiser, sem aquele medo de ser punido por algo que esteja fazendo errado (Policial federal, 2024).

O entrevistado foi chamado para investigar o caso de Aracruz, pois haviam indícios de relação com outros criminosos através de grupos online. Ele conta que esse jovem estava em grupos que disseminavam materiais nazistas, violentos e manuais de como realizar um assassinato ou um massacre. Afirmando que o grupo de certa forma o incentivou a cometer o atentado. Para Sutherland (1940) os comportamentos desviantes são aprendidos, ou seja, é necessária uma interação social para se iniciar nas práticas criminosas, principalmente por meio da associação com grupos, ou seja, a delinquência é um modo de conduta comunitária. O indivíduo se integra a um grupo, aprende o necessário e é encorajado e apoiado a realizar

³² Virtual Private Network, cria uma conexão segura e criptografada, protegendo os dados e permitindo acessar conteúdos restritos.

determinadas ações. A adolescência é uma fase crítica, em que quando não se tem acolhimento para lidar com seus fracassos e questões de identidade, o jovem pode buscar apoio em locais não convencionais, principalmente se forem de fácil acesso. (OLIVEIRA JUNIOR, 2008).

Entrevista n.5

Atuei no caso de Aracruz, homicídio qualificado, a PF queria verificar se tinham outras pessoas envolvidas, grupos etc. Esse rapaz estava dentro de vários grupos que disseminava materiais ideológicos nazistas, um desses grupos tinha manuais de como assassinar, cometer massacres, imagens e vídeos fortes. Ele consumia esses materiais, e o grupo de certa forma incentivou o atentado (Policia Federal, 2024).

Nas 5 entrevistas realizadas com os agentes da segurança pública, foi possível perceber que no geral todos possuem preocupações em torno dos grupos de radicalização online e os perigos que jovens menores de idade estão expostos na internet. Os agentes através de suas experiências profissionais, concordaram que o compartilhamento de conteúdos violentos e a participação em grupos extremistas contribuem para o aumento dos ataques em escolas no Brasil. Devido a influência dos pares, aspectos de pertencimento e acolhimento comunitário, e a normalização da violência. Alguns deles vivenciaram na prática a relação desses grupos com os ataques violentos nas escolas, como o delegado federal, o coronel da PM e o policial federal que trabalha no setor de inteligência. Que investigaram e tiveram contato direto com o material disseminado, afirmando que foi um dos aspectos relevantes para a ocorrência dos atentados.

Os resultados dessas entrevistas corroboram a premissa deste trabalho, de que as interações virtuais entre grupos radicais online têm uma participação na realidade dos crimes discutidos. Utilizando a perspectiva teórica de Durkheim (2019), as entrevistas apresentam regularidades e padrões entre elas, os agentes concluem o fato dessa interação (grupos extremistas x ataques violentos) e discutem casos em que ela se apresenta. Mostrando que a subcultura não só está envolvida em diversos crimes, como também os mais recentes atentados em escolas possuem como similaridade a participação dos perpetradores em servidores violentos. Sutherland (1992) em sua Teoria da Associação Diferencial, explica como interações repetidas em grupos criminosos levam à internalização da valorização da violência. Pode-se atribuir em como a participação contínua em servidores extremistas reforça padrões criminosos nos jovens, e normaliza essas ações.

Os entrevistados também mencionaram a dificuldade de realizar um trabalho preventivo, devido à ausência de uma regulação das mídias digitais. Tornando o processo de

investigação mais burocrático e moroso, o que poderia ser simplificado pelo uso de inteligências artificiais e algoritmos, para banir conteúdos impróprios e criminosos. Essa ênfase em regras e procedimentos pode levar a processos demorados e complexos, essa é uma das críticas à burocracia, apesar de ela ser necessária (WEBER, 1999). Essa falta de controle gera um terreno fértil para o anonimato, e a ocorrência de diversos crimes cibernéticos. O Brasil é o segundo país que mais sofre com esse tipo de crime na América Latina, pelo menos 80% dos consumidores brasileiros já sofreram algum tipo de golpe online (GONÇALVES, 2024). Os crimes do Discord são uma parte destes, exceto o aspecto totalmente financeiro.

Para analisar os discursos dos entrevistados, pode-se utilizar a teoria weberiana das ações sociais, para compreender os perfis e abordagens dos policiais entrevistados. Weber (1999) define ação social como toda ação humana com sentido subjetivo, orientada pela ação de outros, e que envolve uma interação social e um simbolismo. A tipologia da ação social é dividida em 4 categorias: tradicional, baseada em costumes e hábitos, como seguir normas estabelecidas; afetiva, motivada por sentimentos e emoções, como agir diante de uma situação alarmante; racional relativa a valores, ação guiada por valores éticos e princípios, como por exemplo o dever de proteger os cidadãos; racional relativa a fins, motivada por objetivos, por exemplo planejar uma ação policial. O significado da ação depende do contexto social e cultural, e as ações podem ser combinações de diferentes tipos.

É interessante observar que as diferentes ações sociais aparecem nos discursos dos agentes. Na entrevista n.1, o delegado recorre mais a opiniões pessoais e profissionais, na medida em que demonstra seus valores éticos e preocupações em torno do problema. Na entrevista n.2 o delegado se mostra muito racional e objetivo, trata do tema com exatidão e apresenta as abordagens procedimentais na investigação e no papel da Secretaria do Estado. Observa-se um elemento racional relativo a fins, mas também um aspecto guiado por valores, principalmente quando ele fala sobre suas opiniões.

Em duas entrevistas foi possível perceber referências ao passado, aspectos tradicionais de costumes e hábitos que “hoje em dia não existem mais”. Na entrevista n.3 com o coronel, principalmente vemos uma preocupação com a mudança de costumes e hábitos da sociedade, em que os filhos não respeitam mais os pais, e passam a ter mais influências de pessoas na internet do que da própria família. Além de uma perspectiva relacionada a princípios e valores, mas que se torna bastante racional e procedimental quando apresenta o Plano Estadual de Segurança Escolar. Na entrevista n.4 também se aborda um pouco do discurso tradicional, porém é mais focado nas abordagens e procedimentos do projeto “Papo de Resposta”, pautando-se em uma ação racional ligada a fins, mas também com uma preocupação em ser útil

para a sociedade, ela fala de um jeito afetivo, mas também referente a ação social racional a valores.

A entrevista n.5 se situa em uma combinação de uma ação racional relativa a fins com a racional relativa a valores, o tipo que mais apareceu nessa pesquisa. O policial federal demonstra uma racionalidade objetiva ao falar dos procedimentos de investigação, mas também demonstra suas opiniões e valores quando fala das ideologias dos grupos extremistas, e como elas podem influenciar em ações violentas. Todos os agentes demonstraram seus valores éticos ao comentarem sobre os crimes. Existe um perfil de policial que busca agir de acordo com seus princípios, proteger a sociedade e prevenir a violência, seguindo a racionalidade procedimental de acordo com as normas estabelecidas. Alguns buscam aspectos tradicionais para orientar-se, e desaprovam as mudanças atuais nos comportamentos e costumes da sociedade, relacionados a crimes. São diferentes perfis, mas se assemelham entre ações objetivadas em valores e fins. As similaridades também aparecem em suas opiniões profissionais, de que as interações entre os grupos de radicalização e os crimes existem, e são preocupantes.

4.4 Entrevistas com Diretoras Escolares

Foram realizadas 4 entrevistas presenciais com diretoras de instituições de ensino em Campos dos Goytacazes e 1 conselheiro pedagógico. 3 eram diretoras de escolas públicas e 1 de escola particular. As entrevistas seguem categorizadas por ordem de realização, em que a primeira diretora é a número 1 e a última é a número 10. A primeira entrevistada foi professora a 40 anos, e a 4 anos é diretora de uma escola pública grande na cidade. Foi perguntado a ela qual era a relação dos alunos com o celular dentro das instalações da escola, e a mesma respondeu que eles estavam viciados, não largavam o celular e que o corpo docente aguarda ansiosamente a lei de proibição do celular nas escolas. A lei a qual a entrevistada se refere é a 15.100/25 (PORTAL CÂMARA, 2025), sancionada em janeiro de 2025, e que já havia sendo discutida a alguns anos. Atualmente é a proibição está válida para a educação infantil, ensino fundamental e médio. Os celulares somente serão permitidos em situações de risco, para fins pedagógicos e para garantir acessibilidade aos estudantes.

Entrevista n.6

Não, a gente não tem como impedir. Nós estamos desesperadamente aguardando essa lei para proibir. Porque, inclusive, atualmente o que acontece? Eles têm um aplicativo no celular que eles conseguem acessar as senhas de todas as salas que nós temos com internet específica. E aí eles acessam a própria secretaria, eles acessam as senhas e eles entram nessa rede e atrapalham o

funcionamento da escola. E eles ainda têm um outro agravante. Eles estão acessando esses jogos agora por essas bets e tem aluno que está jogando. Isso é péssimo. Então vamos ver se essa lei federal é aprovada e a gente vai ter que fazer uma conscientização dos pais também. Mas qual o problema? Eles estão viciados. A gente hoje no conselho de classe que nós fizemos pela manhã, que foi do oitavo ano e do segundo ano, muitos professores relatando isso, que tem aluno que está viciado no celular, se tornou dependente (Diretora de escola, 2024).

Foi feita a seguinte pergunta “E na sua atividade como professora e diretora, a senhora já lidou com casos de bullying?” A entrevistada respondeu que sim, e disse que muitos dos conflitos começam pela internet, ou se iniciam na escola e continuam através das redes sociais, ou seja, o cyberbullying. Segundo Jesus et. al (2024) esse tipo de bullying intensifica o impacto emocional sobre a vítima, pois possui maior abrangência e anonimato, sendo mais difícil de controlar ou acabar com a violência. Além de que embora sejam agressões virtuais, geram danos reais nas vítimas.

Entrevista n.6

Já, muito. E que todos começam por onde? Na internet. Ou nas redes sociais, tipo as redes sociais abertas, Facebook, Instagram, não é o Instagram que eles têm, né? E às vezes até no grupo da escola, que não é controlado por nós, que é grupo, às vezes, dos próprios alunos, que eles começam a fazer o bullying por ali. E aí, muitas vezes, esses casos acabam estourando na escola. As redes sociais. E que muitas vezes são eles que criam e a gente não tem acesso. Aí o problema começa lá fora e acaba estourando aqui dentro. Aí como é que você resolve? Aí vira, você tem que chamar o responsável, muitas vezes você tem que acessar a polícia, entendeu? (Diretora de escola, 2024)

A diretora mencionou ter preocupação em relação aos grupos online, em casos de automutilação e suicídio. E contou sobre quando escreveram nos quadros das salas de aula que iriam realizar um massacre nessa escola, em 2023. E que apesar de todo esforço realizado com o conselho tutelar e a polícia, não conseguiram identificar os alunos que ameaçaram, mas conseguiram inibir possíveis acontecimentos. Essas ameaças aconteceram em abril de 2023, é importante ressaltar o mês porque 20 de abril foi a data que aconteceu o massacre de Columbine. No mês de abril de 2023 várias ameaças e tentativas se sucederam no Brasil, com o objetivo de comemorar Columbine. Foram encontrados e descontinuados 812 perfis com ameaças de ataques nas redes sociais, além de terem sido realizadas 302 apreensões nesta mesma época (SALDAÑA, 2023). Esse efeito contágio foi observado em diversos casos, assim como em apreensões que impediram os jovens de cometer o ataque. De acordo com Durkheim (2019) quando existem padrões de regularidade nos fenômenos sociais, eles não podem ser

considerados como atos individuais. E assim como o suicídio, os ataques em escolas podem se repetir ou apresentar um aumento através do efeito contágio.

Entrevista n.6

Então, a nossa preocupação é essa, de surgir novos casos através desses grupos. Porque esses adolescentes acessam a deep web, e a gente não sabe. Existia aquela história da Baleia, lembra? Que foi até o papo de resposta que trouxe pra gente, e a gente detectou adolescentes dentro da escola que depois foram no cantinho, conversaram com os policiais, e acabaram relatando que eles estavam sendo incentivados por essas pessoas que se escondem por trás das câmeras pra incentivá-los, inclusive, a cometerem o suicídio (Diretora de escola, 2024). Porque nós tínhamos medo de sofrer esses ataques, porque eles colocavam as ameaças no quadro, né? Foi ano passado. Foi março, abril, alguma coisa assim. Foi nessa época que estourou mais. E aqui, como a escola é muito central, ela é muito visada, né? Então eles colocavam essas ameaças no quadro, inclusive nos dias que antecederam. Aí, isso foi mandado pro Conselho Tutelar, mandado pra polícia, e aí todo mundo ficou de orelha em pé. Muitas crianças nesse dia praticamente nem vieram pra escola porque estavam com medo. Então, o que eles pretendiam fazer que era deixar todo mundo em suspense, com medo, eles acabaram conseguindo (Diretora de escola, 2024).

Por último foi perguntado qual o papel que os pais poderiam desempenhar junto a escola para evitar esses casos. A diretora reclamou que os pais tem terceirizado a educação dos filhos somente para a escola, e que muitos não comparecem as reuniões. Segundo Gradim (2022) a participação da família é de extrema importância na educação dos filhos, mas atualmente as crianças entram cada vez mais cedo na escola porque os pais precisam trabalhar, e o professor acaba assumindo esse papel de cuidador, para além de educador. Não apenas ensinar disciplinas acadêmicas, mas apresentar valores e comportamentos adequados aos jovens em formação.

Entrevista n.6

Os pais teriam que se unir com a escola, né? A presença da família para estar junto das crianças, principalmente para resolver esses problemas seria muito bom, mas o problema é que muitas vezes quando você convoca a reunião de pais e os pais de quem precisa estar na escola, eles não vêm. Eu acho que os pais têm colocado muita responsabilidade da educação só na escola. Isso foi terceirizado, está claramente. Pai e mãe hoje trabalham fora ou faz alguma atividade que não tem tempo e aí está jogando tudo para a escola.

A entrevistada n.7 é diretora de uma escola pública a 1 ano, mas foi professora de inglês e português a 30 anos. Foi perguntado sobre o uso de celular na escola e ela respondeu que não tem restrições, que não consegue ter controle e os alunos são bastante viciados. Os adolescentes brasileiros utilizam o celular cerca de 9h por dia (EXTRA, 2024), uma quantidade de tempo considerada prejudicial, afetando a saúde mental e o aprendizado na escola, já que não desligam

o celular durante as aulas e atividades pedagógicas. Na pergunta “E na opinião da senhora, qual é o problema que esse vício traz para os alunos?” e a diretora falou sobre a falta de interesse nas aulas e a dificuldade de se prender a atenção dos alunos.

Entrevista n.7

Eu acho que é essa falta de interesse mesmo em sala de aula. Essa questão de concentração. Eles acham que é uma coisa muito fácil. Não tem interesse em leitura. Não tem interesse, é só entrando já nos sites e pegando tudo pronto. Entendeu? Então a gente está com essa dificuldade imensa de separar isso daí, né? Porque eles vivem em função disso, infelizmente. Então é tudo nesse site, GPT, é tudo pronto. E fala, entendeu? É pegando ali. Eles não querem ler mais, não tem interesse em leitura. Eles não querem as provas externas, avaliações externas. Eles não têm interesse. O negócio dele é tudo no telefone, tudo pronto (Diretora de escola, 2024).

Em relação ao bullying, a diretora mencionou que sempre acontecem casos, e que frequentemente o corpo docente busca fazer trabalhos de prevenção contra isso. E contou também que já tiveram situações em que a agressão começou pela internet, e tiveram que resolver na escola. A violência escolar é aquela que surge no interior do espaço escolar ou que possua uma relação com a instituição de ensino, como por exemplo o Bullying e o Cyberbullying (SPOSITO, 1998).

Entrevista n.7

Aqui a gente sempre, né, constantemente tem essas situações, sim. Aí já fizemos trabalhos voltados para isso. E a gente está sempre participando de reuniões fora da escola sobre o assunto. Ontem mesmo eu participei. Então a gente está sempre buscando ajuda também, né? Fora da escola para poder amenizar. Mas sempre acontecem os casos, sim. Já teve situações assim. Já tinha grupo na internet e a ofensa começou ali. E se expandiu de uma maneira que vem trazendo esse problema para dentro de sala. Então nós tivemos que chamar a família, né? Chamar os envolvidos e retirar o que foi colocado (Diretora de escola, 2024).

Sobre a participação das famílias no contexto escolar e na prevenção da violência, a diretora menciona a falta de presença dos pais nas reuniões e como eles colocam a responsabilidade da educação dos filhos totalmente na escola. O educador passa a representar um papel além da educação acadêmica, um papel que passa a ser vigiado por todos os seguimentos da sociedade. Os pais responsabilizam as escolas pela educação dos filhos, culpando a instituição por qualquer fracasso pedagógico ou comportamental relacionado (PAULA, 2009).

Entrevista n.7

Então está uma situação assim. A gente está sozinho. Porque os pais mesmo acham já não tem mais jeito, eles estão entregando os pontos. A verdade é essa. Infelizmente hoje está desse jeito. Os pais acabam querendo que a escola se responsabilize, né? Jogando para a gente. E só falam isso. eu já não sei mais o que fazer. Aí você pergunta, tem quantos lá? Tem 13, tem 14. Porque, né? Às vezes eles trabalham fora. E não quer ver, não quer enxergar. A situação está muito complicada. Você trazer hoje o responsável, o pai, para perto. Está muito difícil. Muito difícil. E a educação não está na escola, começa em casa. Para dar certo, a gente tem que ter essa parceria. Entendeu? Hoje mesmo tinha uma reunião marcada de 10 horas. Aí já não veio (Diretora de escola, 2024).

A entrevistada n.8 é diretora de uma escola particular a 33 anos, uma escola pequena de poucos alunos que está localizada na cidade de Campos dos Goytacazes. Ao realizar a pergunta “Na sua opinião, qual o maior problema que o celular traz para os alunos?” ela respondeu que o descontrole do tempo em que os alunos ficam expostos as telas é um dos principais problemas. Além da ingenuidade e desinformação que aquele menor de idade pode ter ao se conectar com pessoas ou grupos que podem ser mal intencionados. Mussa (2019) chama atenção para a bola de neve que pode se formar quando crianças e adolescentes entram em determinados vídeos do Youtube/ TikTok, ou até chats em jogos online, que podem leva-los a conteúdos extremistas, através de conversas que podem parecer inocentes.

Entrevista n.8

Primeiro, o tempo de tela, que é realmente uma situação bem complicada. O descontrole do tempo. E essa ideia que o pai e a mãe ainda têm de que o filho está dentro de casa, está no celular, não está correndo perigo, não tem noção de onde eles estão visitando. Ele está fora de casa, na verdade, está online, em qualquer lugar do mundo, falando com qualquer pessoa, que muitas vezes o pai e a mãe desconhecem. E acho que é a própria desinformação do aluno. Por mais que a gente fale, por mais que a gente coloque um projeto, a gente está sempre alertando sobre isso. Eu penso que deveriam haver mais projetos para alertar sobre isso, tanto o aluno, do que está correndo, de achar que está conversando com quem está, a inexperiência de quem está começando com o celular agora, de achar que pode fotografar, pode filmar qualquer coisa, e sair postando qualquer coisa. Então, tem várias coisas que eu acredito que são ruins do celular, no sentido da desinformação (Diretora de escola, 2024)

Quando perguntada sobre casos de bullying, a diretora mencionou que acontecem bastante, tanto pessoalmente na escola, como por redes sociais. Em que os alunos criam grupos para falar mal ou fazer piada dos outros, acontecendo do grupo “vazar” e ser descoberto, constrangendo a vítima. Para Silva e Borges (2018), as vítimas geralmente apresentam

características consideradas distintas, como serem pessoas tímidas ou quietas, não revidar as agressões e ter baixa autoestima. Basta serem diferentes e possuírem um perfil submisso.

Entrevista n.8

Muitas vezes. Por mais que seja uma escola pequena, com alunos assim, que a família tem uma assistência muito grande, a gente tem. Tanto com relação ao celular, grupo clandestino, que a gente chama, falando sobre assuntos, fazendo bullying com os alunos, como pessoalmente mesmo. Em redes sociais. Da mãe pegar o grupo e quando vier lá, ter alguma situação com o próprio filho ou com outros, sendo conversado realmente no celular (Diretora de escola, 2024).

Ao falar sobre o papel dos pais, a entrevistada mencionou que muitos pais não frequentam as reuniões, os cursos e eventos da escola. E que os pais colocam muito a culpa dos problemas dos filhos nas escolas, colocando a responsabilidade total pela educação. De acordo com Grandim (2022) a família e a escola possuem um papel fundamental, que deve ser articulado para um melhor aproveitamento no aprendizado das crianças e adolescentes, “o papel da família na escola deve ser de incentivo, de motivação, de perspectivas, de interferências, de aprendizagem, no sentido de somar e retribuir sua lealdade, paciência, sinceridade e tolerância para melhor desempenho pessoal e cultural das crianças na escola” (GRANDIM, 2022, p. 98). O que infelizmente não acontece em grande parte das situações.

Entrevista n.8

Eu acho que ter participação em reunião de pais, participação em cursos, que muitas vezes aqui a gente chama, a gente precisa estar implorando. Então a gente tem assim, eu acho que a participação dos pais, buscar mais conhecimento, buscar grupo de ajuda, estar junto com os pais, trocando em grupo de pais que tem a mesma idade do seu filho, se aproximar dos pais, dos amigos, dos filhos. Reunião de pais, eventos na escola. Eu acho que os pais começaram a colocar muita culpa na escola, como se a escola tivesse que educar também. A responsabilidade da escola, até o poder público (Diretora de escola, 2024).

A entrevista n.9 foi realizada com uma diretora de uma escola técnica pública da cidade de Campos dos Goytacazes. Ela é diretora a 10 anos, mas professora de biologia desde o ano de 1988. Perguntei como era a relação dos alunos com o celular na escola, e ela respondeu que há uma dificuldade de controlar o uso, sendo necessário alguns professores reterem o celular dos alunos para que prestem atenção nas aulas. Esta é uma forma de punição para o uso do celular, sem talvez discutir o motivo desta atitude. Por ser um ambiente disciplinador, a escola

acaba encontrando soluções punitivas para os problemas cotidianos, se estabelecendo como um espaço de monitoramento e controle dos corpos (FOUCAULT, 2014).

Entrevista n.9

Aqui a gente até usa o celular na parte pedagógica, tem o Google Sala de Aula que tem material que pode ser utilizado pelo aluno quando o professor pede. Mas tem uma dependência muito grande, eles não prestam atenção às vezes é difícil tem uns que não guardam não. Você tem que falar uma vez, duas vezes, então alguns professores estão até aderindo a estratégia de levar uma caixa para colocar o celular dentro para que prestem atenção na aula senão eles acabam ficando no celular (Diretora de escola, 2024).

Quando perguntado sobre os casos de bullying na escola ela falou que os alunos criam grupos nas redes sociais para atacar uns aos outros, levando o problema para a escola. Ela menciona que os pais querem culpar a escola pelos acontecimentos negativos, como se a escola fosse a total responsável. Na perspectiva de que a escola não possui apenas o papel de educar academicamente, Foucault (2014) apresenta a discussão de que a instituição escolar não serve apenas para educar o indivíduo através do conhecimento, mas também através do poder disciplinador.

Entrevista n.9

Todos os dias sempre a gente descobre um grupo, eles montam um grupo só para atacar alguém ou para atacar vários alunos e a gente descobre porque um, as vezes acaba falando que tem um grupo ali, que está mexendo com fulano e vem trazer pra gente. Mas você sabe o que eu penso? eles precisam, de modo geral ter esse tato que não estão tendo, não existe a preocupação, empatia de como o outro vai receber aquela informação. Eu acho que na minha opinião essa questão da internet é muito mais o papel dos pais do que da escola. Só que os pais querem culpar a escola. Os pais que trabalham o dia todo. (Diretora da escola, 2024).

O entrevistado n.10 é um conselheiro pedagógico da mesma escola técnica da diretora da entrevista n.9, de Campos dos Goytacazes. Ele lida com os problemas diários dos estudantes na escola. Professor há alguns anos e recém chegado como conselheiro, contou sobre os procedimentos em casos de bullying ou violência na escola. A burocracia segundo Weber (1999) é uma das formas mais racionais da organização administrativa, as características como clareza, continuidade e efetividade são primordiais para se atingir os objetivos. Ter uma estrutura procedimental em casos de violência pode facilitar a resolução do problema.

Entrevista n.10

Dependendo do grau de intensidade do processo, a gente tem que por obrigação já fazer todos esses encaminhamentos que são pertinentes, mas a gente tem esse primeiro passo que a gente faz, que é chamar, conversar tentar descobrir o que foi. Nós temos os CRAS que eles vão apoiando a gente nesses processos então esse é o primeiro método que você chama de fazer o registro, chama o aluno quem está envolvido e tenta conversar pra entender o que aconteceu, mostrar como aquilo não estava certo, aí se aquilo persistir, aí sim, aí você vai chamar o familiar. São passos né? você percebe que a criança está precisando do auxílio da terapia de alguma coisa aí eles indicam porque a gente faz uma documentação pra encaminhar (Conselheiro pedagógico, 2024).

O conselheiro mencionou um caso que ele acompanhou de perto, que não se trata de um atentado a escola de fato, mas de uma situação em que um rapaz assassinou uma colega da escola. E quando a polícia investigou, descobriram que ele fazia parte de grupos radicais na internet, que cultuavam neonazismo e compartilhavam conteúdos violentos. Esses grupos estão relacionados a diversos ações criminosas, segundo Ferreira (2023) uma série de violações e crimes aparentemente a margem da lei circulam nesses servidores, e quem participa se beneficia do anonimato para ficar na impunidade.

Entrevista n.10

Olha, eu passei uma experiência muito delicada no ano passado. Eu trabalhei em uma escola, um rapaz matou uma menina. Enfim, teve um ato, assim, estúpido lá. E ele também é aluno. E ele não dava indício... algum, né? Nenhum. De nada. Ele chamou a menina pra ir na casa dele, eles eram amigos próximos. Tentou abusar dela. Matou e abusou. E aí, foram investigar todo o histórico de rede do menino. O menino tinha, assim, eram situações neonazistas. Era todo um aparato. Todo um perfil ali. Um perfil que foi se solidificando pela não-vigilância (Conselheiro pedagógico, 2024).

Ele também falou sobre as ameaças de ataques em escolas que ocorreram no ano de 2023. Em uma escola particular que ele trabalhava, enviaram um comunicado de que iriam executar um atentado, o que deixou todos preocupados. E falou sobre vídeos que circulavam nas redes de pessoas ensinando o que levar para fazer um atentado e como se vestir (usando máscara de caveira). Novamente aparece aqui o efeito contágio do mês de abril, por conta de Columbine, Towers et.al (2015) relatou sua pesquisa que reportagens midiáticas sobre atentados podem gerar um aumento de eventos semelhantes, pois geram um incentivo aos indivíduos em potencial risco de cometer esses atos.

Entrevista n.19

Eu trabalhava numa escola particular, que tem certo renome aqui na região. E a gente recebeu, por escrito, que haveria um ataque. Imagina a nossa cabeça, gente. Dentro da escola, cheio de alunos, sem saber de onde vinha. E como se daria isso? Mas se você também não cancela as aulas e acontece alguma coisa, tá vendo? Foi avisado. Foi avisado e não fizeram nada. Gente, eles tinham um vídeo chamada ensinando o que levar na bolsa. Aquelas máscaras de caveira que... Eu digo porque parte de uma dessas vídeos chamadas foi gravada com um aluno da rede de lá. E ele... Olha, vocês têm que usar tal coisa (Conselheiro pedagógico, 2024).

Foi observado que todos os entrevistados mencionaram a dependência dos alunos nos celulares e nas redes sociais. E como isso faz com que os estudantes percam o interesse nas aulas e atividades pedagógicas. Segundo Pinheiro (2021), existe a “a dependência mediada”, (Rushkoff, 2012), que faz com que a média de tempo em que os indivíduos usam a tecnologia aumente de maneira imensurável. Atualmente, através dos algoritmos as pessoas são instigadas a ficarem cada vez mais conectadas, pois as próximas ações e clicks são todos calculados, e se apresentam mais conteúdos que o indivíduo deseja assistir. Sobre o bullying, todos os entrevistados afirmaram ser recorrente, além do cyberbullying, que faz com que essa violência se torne mais incisiva, seguindo o aluno até a sua casa, dentro do seu próprio celular.

De acordo com a pesquisa de Gohal et.al (2023), no cyberbullying as crianças e adolescentes podem ter relutância a pedir ajuda aos pais, por medo de perderem o acesso aos seus celulares. Diferente do bullying tradicional, que é possível contar com a ajuda de professores e também dos pais. A pesquisa mostrou que o cyberbullying é mais difícil de ser evitado, já que os agressores se beneficiam do anonimato, e sempre que um perfil é excluído, é possível criar-se um novo e voltar a atormentar a vítima.

Sobre o envolvimento das famílias na escola, todos os 5 entrevistados falaram que cada vez mais os pais se envolvem menos, muitos não participam de reuniões, eventos ou atividades proporcionadas pelas instituições escolares. Além de existir um senso comum de que a escola é responsável por todos os aspectos relacionados a educação, e quando algo sai errado, ela que deve resolver. De forma alguma os familiares estão sendo julgados, pois existem diversos motivos para a não participação, mas é interessante pensar os motivos pelos quais os educadores afirmam que se sentem esgotados, e que carregam mais funções do que deveriam. Os entrevistados também falaram sobre o terror de ter a escola onde trabalha sob ameaça de ataque, isso é de fato danoso para a saúde mental dos professores, principalmente em uma profissão que é mal valorizada e que possui um acúmulo de trabalho, necessário para sobreviver.

Porque a escola é um alvo frequente nos atentados? É importante discutir o que significa a instituição escolar. A escola é um espaço de trocas culturais e sociais, que busca construir uma socialização de indivíduos, a ação educativa é uma complexa rede de interações onde se estruturam a produção de conhecimento e relações interpessoais (MARRA E TOSTES, 2008). Segundo Canário (2005) a escola é uma instituição que se tornou uma fábrica de cidadãos, tendo um papel de unificação cultural e política. De acordo com Gomes (2011) a escola é uma realidade instituída e instituinte, a instituição é universal a partir do estabelecimento de comportamentos, regras, valores e padrões que devem ser seguidos buscando regular as atitudes dos sujeitos. O crescimento da escolarização veio acompanhado pela acentuação das desigualdades sociais, assim como o aumento da violência urbana. E a escola como um ponto de convergência de representação das camadas sociais, tem sofrido também com a reprodução da violência de forma explícita. (MARRA E TOSTES, 2008).

Carvalho (2016) argumenta que a violência escolar não pode ser entendida como um fenômeno isolado, mas sim como uma manifestação de problemas estruturais da sociedade. A escola é um ambiente de transmissão de conhecimento e aprendizado, não deixando de ser um espaço de convivência onde normas e valores são perpetrados. O autor aborda como as condições sociais, políticas e econômicas externas à escola contribuem para a violência dentro do ambiente escolar, como desigualdades de classe, racismo e falta de recursos. E o sistema educacional, ao mesmo tempo que busca integrar e socializar os alunos, pode também reproduzir formas de desigualdade e violência (CARVALHO, 2016).

Segundo Sposito (1998) a violência escolar é aquela que surge no interior do espaço escolar ou que possua uma relação com a instituição de ensino, como por exemplo o Bullying e o Cyberbullying. Nos últimos anos houve um aumento de casos de violência escolar, não só das incidências de ameaças e ataques em escolas, mas de brigas, bullying e outros casos semelhantes. O Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania (GOV, 2023), após realizar um levantamento no final de 2023, constatou que a violência escolar registrou um aumento de 50% de 2022 para 2023, recebendo 9.530 denúncias no disque 100. Charlot (2002) afirma que existem 3 tipos de violências relacionadas as escolas, a violência na escola, a violência à escola e a violência da escola.

A violência na escola é aquela que se produz dentro do espaço escolar, sem estar ligada à natureza e às atividades da instituição escolar: quando um bando entra na escola para acertar as contas das disputas que são as do bairro, a escola é apenas o lugar de uma violência que teria podido acontecer em outro local. [...] a violência à escola está ligada à natureza e às atividades da instituição escolar: quando os alunos provocam incêndios, batem nos professores ou os insultam,

[...] essa violência contra à escola deve ser analisada junto com a violência da escola: uma violência institucional, simbólica que os próprios jovens suportam através da maneira como a instituição e seus agentes os tratam (os modos de composição das classes, de atribuição de notas, de orientação, palavras desdenhosas dos adultos, atos considerados pelos alunos como injustos ou racistas)(FERREIRA, 2023 apud CHARLOT, 2002, p. 2-3).

Para Foucault (2014) a sociedade disciplinar apresenta dois marcantes mecanismos de adestramento de corpos: a vigilância hierárquica e a normalização. Na sociedade disciplinar o poder é disseminado por toda a sociedade através de várias instituições de sequestro como escolas, hospitais, prisões, fábricas e a família. Essas instituições operam através de técnicas disciplinares que visam controlar e normalizar o comportamento das pessoas, moldando-as de acordo com os padrões estabelecidos pela sociedade. O autor analisa a escola como um espaço em que as políticas de adestramento de corpos tornam-se efetivas, pois desempenham um papel na formação e normalização dos indivíduos, operando como mecanismos de disciplina e controle social. Vasconcelos (2020) com base em Foucault, ressalta que na idade moderna as instituições de sequestro não são mais locais de castigos e suplícios, mas sim de criação de corpos dóceis, que diferente do suplício, torna os corpos produtivos.

Na oficina, na escola, no exército, funciona como repressora toda uma micropenalidade do tempo (atrasos, ausências, interrupções das tarefas), da atividade (desatenção, negligência, falta de zelo), da maneira de ser (grosseria, desobediência), dos discursos (tagalerice, insolência), do corpo (atitudes “incorretas”, gestos não conformes, sujeira), da sexualidade (imodéstia, indecência). Ao mesmo tempo é utilizada, a título de punição toda uma série de processos sutis, que vão do castigo físico, leve a privações ligeiras e a pequenas humilhações (FOUCAULT, 2014, p. 175).

Dentro de todos os sistemas disciplinares funciona um pequeno mecanismo penal, e o poder como uma forma de repressão também produz um efeito produtivo. Segundo Bonin (2016) a escola possui um modo de vigilância e disciplina através de uma metodologia composta por indivíduos que devem ser educados para se adequar a sociedade. Sendo um espaço de monitoramento e controle dos corpos, assim como o exército e a prisão, para moldar a futura mão de obra para servir ao mercado. Na escola o indivíduo deve se portar de forma “civilizada” seguindo as normas ditadas pela instituição. Aqueles que não se adequam a este modelo, sofrem as consequências, podendo se sentir isolados e discriminados pelo coletivo. Castro (2018) a luz de Foucault, analisa como o dispositivo disciplinar funciona sob uma série de técnicas, como a distribuição de corpos em um determinado lugar, onde serão ordenados em termos classificatórios. Assim como as salas de aula e as séries escolares, cada atividade possui

um ambiente diferente, e são organizados de acordo com as normas. Outro ponto é o controle das atividades mediante horário, as escolas possuem horários rígidos e estabelecidos de acordo com as tarefas.

De acordo com Ferreira (2023), em sua pesquisa sobre grupos masculinistas na internet, nesse ambiente há um ódio a escola tradicional, principalmente para aqueles que possuem dificuldade de socialização com colegas, ou não conseguem se relacionar romanticamente. Eles buscam socializar em ambientes online, onde não se sentem excluídos. Além de haver um discurso sob uma perspectiva da direita de idolatrar medidas alternativas de educação, como o estudo em casa e a educação “sem política”.

Há uma expressão generalizada de ódio ao ambiente escolar e de incompatibilidade da rotina da educação formal com a construção social desses indivíduos masculinistas. Por essa razão, muitos buscam sociabilidades em ambientes alternativos, notadamente as comunidades online, visto que se sentem parte de um processo de exclusão de espaços tradicionais de convivência, como na casa e na escola. Também por aqui a janela de oportunidade de atuação da nova direita se amplia nos grupos para divulgar e reforçar pedagogias de educação formal neoliberais, como o homeschooling e as teorias da "escola sem partido" (FERREIRA, 2023, p. 152).

A internet como um espaço de ampla liberdade contrasta com a escola. Enquanto na internet é possível ser quem quiser e fazer o que quiser, na escola devem-se seguir padrões, respeitar regras e se comportar de forma determinada. Aqueles que não se encaixam, podem se revoltar ou se tornar vítimas de bullying pelos colegas (SILVA e BORGES, 2018), e em diversas ocasiões, as soluções propostas são baseadas em punições. Castigo para aquele que é diferente das normas, castigo para o que realizou a agressão, castigo para aquele que ameaçou fazer um massacre na escola. É preciso utilizar diferentes abordagens, acolher, compreender e prevenir antes que cheguem as vias de fato.

4.5 Estratégias e Soluções para a Prevenção dos Ataques nas Escolas

Diante do aumento dos atentados escolares nos anos de 2022 e 2023, quais são as estratégias que estão sendo tomadas pelo poder público para prevenir e controlar esse crescimento? Existem algumas medidas que surgiram após a explosão desses casos, e elas serão apresentadas neste subcapítulo. Tanto o governo federal quanto os governos estaduais realizaram tentativas de mitigar os danos desses acontecimentos, seja em prevenção ou resolução de conflitos, tem surtido alguns resultados positivos.

No ano de 2022, na transição governamental do presidente Lula foi criado um grupo de trabalho temático em educação, resultando no relatório “O extremismo de direita entre

adolescentes e jovens no Brasil: ataques às escolas e alternativas para a ação governamental”, publicado em dezembro de 2022, organizado pelo Prof. Dr Daniel Cara. O documento discute o crescimento dos atentados escolares e sua relação com o extremismo de direita, como os grupos radicais online. O relatório sugere observar comportamentos específicos que podem surgir em jovens, como interesse por conteúdos violentos, crimes e armas de fogo. Além de agressividade e ódio direcionado às minorias sociais. Indica a extrema necessidade de os órgãos de inteligência da segurança pública monitorarem redes sociais e fóruns anônimos, afim de prevenir possíveis acontecimentos.

Já em 2023, o MEC sugeriu 13 medidas emergenciais para combater a violência nas escolas, algumas delas são: Enfrentar e desmembrar as comunidades extremistas de ódio; Responsabilizar redes sociais que circulam conteúdo extremista e ilegal; Promover políticas de saúde mental nas escolas, com mais investimentos na rede de atenção psicossocial; Ampliar e aperfeiçoar o setor de inteligência sobre os crimes de ódio e estabelecer ações articuladas contra os ataques às escolas; Garantir a estrutura física para espaços de convivência democrática e diálogos nas escolas para a resolução pacífica de conflitos (LIMA, 2023). Citando os grupos de ódio e a responsabilidade das empresas de redes sociais nos conteúdos prejudiciais que são disseminados.

O Governo Federal, através do Ministério da Justiça e Segurança Pública criou em abril de 2023 o programa Escola Segura, um canal apto a receber denúncias de ameaças e a realizar os procedimentos necessários. A plataforma foi desenvolvida em parceria com a Safernet³³, faz parte da Operação Escola Segura e tem o objetivo de monitorar principalmente as postagens em redes sociais (LEMOS, 2023). As denúncias anônimas são recebidas e analisadas por uma equipe de 50 policiais que fazem parte do Laboratório de Operações Cibernéticas (Ciberlab) e da Diretoria de Operações Integradas e Inteligência (Diopi). Nos meses de abril, junho e julho de 2023, o canal Escola Segura³⁴ recebeu quase 10 mil denúncias (SALMAZIO, 2023), que se concentraram principalmente em datas próximas aos ataques ocorridos naquele ano. A operação Escola Segura em outubro de 2023 já tinha realizado mais de 400 prisões e apreensões (GOV BR, 2023).

Também foi implantada a disciplina de “Cidadania Digital” no ano de 2023 em diversas escolas brasileiras. A disciplina tem parceria com a Safernet e o governo do Reino Unido com o Programa de Acesso Digital (DAP em inglês). Buscando ensinar como evitar as ocorrências

³³ Safernet é uma ONG que reúne pesquisadores e atua recebendo denúncias de crimes digitais, com a proposta de tornar a internet um ambiente seguro.

³⁴ O link para consultar o Programa Escola Segura está disponível em: <https://www.programaescolasegura.com.br/>

de cyberbullying, o contato com pessoas inapropriadas online, o acesso a conteúdos violentos ou prejudiciais e a exposição da imagem do público menor de idade. Em dois anos de projeto, a disciplina já alcançou 356 escolas de 242 cidades, em 18 estados brasileiros. Até dezembro de 2024, mais de 40 mil alunos já haviam acessado a plataforma em sala de aula, ministrados por 416 professores. Mais de 15.500 professores já se matricularam para realizar o curso de formação de educadores dessa disciplina (SAFERNET, 2024).

Os estados também criaram estratégias para prevenir e controlar a violência nas escolas, principalmente aqueles que tiveram casos. No Rio de Janeiro foi instaurado o “Protocolo Eu Te Vejo”³⁵ que é uma iniciativa da Vara da Infância e Juventude e do CEJUSC de Justiça Restaurativa que visa conscientizar a comunidade escolar – incluindo escolas, famílias e o sistema de Justiça – sobre as causas da violência no ambiente escolar. O projeto discute estratégias para combater essa problemática e transformar as relações dentro das escolas, promovendo um ambiente mais respeitoso, acolhedor e inclusivo (AMAERJ, 2023). No estado existe há mais de 10 anos o projeto Papo de Resposta da PCRJ, criado inicialmente para combater as drogas nas escolas, passou a abordar estratégias contra bullying, cyberbullying e os perigos da internet.

O estado do Espírito Santo após o acontecimento de Aracruz em 2022 criou o Plano Estadual de Segurança Escolar³⁶, que discute estratégias de mitigação de danos e prevenção de violências escolares. Cerca de 16 instituições fazem parte desse plano, que conta com mais de 42 membros que discutem todas as ações, seja de prevenção ou de ação imediata/ repressão. Conjuntamente com a Polícia Civil, a Polícia Militar, o Corpo de Bombeiros, a Polícia Científica, a Secretaria de Ação Social e a própria Secretaria de Educação. É um dos planos mais completos e elaborados entre os estados, possui ações através de minicursos, palestras e atividades nas escolas para discutir bullying, violência e saúde mental. Além de utilizar de aparatos tecnológicos para monitorar redes sociais e prevenir novos casos.

O governo de São Paulo em 2023 lançou uma série de medidas para ampliar o acolhimento psicológico e ações de prevenção a violência nas escolas (GOVERNO DE SP, 2023) A criação do programa Conviva (Programa de Melhoria da Convivência e Proteção Escolar), que existe desde 2019, mas que foi intensificado, a proposta era de que 5 mil profissionais estejam dedicados à aplicação das políticas de prevenção à violência nas escolas.

³⁵ O link do Protocolo Eu Te Vejo para consulta está disponível em: <https://insp2.com.br/programa-de-formacao-2024-protocolo-eu-te-vejo/>

³⁶ O link de acesso ao programa do ES está disponível em: <https://ijsn.es.gov.br/publicacoes/cadernos/plano-estadual-de-seguranca-escolar>

Esses educadores receberam treinamento para identificar vulnerabilidades e colocar em prática ações de segurança. A plataforma do Conviva³⁷, chamada de Placon, foi atualizada de forma que os casos graves sejam facilmente identificados e a equipe possa intervir mais rapidamente.

No estado de Minas Gerais foi criado um fluxo de medidas para ampliar a segurança escolar, a Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais desenvolveu conjuntamente com o Núcleo Interinstitucional de Proteção Escolar (NIPE), o “Fluxo de Medidas para Segurança Escolar” (GOVERNO DE MG, 2023). Ele traz orientações simplificadas sobre as medidas que os educadores devem adotar em situações que envolvam ameaças de violência em redes sociais, pichações com mensagens de ódio ou extremismo nos espaços escolares, planejamento de atos, e outras violências. O secretário de educação visitou os Estados Unidos para aprender sobre estratégias de enfrentamento, e foi apresentado sobre a prevenção à violência, segurança escolar, condições de aprendizagem e aprendizagem social e emocional, envolvimento da família, abordagens sensíveis ao trauma, e serviços de saúde mental, desenvolvidas pelo Institutos Americanos de Pesquisas (AIR). Além de realizar investimentos em segurança nas escolas.

No Mato Grosso, em 2023 foram distribuídas pelo Ministério Público cartilhas de orientações sobre segurança nas escolas, para pais, alunos e professores (ANACHE, 2023). Em janeiro de 2024, a Secretaria de Estado de Educação apresentou o Núcleo de Inteligência de Segurança Escolar, que foi criado através de uma parceria entre a Secretária de Educação e a Secretaria de Segurança Pública (ALVES, 2024). Utilizando um monitoramento do Centro Integrado de Operações de Segurança Pública (Ciosp) atuando em todas as 647 unidades educacionais. Já o Programa Vigia Mais MT é um sistema de monitoramento 24 horas por câmeras no ambiente escolar, com o objetivo de inibir ações violentas dentro das escolas.

Na Bahia ocorreu o mais recente ataque em escola, em outubro de 2024, na cidade de Heliópolis. Uma cidade pequena de apenas 13 mil habitantes. Um aluno de 15 anos tirou a vida de 3 estudantes com uma arma de fogo, dentro da sala de aula, e após cometeu suicídio. Ainda não se tem informações sobre o caso, devido estar em segredo de justiça e a investigação estar em andamento. Porém após o caso, em dezembro de 2024, o Ministério Público da Bahia implementou a disciplina de “Cidadania Digital” em mais escolas de 12 municípios do estado, principalmente no município de Heliópolis, onde ocorreu este último atentado. Afim de discutir sobre o uso seguro da internet, e os perigos que crianças e adolescentes estão expostos (SILVA, 2023). As políticas públicas implementadas nos níveis federal e estadual têm contribuído para

³⁷ O link de acesso ao programa de SP está disponível em: <https://efape.educacao.sp.gov.br/convivasp/>

reduzir os impactos da violência no ambiente escolar. Apesar dos avanços, o problema persiste e exige medidas mais abrangentes, especialmente no contexto do uso intensivo da internet. A regulamentação das redes sociais, que poderia restringir a propagação de discursos de ódio e ideologias extremistas, ainda não se concretizou devido a entraves colocados por determinados grupos políticos

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Brasil testemunhou um aumento alarmante na incidência de ataques em escolas, gerando uma preocupação no país. Dados recentes revelaram a gravidade da situação, entre 2022 e 2023, o número de ataques ultrapassou o total registrado em 20 anos, concentrando 58% dos casos nesse período. Diversos estudos apontam para a influência de subculturas online que propagam ideologias extremistas e incentivam a violência. Conforme apontado por Michele Prado (2023), essas comunidades virtuais idolatram atos de violência extrema, disseminando conteúdos de extrema direita, misoginia, racismo e neonazismo, que atuam como um combustível para esses atos violentos. O aplicativo Discord foi identificado como um dos principais espaços de atuação desses grupos. Segundo Vinha et.al, (2023) grande parte dos autores dos atentados faziam parte de subculturas extremistas, interagindo com comunidades virtuais que idolatram crimes. A presente pesquisa buscou evidenciar a conexão entre os autores dos atentados e a participação nessas subculturas extremistas, discutindo as interações em comunidades virtuais que nutrem um ambiente mórbido e violento.

No capítulo 1 buscamos uma conexão entre as teorias da Escola de Chicago sobre delinquência juvenil e os crimes digitais cometidos por jovens, que pode ser analisada a partir dos conceitos fundamentais dessas abordagens sociológicas. A Teoria da Desorganização Social, originalmente aplicada para explicar comportamentos desviantes em contextos urbanos, também pode ser pensada para o ambiente digital. Assim como em bairros desorganizados, caracterizados por baixa coesão social, falta de controle comunitário e normas enfraquecidas, o espaço virtual apresenta ambientes semelhantes, onde essas condições também se manifestam. Plataformas como o Discord, fóruns de discussão e outros espaços online podem ser entendidos como áreas virtuais de desorganização social. Foi identificado também uma similaridade na dinâmica da hierarquia dos grupos de radicalização online, e nos grupos analisados pela Escola de Chicago. Além dos aspectos de influência dos pares, pertencimento e acolhimento, bem como a normalização da violência.

Nesses ambientes, os mecanismos de controle social são frágeis ou inexistentes, permitindo que interações sociais se desenvolvam sem a regulação adequada. Essa dinâmica favorece o surgimento e a perpetuação de comportamentos desviantes, incluindo crimes digitais, muitas vezes cometidos por jovens que encontram nesses espaços um meio de expressão ou pertencimento, mas também de transgressão. Assim, essas plataformas podem funcionar como zonas propícias para a formação de subculturas delinquentes, reforçando padrões de comportamento que seriam menos tolerados em ambientes organizados. A ausência

de regulamentação nas redes sociais atrasa os processos de prevenção dos crimes digitais, e torna propício que os grupos continuem se formando, embora alguns sejam descontinuados pelas investigações.

No capítulo 2 foram discutidos os impactos das redes sociais, e como a vida cada vez mais digitalizada traz olhar atento das grandes empresas de tecnologia. Zuboff (2021) denominou isso de “capitalismo de vigilância”. Basicamente, essas empresas transformam as nossas experiências online em matéria-prima para coletar dados sobre o nosso comportamento. Elas acumulam uma quantidade enorme de informações que geramos, como o que pesquisamos na internet, nossas conversas nas redes sociais, o que gostamos de comprar, nossa localização e até dados biométricos. Com essas informações, elas criam algoritmos poderosos que não só mostram conteúdos e anúncios personalizados, mas também influenciam nossos hábitos, criam bolhas de informação, intensificam a polarização nos debates e podem até manipular nossas decisões, o que afeta nossa autonomia e a própria democracia.

Nesse sentido, quando um jovem acessa algum conteúdo violento, esse material vai se repetir para ele, diversas vezes, pois o algoritmo entende que é algo que ele gosta e que deve ser acessado. Se a rede social em questão não possuir uma filtragem de conteúdo, não haverá barreiras para a construção de comunidades radicalizadas. Foram apresentados os problemas dos grupos masculinistas que disseminam extremismo e misoginia, e a radicalização da comunidade gamer, que surgem através do amplo contato das redes de jogadores com ideologias extremistas, que são cotidianamente compartilhadas em comunidades de jogos online (FERREIRA, 2023).

No capítulo 3 foram analisados 4 casos de ataques em escolas, neles foram identificados padrões similares no modus operandi dos perpetradores. Todos jovens do sexo masculino, brancos e adolescentes. Esses jovens possuíam afinidade com ideologias extremistas, incluindo neonazismo, supremacia branca, misoginia, homofobia e racismo. A participação em comunidades online de radicalização desempenhou um papel crucial, oferecendo um ambiente de acolhimento e validação para suas crenças extremistas, onde planejam e incitam atos de violência. As roupas utilizadas pelos autores também seguem um padrão: roupas pretas ou de estilo militar, luvas e balaclavas com estampas de caveira. Sugerindo uma busca imitar outros crimes. Em 3 dos 4 casos, a arma utilizada pertencia a um familiar, geralmente o pai, expondo o problema do acesso facilitado a armas de fogo dentro de casa, com a política de liberação de armas feita pela extrema direita no Brasil. Esse padrão revelou a influência de um roteiro virtual disseminado em comunidades online que idolatram a violência.

Empregando a metodologia de Durkheim (2019) para estudar e interpretar os casos de ataque em escolas, pode-se perceber que se trata de um fenômeno que possuiu um aumento em um determinado período de tempo, em determinadas condições sociais. Os ataques em escolas possuem um padrão, majoritariamente cometidos por jovens do sexo masculino, maioria branca, maioria pertencente a grupos de radicalização online, a maior parte usou armas de fogo, seguido de armas brancas. O crescimento no número de ocorrências a partir de 2022, que passaram por um efeito contágio, resultando em quase 60% dos casos totais em somente 2 anos. Todos esses fatores são significativos para se pensar na abordagem de Durkheim. Ao analisar esses acontecimentos sob a visão sociológica, é possível identificar as possibilidades que a internet oferece na disseminação de subculturas extremistas, devido sua estrutura em redes, e a falta de controle social nesses ambientes.

Também foi apresentada a coleta de conteúdos nas redes sociais, que ficou evidente as tentativas de cooptação dos grupos extremistas aos jovens, principalmente no aplicativo TikTok. Foi possível identificar que esses grupos utilizam símbolos como balaclavas de caveira, desenhos com sangue, figuras mascaradas, pessoas fardadas e elementos com claras alusões nazistas. E se expandem em uma série de postagens diferentes, inclusive do ano de 2024, mostrando que continuam em funcionalidade. Os comentários também revelaram as práticas realizadas e o medo dos que já participaram, devido as ameaças e crimes que acontecem dentro dos servidores.

Goffman (1985) analisa como os indivíduos constroem e apresentam uma "fachada" em diferentes contextos sociais, buscando causar certas impressões nos outros. Aplicando essa perspectiva à radicalização online, os moderadores e membros de grupos extremistas criam uma "fachada" virtual cuidadosamente elaborada. Que se manifesta através do uso de símbolos como máscaras (em avatares ou imagens de perfil), roupas (em representações virtuais ou fotos compartilhadas), gírias específicas e referências a ideologias extremistas. O objetivo disso é atrair novos membros, oferecendo uma sensação de pertencimento e propósito e reforçar a identidade do grupo, consolidando seus valores radicais. A banalização da violência (ARENDDT, 1999) também se faz presente, no sentido de que são incentivados a consumir material explícito, e os discursos estão sempre voltados para glorificação e a normalização de ações violentas.

No capítulo 4 foram discutidos os questionários realizados com 103 usuários de redes sociais, que revelaram a facilidade de se encontrar conteúdos brutais na internet. A grande maioria dos participantes já teve acesso a esses materiais, mesmo que não procurassem aquilo. Pois postagens chocantes geram um maior engajamento na plataforma, resultando no compartilhamento massivo e conseqüentemente no aparecimento deste a pessoas que não

querem ver. E aqueles que clicam, acabam recebendo mais daquele conteúdo eventualmente. É o que Bucci (2021) chama de mais valia do olhar, um conteúdo que é muito disseminado, conseqüentemente acumula uma quantidade exorbitante de lucro. Portanto é desejável que ele circule. O conceito de Indústria Cultural (ADORNO e HORKHEIMER, 2014) contribui com a discussão ao pensar que o capital aprendeu a produzir discursos, marcas e apelos emocionais que santificam as mercadorias, sejam elas físicas ou virtuais. Pode-se refletir com a ideologia da extrema direita, que dominou as redes sociais, construindo um império de visualizações em suas teorias conspiratórias e Fake News. Além de mídias que banalizam a violência, através de filmes, séries e jogos.

As entrevistas realizadas com agentes da segurança pública mostraram que os participantes, através de suas atividades profissionais cotidianas, comprovaram a existência da relação entre um compartilhamento de conteúdos violentos e a participação em grupos extremistas, com os ataques em escolas. Os entrevistados também mencionaram a dificuldade de realizar um trabalho preventivo, devido à ausência de uma regulação das mídias digitais. Em particular, alguns deles trabalharam em casos, como o delegado federal e o coronel da PM no caso de Aracruz, e o policial federal que trabalha no setor de inteligência e investigou diversos grupos em outros estados do país, que tinham ligação com o agressor de Aracruz. As entrevistas apresentam regularidades e padrões entre elas, os agentes concluem o fato dessa interação (grupos extremistas x ataques violentos) e discutem casos em que ela se apresenta (DURKHEIM, 2019). Isso corrobora a premissa deste trabalho, de que as interações virtuais entre grupos radicais online têm uma participação na realidade dos crimes discutidos.

Os discursos dos entrevistados foram analisados a partir da teoria weberiana das ações sociais, para compreender os perfis e abordagens dos policiais entrevistados. O significado da ação depende do contexto social e cultural, e as ações podem ser combinações de diferentes tipos (WEBER, 1999). Os agentes de segurança revelaram valores éticos ao discorrerem sobre os crimes, o que leva a crer a existência de um perfil de policial que atua de acordo com seus princípios para prevenir a violência, mas segue os procedimentos racionais aprendidos na sua formação profissional. Parte deles atuam de modo tradicional, para guiar-se, e contestam as mudanças nos costumes da sociedade atual, principalmente no que tange aos crimes. Apresentam diferentes perfis, mas possuem similaridade em suas ações objetivas a respeito de seus valores. Os ataques em escolas se tratam de crimes brutais, pois envolvem crianças e adolescentes, e ocorrem em espaços de conhecimento, que teoricamente seriam até então seguros. Isso cria uma indignação social, principalmente nos policiais entrevistados.

Na análise das entrevistas com os educadores, foi observado que todos foram enfáticos ao se tratar da dependência dos alunos nos celulares e nas redes sociais, causando um desinteresse dos mesmos pelo aprendizado. O ambiente escolar é palco de atividades de bullying entre os estudantes, os entrevistados mencionaram que é comum ocorrerem conflitos gerados por esses tipos de comportamentos. E com o uso recorrente da internet, esse efeito foi amplificado – o cyberbullying – que é mais difícil de ser evitado, pois os ofensores utilizam do anonimato para se manterem escondidos. Diferente do bullying tradicional, que é possível contar com a ajuda de professores e também dos pais, para identificar o agressor. Os entrevistados comentaram sobre o medo de ter a escola onde trabalha ameaçada, sendo danoso para a saúde mental dos professores. No Brasil essa profissão é mal remunerada e os profissionais trabalham excessivamente. Inclusive lidam com o fardo de não serem apenas responsáveis pelo conhecimento, mas também pelo padrão comportamental dos alunos dentro das escolas.

Para Foucault (2014) o ambiente escolar é um espaço em que as políticas de adestramento de corpos são efetivadas, pois exerce um papel na formação e normalização dos indivíduos, como mecanismos de controle social e disciplina. A escola não serve apenas para educar o indivíduo via conhecimento, mas com um elemento disciplinador, é um espaço de vigilância e punição. Os alunos que não se adaptam a estes padrões podem se sentir isolados e discriminados pelo coletivo. A internet atua como um espaço de grande liberdade, o que se contrapõe com o modelo de adestramento das escolas. Online é possível criar uma nova identidade e fazer o que bem entender, já na escola seguem-se padrões comportamentais de respeito as regras. Além dos grupos radicais serem um terreno fértil para jovens vítimas de bullying, pois suas frustrações são apoiadas e incentivadas a se transformarem em vingança.

Diante da grande comoção social perante aos ataques nas escolas a partir do ano de 2022, o Governo Federal e os estaduais foram obrigados a apresentar estratégias e soluções para estancar esse fenômeno social. O Governo Federal criou em abril de 2023 o programa Escola Segura, um canal que recebe denúncias de ameaças, e a realiza os procedimentos necessários para conter os casos. Também foi implantada a disciplina de “Cidadania Digital” no ano de 2023 em diversas escolas brasileiras, com o objetivo de conscientização. No Rio de Janeiro foi criado o “Protocolo Eu Te Vejo” uma iniciativa que visa conscientizar a comunidade escolar sobre as causas da violência nas escolas. O governo de São Paulo criou diversas medidas de apoio psicológico e ações de prevenção a violência escolar. O programa “Conviva”, que foi criado em 2019 (devido ao caso de Suzano), foi ampliado no ano de 2023. Para treinar educadores a identificar vulnerabilidades e colocar em prática ações de segurança. No estado

de Minas Gerais foi lançado o “Fluxo de Medidas para Segurança Escolar”, que fornece orientações simplificadas sobre as medidas que os educadores devem adotar em situações que envolvam ameaças de violência.

O estado do Espírito Santo criou o Plano Estadual de Segurança Escolar em 2023, que discute estratégias para prevenção dos ataques. É um dos planos mais completos e elaborados entre os estados, possui atividades como palestras e minicursos para discutir bullying, violência e saúde mental. Oferece apoio psicológico, e utilizam de tecnologias para o monitoramento de redes sociais. Essas políticas implementadas pelo Governo Federal e estaduais, ajudam a minimizar as consequências das violências geradas nas escolas no Brasil. Apesar disso, os esforços devem ser contínuos e ampliados, pois o uso da internet é muito frequente em nossa sociedade. E a regulamentação das redes ainda não foi efetivada, pois certos grupos políticos dificultam a implementação dessas leis. Já que a disseminação de ideologias pelas redes sociais são o *modus operandi* da extrema direita.

No que se refere as políticas das redes sociais, se nós conseguimos algum avanço, ele tende a retroceder. A eleição do Donald Trump nos Estados Unidos revelou as verdadeiras intenções das Big Techs, que já se afastaram da responsabilidade com a diversidade, permitindo inclusive que se compartilhe opiniões LGBTQIAfóbicas e racistas em suas páginas. Em janeiro de 2025, o CEO da META Mark Zuckerberg anunciou mudanças nas políticas das redes sociais gerenciadas por ele. Através de um discurso que prioriza a liberdade de expressão evitando a “censura”, argumentou que seria necessário diminuir os filtros de proteção contra desinformação (Fake News), conteúdos violentos, extremistas como neonazismo, supremacia branca, LGBTQIAfobia e racismo (PINOTTI, 2025). O que possivelmente vai possibilitar que mais grupos radicalizados se formem e se constituam nesse espaço de ampla liberdade.

Outras redes sociais como o X, gerenciada pelo Elon Musk, conhecidamente como um reacionário, também abriram a porteira da liberdade, permitindo qualquer conteúdo de circular nas redes. Já é possível visualizar que conteúdos impróprios circulam normalmente nesta rede. Vejo com muita preocupação essa liberação dos espaços digitais, isso certamente vai ampliar a invisibilidade dos grupos radicais, facilitando que suas mensagens de ódio atinjam mais adolescentes pelo mundo sem a devida regulação. É urgente que as autoridades brasileiras regulamentem a internet, e que a luta política seja incansável. Como a recente proibição dos celulares nas escolas brasileiras, que pode atenuar esse efeito, já que a redução do tempo nas redes sociais é um dos possíveis mecanismos de evitar o contato desses jovens com os grupos de radicalização.

Acredito que a metodologia utilizada nesta pesquisa pode produzir resultados que corroboram com as hipóteses iniciais desse trabalho, isto é, a interação entre os grupos radicais online e os ataques em escolas no Brasil. Em uma tentativa de contribuir para a compreensão deste fenômeno social recente no país, encontrei dificuldades em achar bibliografias específicas que elucidassem a complexidade desses ataques, principalmente ligadas as redes sociais. Utilizei alguns pensadores clássicos da sociologia que me fornecessem embasamento teórico, adaptando ao objeto discutido, já que quando fizeram seus trabalhos, não existia a internet. Neste trabalho ficou evidente a importância de se compreender os novos fenômenos gerados pelas redes sociais do ponto de vista sociológico. Espero ter contribuído de forma significativa com essa pesquisa, ela de fato se estenderá, para que possamos compreender mais profundamente sobre a atuação desses grupos criminosos. Que este trabalho inspire estudos posteriores e dê continuidade às reflexões que a pesquisa sociológica proporciona à sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACIOLI, Sonia. **Redes sociais e Teoria social: revendo os fundamentos do conceito.** I N F. I N F., Londrina, v. 12, n., p.1-12, jan. 2007.

ADORNO, Theodor. HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento.** Copyright da edição em língua portuguesa © 1985: Jorge Zahar Editor Ltda. Edição digital: fevereiro 2014

ADABO, Gabrielle. **Ciência e guerra: era uma vez a internet.** ComCiência no.158 Campinas maio 2014.

AGÊNCIA GOV. **Discord realiza treinamento para quase 1000 autoridades policiais do Brasil.** Publicado em 20/09/2023. Disponível em: <https://agenciagov.ebc.com.br/noticias/202309/discord-realiza-treinamento-para-quase-1000-autoridades-policiais-do-brasil>

AIOLFI, I. **Who are the involuntary celibates? A scientific literature review.** University of Bergamo–Master’s Degree Dissertation. 2021.

ALVES, Renato. **Site de extremista brasileiro deu dicas a autores de massacre em Suzano.** Correio Brasiliense. Publicado em 14/03/2019. Disponível em: <https://www.correiobrasiliense.com.br/app/noticia/brasil/2019/03/14/interna-brasil,742884/site-de-extremista-brasiliense-deu-dicas-a-autores-de-massacre-suzano.shtml>

ALVES, Rayane. **Seduc apresenta Núcleo de Inteligência de Segurança Escolar a novos diretores de Cuiabá e Várzea Grande.** Publicado em 18 de janeiro de 2024. Disponível em: <https://www3.seduc.mt.gov.br/-/seduc-apresenta-n%C3%BAcleo-de-intelig%C3%Aancia-de-seguran%C3%A7a-escolar-a-novos-diretores-de-cuiab%C3%A1-e-v%C3%A1rzea-grande>

ALMEIDA, Gabriel. MARTINS, Gabriela. CASTRO, Igor. **Os impactos da flexibilização do porte de armas no Brasil.** Jornal Eletrônico Faculdades Integradas. V.14 – N.1 – 2022.

ANACHE, Ana. **Cartilha sobre segurança nas escolas é divulgada pelo MPMT.** Ministério Público do Estado de Mato Grosso. Publicado em 19 de abril de 2023. Disponível em: <https://www.mpmt.mp.br/conteudo/58/123598/cartilha-sobre-seguranca-nas-escolas-e-divulgada-pelo-mpmt>

ARENDT, Hannah. **Eichmann em Jerusalém: Um relato sobre a banalidade do mal.** São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

ARENDT, Hannah. **Sobre a violência.** 3.ed. Rio de Janeiro, Relume-Dumará, 2001.

ARAÚJO, Diogo. JÚNIOR, João. **Massacres em escolas e a cultura da violência.** Trabalho de Conclusão de Curso em Psicologia, UNIFUCAMP - Centro Universitário Mário Palmério. 2023

AMAERJ. **Juíza Vanessa Cavalieri apresenta no Fonajuv protocolo de prevenção à violência nas escolas.** Publicado em 01/11/2023. Disponível em:

<https://amaerj.org.br/noticias/juiza-vanessa-cavaliere-apresenta-no-fonajuv-protocolo-de-prevencao-a-violencia-nas-escolas/>

ANDRADE, Elizabeth. **Games e a indústria cultural: o impacto sociocultural dos jogos eletrônicos**. Monografia apresentada ao curso de Ciências Sociais da Universidade Federal de Uberlândia. 2022.

A GAZETA. **Ataques em Aracruz: como atirador invadiu escolas, matou quatro e fugiu**. Publicado em 26 de novembro de 2022. Disponível em: <https://www.agazeta.com.br/es/policia/ataques-em-aracruz-como-atirador-invadiu-escolas-matou-tres-e-fugiu-1122>

BACK, Caroline. **Efeito Contágio: o papel da mídia na repetição de assassinatos em massa**. Fonte Segura, 12 de maio de 2021. Disponível em: <https://fontesegura.forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2021/05/88-Multiplas-vozes-Efeito-Contagio-o-papel-da-midia-na-repeticao-de-assassinatos-em-massa.pdf>

BECKER, Howard. **Become a marijuana user**. The American Journal of Sociology, v. 59, n.3, 1953.

BONIN, Joel. PANATTA, Daniel. Abelo, Quézia. **O controle sobre o corpo segundo vigiar e punir e microfísica do poder, de Michel Foucault**. Ponto de Vista Jurídico | Caçador | v.5 | nº 1 | p. 62-76 | jan./jun. 2016

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Tradução Fernando Tomaz. Difusão Editorial: Lisboa, 1989.

BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 2002.

BLUMER, Herbert. **Interacionismo Simbólico: Perspectiva e Método**. Berkeley: University of California Press. 1986.

BRASIL DE FATO. **Atentado a tiros em escola de Suzano, na Grande São Paulo, deixa dez mortos**. São Paulo (SP) | 13 de março de 2019. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2019/03/13/adolescentes-atiram-dentro-de-escola-e-matam-6-pessoas-em-suzano-na-grande-sp>

BUCCI, Eugênio. **A superindústria do imaginário: Como o capital transforma o olhar em trabalho e se aproximou de tudo que é visível**. 1 ed. Belo Horizonte, Autêntica, 2021.

BYERLY, C. M. **Incels online reframing sexual violence**. Communication Review, 23(4), 290–308. 2020. <https://doi.org/10.1080/10714421.2020.1829305>

CÂMERA LEGISLATIVA. **Plataformas digitais devem ser reguladas para coibir discurso de ódio, apontam especialistas**. Agência Câmara de Notícias. 04 de setembro de 2023. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/994497-plataformas-digitais-devem-ser-reguladas-para-coibir-discurso-de-odio-apontam-especialistas/>

CARA, Daniel. **Relatório: O extremismo de direita entre adolescentes e jovens no Brasil: ataques às escolas e alternativas para a ação governamental.** Grupo Temático de Educação da transição governamental. Dezembro de 2022.

CARVALHO, José Sérgio de. **Violência nas escolas: o ponto de vista sociológico.** São Paulo: Cortez, 2016.

CARTA CAPITAL. **PF apreende adolescente acusado de cometer crimes pelo Discord.** Redação por Wendel Carmo. 2023. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/pf-apreende-adolescente-acusado-de-cometer-crimes-pelo-discord/>.

CASTRO, Thiago. **A Sociologia Digital na era da big data: apontamentos preliminares e problemáticas teórico-metodológicas na pesquisa sociológica.** PLURAL, Revista do Programa de Pós -Graduação em Sociologia da USP, São Paulo, v.30.1, jan./jun., 2023, p.128-148

CANÁRIO, Rui. **A escola e as “dificuldades de aprendizagem”.** Psic. da Ed., São Paulo, 21, 2º sem. de 2005, pp. 33-51.

CAPRA, F.; LUISI, P. L. **A Visão Sistêmica da Vida: Uma concepção unificada e suas implicações filosóficas, políticas, sociais e econômicas.** São Paulo: Cultrix, 2014. 615 p. Tradução de Teruya Eichemberg e Newton Roberval Eichemberg.

CASTELLS, Manuel. **La galaxia internet.** Barcelona: Cultura libre, 2001.

CASTELLS, Manuel. **Communicattion power.** New York: Oxford University Press, 2009. 590p.

CASTRO, Edgardo. **Introdução a Foucault.** 1.ed. 3 reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

CAVALCANTE DA SILVA, Ritaciro. IFA, Sérgio. **Percepção de discursos de ódio em jogos eletrônicos online por adolescentes de Alagoas.** SOLETRAS – Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística – PPLIN. Faculdade de Formação de Professores da UERJ. Número 43 (jan.-jun. 2022)

CARNEIRO, Leonardo de Andrade. **Uma revisão sobre a teoria da desorganização social.** RIBSP-Vol 5nº 13–Set./Dez.2018

CESARINO, L. **O Mundo do avesso: verdade e política na era digital.** São Paulo: Ubu Editora, 2022.

CHARLOT, B. **A violência nas escolas: como os sociólogos franceses abordam essa questão.** Sociologias, 4(8), 2002, p.432-443.

CHIANDOTTI, Barbara. **Preconceito e discriminação revelam lado tóxico dos jogos online.** G1 Santos e região, 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/santos-regiao/educacao/noticia/2020/11/14/preconceito-e-discriminacao-revelam-lado-toxico-dos-jogos-online.ghtml>

CORRÊA, Maiara. **O crime em Durkheim: uma trajetória descontínua.** Aurora, Marília, v.15, n. 2 , p. 49-66, Jul./Dez., 2022.

COSTA, Letícia. VARALLI, Janaína. **A teoria da associação diferencial e seus aspectos inseridos na formação do primeiro comando da capital.** Rev. de Criminologias e Políticas Criminais | e-ISSN: 2526-0065 | Porto Alegre | v. 4 | n. 2 | p. 159 – 173 | Jul/Dez. 2018

CONNELL, R. W. **Masculinities.** University of California Press- 2nd ed. 1995

COHEN, Albert. **Delinquent Boys. The Culture of the Gang.** New York, The Free Press, 1955.

CORREIO NAGÔ. **Games: Negros são maioria dos jogadores, mas tem menor visibilidade e oportunidades.** Correio Nagô, Alice Souza com supervisão de Valéria Lima, 2021. Disponível em: <https://correionago.com.br/games-negros-sao-maioria-dos-jogadores-mas-tem-menor-visibilidade-e-oportunidades/>

CORREIO 24 HORAS. **Primeiro massacre de estudantes aconteceu em 1764.** Publicado em 8 de abril de 2011. Disponível em: <https://www.correio24horas.com.br/mundo/primeiro-massacre-de-estudantes-aconteceu-em-1764-0411>

COTTEE, S. **Incel (e)motives: Resentment, shame and revenge.** Studies in Conflict and Terrorism, 44(2), 93–114. 2021. <https://doi.org/10.1080/1057610X.2020.1822589>

COX, John Woodrow. RICH, Steven. 2018. “**Análise: Não, não houve 18 tiroteios em escolas em 2018. Esse número está totalmente errado.**” Washington Post, 15 de fevereiro. Disponível em: https://www.washingtonpost.com/local/no-there-havent-been-18-school-shooting-in-2018-that-number-is-flat-wrong/2018/02/15/65b6cf72-1264-11e8-8ea11d91fcec3fe_story.html

CLOWARD, Richard. OHLIN, Lloyd. **Delinquency and Opportunity. A theory of delinquent gangs.** New York: Free Pass, 1960.

CLEMENTI, Juliana Augusto. Et al. **Mídias Sociais e Redes Sociais: Conceitos e Características.** Anais do I SUCEG- Florianópolis-SC Brasil, 07 -8 2017.

CULLEN, Dave. **Columbine.** Tradução de Eduardo Alves – Rio de Janeiro: DarkSide Books, 2019.

DAVID, Pedro. **Teoria Sociológica da Delinquência Juvenil.** In: Revista de Direito do Ministério Público do Estado da Guanabara, Rio de Janeiro, nº 02, p.40-59, maio/ago. 1967.

DE MOURA, Lucas Fernandes. Et al. **A história das redes sociais e seus impactos.** Ciências Humanas, Volume 28 – Edição 131/fev de 2024.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa.** São Paulo, Paulinas, 1989.

DURKHEIM, Émile. **Da divisão do trabalho social.** 2ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

DURKHEIM, Émile **As regras do método sociológico**; tradução. Paulo Neves; revisão da tradução Eduardo Brandão. - 34 ed. - São. Paulo: Martins Fontes, 2007

DURKHEIM, Émile. **O Suicídio: estudo da sociologia**. 3.ed São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2019.

DYER-WITHEFORD, N.; DE PEUTER, G. **Games of Empire: Global Capitalism and Video Games**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2009

EMPOLI, Giuliano Da. **Os engenheiros do caos**. 1. ed – São Paulo: Vestígio, 2020.

EL PAÍS. **MP investiga papel de grupos radicais da Internet no ataque em Suzano**. Publicado em 15/03/2019/ Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/03/15/politica/1552684730_810514.html

ESTADÃO. **Ataque a escolas de Aracruz, no ES, deixou quatro pessoas mortas; saiba quem são as vítimas**. Publicado em 28/11/2022. Por Giovanna Castro. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/brasil/ataques-escolas-aracruz-vitimas-atirador-nprm/?srsltid=AfmBOooII0ShhBGoP-LQ-oHZnwcIeZmo1yenvKaOrEqHz17PicHNY36o>

EXTRA. **Jovens brasileiros passam nove horas diárias em redes sociais: laboratório lança cartilha com dicas para tirar adolescentes de frente das telas**. Publicado em 09/09/2024. Disponível em: <https://extra.globo.com/saude/noticia/2024/09/jovens-brasileiros-passam-nove-horas-diarias-em-redes-sociais-laboratorio-lanca-cartilha-com-dicas-para-tirar-adolescentes-de-frente-das-telas.ghtml>

EXTRA CLASSE. **Atirador da Bahia tem 14 anos e usou arma do pai**. Por César Fraga. Publicado em 27/09/2022. Disponível em: <https://www.extraclasse.org.br/geral/2022/09/atirador-da-bahia-tem-14-anos-e-usou-arma-do-pai/>

EXAME. **Brasileiro fica mais de 5 horas por dia mexendo no celular – mas especialista tem a solução**. Publicado por Guilherme Santiago em 02/10/2024. Disponível em: <https://exame.com/carreira/brasileiro-fica-mais-de-5-horas-por-dia-mexendo-no-celular-mas-especialista-tem-a-solucao/>

FARIAS, Laís Helena. **A radicalização de comunidades online a partir de ideologias de ultradireita: a manófera e a cultura incel**. RICRI, 11, n.21 (2023).

FANTE, C. **Fenômeno bullying: como prevenir a violência nas escolas**. 2. Ed, Campinas: Verus, 2005.

FERREIRA, Valdirene. SANTOS, Mayra. ORIENTE, Silvana. **O cenário da violência em destaque: discutindo os atuais ataques nas escolas de educação básica no Brasil**. Revista Transmutare, Curitiba, V.8, p.1-17, 2023.

FERREIRA, João Victor. **Radicalização política e juventude no Brasil: a formação de identidade coletiva nas comunidades gamers no Discord**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência Política do Instituto de Ciência Política da

Universidade de Brasília como requisito para a obtenção do título de Mestre em Ciência Política. 2023.

FISHER, Max. **A máquina do caos: Como as redes sociais reprogramaram nossa mente e nosso mundo.** 1.ed. São Paulo, Todavia, 2023.

FIEE. **Em alta, mercado de games do Brasil movimenta US\$ 8 bilhões por ano.** Por Delcy Mac Cruz. 2024. Disponível em: <https://www.fiee.com.br/pt-br/blog/negocios-e-desenvolvimento/em-alta--mercado-de-games-do-brasil-movimenta-us--8-bilhoes-por-.html#:~:text=do%20seu%20evento-.Em%20alta%2C%20mercado%20de%20games%20do%20Brasil,US%24%208%20bilh%C3%B5es%20por%20ano&text=O%20mercado%20de%20games%20no.pesquisa%20in%C3%A9dita%20da%20consultoria%20Comscore>.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade: A vontade de saber.** Rio de Janeiro, Graal, 1999.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão.** 42 ed. Petrópolis, RJ. Vozes, 2014.

FORBES. **Gamers brasileiros estão mais diversos e mulheres predominam.** Publicado em 01/03/2024. Disponível em: <https://forbes.com.br/forbes-games/2024/03/gamers-brasileiros-estao-mais-diversos-e-mulheres-predominam/>

FOLHA VITÓRIA. **Ataques a escolas: juiz dá detalhes do depoimento de menor que matou 4 pessoas.** Publicado em 25 de janeiro de 2023. Disponível em: <https://www.folhavoria.com.br/geral/noticia/01/2023/ataques-a-escolas-juiz-detalhes-depoimento-adolescente-que-matou-4-pessoas>

FOLHA DE SÃO PAULO. **Crianças sofrem crimes online dentro do quarto, e pais não fazem ideia, diz juíza.** Redação por Laura Mattos, publicado em 8 de dezembro de 2024. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2024/12/criancas-sofrem-crimes-online-dentro-do-quarto-e-pais-nao-fazem-ideia-diz-juiza.shtml?utm_source=whatsapp&utm_medium=social&utm_campaign=compwa

GAZETA DO POVO. **Suzano e Columbine: o que os dois massacres em escolas têm em comum.** Por Denise Drechsel e Isabelle Barone 13/03/2019. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/suzano-e-columbine-o-que-os-dois-massacres-em-escolas-tem-em-comum-54mljuilxfksmtrodz3oxtm19/>

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana.** Rio de Janeiro: Vozes, 1985

GOFFMAN, Erving. **Estigma: Notas Sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada.** Tradução de Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes.4 edi. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1988.

GOMES, Beatriz. **A escola como instituição: primeiras aproximações.** Olhar de Professor, vol. 14, núm. 1, 2011, pp. 139-150

GONÇALVES, Rafaela. **Crimes cibernéticos avançam no Brasil e aceleram com a tecnologia.** Publicado em 24/03/2024. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/economia/2024/03/6824212-crimes-ciberneticos-avancam-no-brasil-e-aceleram-com-a-tecnologia.html>

GOHAL, Gasseem, et.al. **Prevalence and related risks of cyberbullying and its effects on adolescent.** BMC Psychiatry. Volume 23, article number 39, (2023)

GOV. **Disque 100: 2023 registra aumento de cerca de 50% para violência nas escolas em comparação a 2022.** Publicado em 03/11/2023. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2023/novembro/disque-100-2023-registra-aumento-de-cerca-de-50-para-violencia-nas-escolas-em-comparacao-a-2022>

GOV BR. **Lançada em abril, Operação Escola Segura já efetuou 400 prisões e apreensões.** Publicado em: 03/10/2023. Disponível em: <https://www.gov.br/mj/pt-br/assuntos/noticias/lancada-em-abril-operacao-escola-segura-ja-efetuou-400-prisoas-e-apreensoes>

GOVERNO DE MG. **Governo de Minas cria Fluxo de Medidas para ampliar segurança nas escolas.** Publicado em 07/12/2023. Disponível em: <https://www.educacao.mg.gov.br/governo-de-minas-cria-fluxo-de-medidas-para-ampliar-seguranca-nas-escolas/>

GOVERNO DE SP. **Estado amplia prevenção à violência e acolhimento psicológico no ambiente escolar.** Publicado em 27/03/2023. Disponível em: <https://www.educacao.sp.gov.br/estado-amplia-prevencao-violencia-e-acolhimento-psicologico-no-ambiente-escolar/>

GING, D. **Alphas, Betas, and Incels: Theorizing the Masculinities of the Manosphere.** Men and Masculinities, 22(4), 638-657. 2019.

GRADIM, Sandra. **Educação que queremos: TICS, escola, família no século XXI.** Revista Científica FESA. Jan, 2022. v.1, n.10.

GUERREIRO RAMOS, Alberto. **A nova ciência das organizações;** tradução de Mary Cardoso. – 2 ed – Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas. XXIV, 210p.

GUIMARÃES, Vinicius Oliveira Seabra. **A construção social acerca da banalidade do mal em Hannah Arendt.** Temáticas, Campinas, SP, v. 27, n. 54, p. 59–72, 2019.

G1. **Justiça condena homem que criou grupo no Discord para estupro de vulnerável.** Por Felipe Freire, Henrique Coelho. Publicado em 04/07/2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2024/07/04/justica-condena-homem-grupo-discord-estupro-vulneravel.ghtml>

G1. **Brasil é o 3º maior usuário de redes sociais no mundo.** Por Sebrae Paraná, publicado em 17/05/2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/pr/parana/especial-publicitario/sebrae-parana/juntos-para-empreender/noticia/2024/05/17/brasil-e-o-3o-maior-usuario-de-redes-sociais-no-mundo.ghtml>

G1. Adolescente que matou colega cadeirante durante ataque em escola na Bahia está tetraplégico. Por G1 Bahia, publicado em 28/03/2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/2023/03/28/adolescente-que-matou-colega-cadeirante-durante-ataque-em-escola-na-bahia-esta-tetraplegico.ghtml>

G1. Uma professora morre e três ficam feridas em ataque a escola estadual em SP; aluno também se feriu. Publicado em 27/03/2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2023/03/27/professores-e-alunos-sao-esfaqueados-dentro-de-escola-estadual-na-zona-sul-de-sp-diz-pm.ghtml>

G1. Cronologia: massacre em Suzano. Publicado em 13/03/2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/mogi-das-cruzes-suzano/noticia/2019/03/13/cronologia-massacre-em-suzano.ghtml>

G1. Manuscritos de atirador mostram fixação por terrorismo. Publicado em 10/04/2011. Disponível em: <https://g1.globo.com/Tragedia-em-Realengo/noticia/2011/04/manuscritos-de-atirador-mostram-fixacao-por-terrorismo.html>

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Desigualdades Sociais por Cor ou Raça no Brasil** (Estudos e Pesquisas. Informação Demográfica e Socioeconômica—N. 41) 2019.

IBGE, 2014, **População brasileira estima em 212, 6 milhões de habitantes.** Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/41111-populacao-estimada-do-pais-chega-a-212-6-milhoes-de-habitantes-em-2024>

IPEA. **ATLAS DA VIOLÊNCIA 2023.** São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública; Rio de Janeiro, 2023.

ISAACSON, Walter. **Os Inovadores: uma biografia da revolução digital**, 1 ed. Da Companhia das letras, 2014, São Paulo.

INFOMONEY. **Marco Civil da Internet: Toffoli inicia votação e critica imunidade de redes sociais.** Publicado em 29/11/2024. Disponível em: <https://www.infomoney.com.br/politica/marco-civil-da-internet-toffoli-inicia-votacao-e-critica-imunidade-de-redes-sociais/>

INSTITUTO SOU DA PAZ. **Aumenta o uso de CACs por facções criminosas; revela levantamento do Instituto Sou da Paz.** 26 de agosto de 2024. Disponível em: <https://soudapaz.org/noticias/aumenta-o-uso-de-cacs-por-faccoes-criminosas-revela-levantamento-doinstituto-sou-da-paz/>

JESUS, Samuel et al. **Cyberbullying: análise dos seus riscos à sociedade.** Rev. Científica Sistemática, Maceió, v. 14, n.7, p. 307-329 novembro, 2024

KATZ, Jack. **Seductions of crime: moral and sensual attractions in doing evil.** New York: Basic Books, 1988.

KATZ, Jack. **A theory of intimate massacres: Steps toward a causal explanation.** Theoretical Criminology 2016, Vol. 20(3) 277– 296

KING, Peter. **The Rise of Juvenile Delinquency in England 1780-1840: Changing Patterns of Perception and Prosecution.** Pastand Present 160 (1998).

KOPSELL, Bruna Monara Sona. **Percepções de adolescentes acerca da influência negativa das redes sociais na autoestima.** Projeto de Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Avaliadora do curso Departamento de Psicologia, do Centro Educacional Fasipe – UNIFASIPE.

LANGANI, Bruno. **Raio-x de 20 anos de ataques a escolas no Brasil 2002-2023.** Instituto sou da paz, maio de 2023.

LANGMAN, P. **“Rampage School Shooters: A Typology.”** Agressão e comportamento violento.14 (1): 79 – 86. 2009.

LATOUR, Bruno. **Ciência em ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora.** São Paulo: Editora UNESP, 2000.

LATOUR, Bruno. **Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica.** São Paulo: Editora 34, 2019.

LEÃO, Leonel. **Riscos e (in)constitucionalidades da flexibilização do porte (ou do acesso) às armas de fogo no Brasil.** Dissertação apresentada como requisito para a obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ciências Criminais da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul do Mestrado Interinstitucional – UNIFSA.

LEITE, L.C. **Jogos eletrônicos multiplataforma: Compreendendo as plataformas de jogo e seus jogos através de uma análise em design.** Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2006. Departamento de Artes e Design. PUC-Rio-Certificação digital N° 0410897/CA.

LEMOS, Mariana. **Escola Segura: governo lança canal para denúncia de ameaças contra escolas.** Publicado em 12 de abril de 2023. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2023/04/12/escola-segura-governo-lanca-canal-para-denuncia-de-ataques-contras-escolas>

LIBERATI, Wilson. **Teoria da subcultura delinquente: Como surgem as gangues juvenis.** Revista de Ciências Jurídicas, v. 6, n. 1, p. 271–307, 2008

LIMA, Célia. **13 medidas para combater a violência nas escolas.** Publicado em 06/11/2023. Disponível em: <https://lunetas.com.br/medidas-para-combater-a-violencia-nas-escolas/>

LOPES NETO, A.A. (2005). **Bullying- comportamento agressivo entre os estudantes.** Jornal de Pediatria, Rio de Janeiro.v. 81. novembro, (5 supl)-164-172 .

LUCA, Aldo de. **Games e extrema direita: Pesquisa mostra como extremistas usam jogos para reforçar ideologias radicais.** Publicado em 25/08/2021. Disponível em: <https://mediatalks.uol.com.br/2021/08/25/pesquisa-mostra-como-extrema-direita-usa-jogos-para-reforcar-ideologia/>

MLABS. **10 redes sociais mais usadas entre os brasileiros: confira o ranking atualizado.** Por Raphael Alves, publicado em 1 de agosto de 2024. Disponível em: <https://www.mlabs.com.br/blog/redes-sociais-mais-usadas>

MARTINS, Sheyla. BRAGA, Maria. **A delinquência juvenil como problema social: uma abordagem socio-histórica.** Revista observatorio de la economia latinoamericana, Curitiba, v.22, n.10, p. 01-19. 2024.

MARTINS, André. **Número de armas nas mãos de civis no Brasil aumenta 26% em 2022, aponta Anuário.** Revista Exame, 20 de julho de 2023. Disponível em: <https://exame.com/brasil/numero-de-armas-nas-maos-de-civis-no-brasil-aumenta-26-em-2022-aponta-anuario/>

MALKKI, L. **Political elements in post-Columbine school shootings in Europe and North America.** Terrorism and Political Violence, 26(1). 2014

MARQUES, R. **Virginia Tech: Anatomia de um massacre à luz da ética da virtude.** Interações, 5, 72-81. 2007.

MASSANARI, A. **Participatory culture, community, and play: learning from Reddit.** 1. ed. New York: Peter Land Publishing, 2015. v. 1.

MARX, Karl. **O capital: crítica da economia política,** livro 1, 33ª ed, Rio de Janeiro, Civilização brasileira, 2014

MARRA, Célia. TOSTA, Sandra. **Violência escolar: Percepção e repercussão no cotidiano da escola.** A Síndrome do medo contemporâneo e a violência na escola/Luiz Alberto Oliveira Gonçalves, Sandra Pereira Tosta (organizadores). Belo Horizonte: Autêntica editora, 2008.

MARCUS, Enzo. **Português suspeito de ajudar em ataques a escolas de SP é apreendido.** Metrôpoles. Publicado em 03/05/2024. Disponível em: <https://www.metropoles.com/sao-paulo/menor-portugues-ligado-ao-massacre-a-escola-de-sapopemba-e-apreendido>

MCGEE, J. P. DEBERNARDO, C. R. **The classroom avenger.** The Forensic Examiner, 8(5), 1-16. 1999.

METRÓPOLES. **Associação de lobby que reúne Facebook, Google e TikTok espalhou que PL das Fake News censura religião.** Colunas Guilherme Amado, Por Edoardo Ghirotto. Publicado em 27/04/2023. Disponível em: <https://www.metropoles.com/colunas/guilherme-amado/associacao-de-lobby-que-reune-facebook-google-e-tiktok-espalhou-que-pl-das-fake-news-censura-religiao>

METRÓPOLES. **Suzano: autores do massacre participavam de fórum virtual extremista.** Publicado em 13/03/2019. Disponível em: <https://www.metropoles.com/brasil/suzano-autores-do-massacre-participavam-de-forum-virtual-extremista>

MINDMINERS. **Videogame é coisa de menino?** Publicado em 25/05/2021. Disponível em: <https://mindminers.com/blog/videogame-estereotipos-games/>

MILLER, W.B. **Lower Class culture as a generating Milieu of gang delinquency.** New York: John Wiley and Sons, 1970.

MOROZOV, Evgeny. **Big Tech: A ascensão dos dados e a morte na política.** São Paulo, Ubu, 2018.

MUSSA, Ivan. **Ódio ao jogo: cripto-fascismo e comunicação anti-lúdica na cultura dos videogames.** LOGOS 52 VOL 26 N 02 PPGCOM UERJ | DOSSIÊ COMUNICAÇÃO, MÍDIA, VIDEOGAMES. 2019.

NASSAUER, Anne. LEGEWIE, Nicolas M. **Análise de dados de vídeo – Como usar o vídeo do século XXI nas ciências sociais.** Los Angeles, CA: SAGE Publications. 2022.

NASSAUER, Anne. **Os caminhos interacionais dos assassinatos em massa: em direção a uma nova compreensão dos tiroteios violentos em escolas.** Wiley Periodicals LLC em nome da Society for the Study of Symbolic Interaction (SSSI).2024.

NEWMAN, Katherine S. FOX, Cybelle. ROTH, Wendy. MEHTA, Jal e HARDING, David. **Rampage: As raízes sociais dos tiroteios em escolas.** Nova York: Basic Books. 2004.

NEXO. **Estudante armado invade escola e mata aluna cadeirante.** Publicado em: 26/09/2022. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/extra/2022/09/26/estudante-armado-invade-escola-e-mata-aluna-cadeirante>

NOBRE, Marcos. **Limites da democracia: De junho de 2013 ao governo Bolsonaro.** 1. Ed. São Paulo: Todavia, 2022.

NOVAES, Regina. **Juventude e Representações sobre Violência no Brasil.** In: CANDAU, Vera Maria (org.). Cultura, Identidade e Formação de Professores: Reflexões e Experiências. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

NÚCLEO DE JORNALISMO DA USP. **Com moderação capenga, culto a assassinos e massacres escolares corre solto no TikTok.** 2022. Disponível em: <https://nucleo.jor.br/reportagem/2023-01-26-culto-a-autores-de-massacres-corre-livreno-jktok/>

OLIVEIRA JÚNIOR, Almir De. **Pensar a constituição da carreira criminosa. Um diálogo entre a sociologia e a educação.** A Síndrome do medo contemporâneo e a violência na escola/Luiz Alberto Oliveira Gonçalves, Sandra Pereira Tosta (organizadores). Belo Horizonte: Autêntica editora, 2008.

OLIVEIRA, Luciana. **O uso desmedido da internet e os impactos na saúde mental.** Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade Pitágoras, como requisito parcial para a obtenção do título em Psicologia. 2022.

O GLOBO, Jornal. **Ex-aluno armado invade escola municipal em Realengo e deixa mortos e feridos.** Publicado em 07/04/2011. Por Fernanda Baldioti, Luiz Ernesto Magalhães, Paulo Roberto Araújo, Rafael Galdo, Simone Candida e Waleska Borges. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/ex-aluno-armado-invade-escola-municipal-em-realengo-deixa-mortos-feridos-2799486>

O GLOBO, Jornal. **'Me misturar com eles é nojento': polícia acredita que atirador de 14 anos que matou aluna cadeirante anunciou massacre em perfil extremista.** Publicado em 26/09/2022. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/noticia/2022/09/me-misturar-com-eles-e-nojento-policia-acredita-que-atirador-de-14-anos-que-matou-aluna-cadeirante-anunciou-massacre-em-perfil-extremista.ghtml>

O GLOBO, Jornal. **Discord: como funciona a polêmica rede social, que já tem mais de 150 milhões de usuários.** 1 de maio de 2023. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/economia/tecnologia/noticia/2023/05/discord-como-funciona-a-polemica-rede-social-que-ja-tem-mais-de-150-milhoes-de-usuarios.ghtml>

PACETE, Luis Gustavo. **Brasil é o terceiro maior consumidor de redes sociais em todo o mundo.** Revista FORBES. 9 de março de 2023. Disponível em: <https://forbes.com.br/forbes-tech/2023/03/brasil-e-o-terceiro-pais-que-mais-consome-redes-sociais-em-todo-o-mundo/>

PAULA, Valderly. **Fracasso escolar: quem são os culpados?** An. Sciencult, v.1, n.1, Paranaíba, 2009.

PESQUISA GAME BRASIL. **Pesquisa Game Brasil 2020 aponta que 73,4% dos brasileiros jogam jogos eletrônicos.** Por Saulo Fernandes, publicado em 04/06/2020. Disponível em: <https://www.gamersegames.com.br/2020/06/04/pesquisa-game-brasil-2020-aponta-que-734-do-brasileiros-jogam-jogos-eletronicos/>

PINOTTI, Fernanda. **Meta atualiza políticas de utilização para usuários no Brasil.** CNN, publicado em 09/01/2025. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/tecnologia/meta-atualiza-politicas-de-uso-para-usuarios-no-brasil/>

PINHEIRO, Ana Paula. PINHEIRO, Fernanda. **O uso do celular em tempos de pandemia: Uma análise da nomofobia entre os jovens.** ReTER, Santa Maria, v.2, n.3. 2021. ISSN:2675-9950

PORTES, Alana. ARAÚJO, Vania. **O mundo apresentado às crianças brasileiras: reflexões arendtianas sobre os ataques contra escolas.** REVISTA PONTO DE VISTA ISSN: 1983-2656 Vol. 12 – n. 2 – 2023

PORTO, Renan. BERNARDO, Jessica. **Exclusivo: mensagens mostram que aluno foi instruído a atacar escola.** Publicado em 28/10/2023. Disponível em: <https://www.metropoles.com/sao-paulo/exclusivo-mensagens-mostram-que-aluno-foi-instruido-a-atacar-escola>

PODER 360. **Violência armada em escolas cresceu 794% em uma década nos EUA.** Fernanda Fonseca 11 de junho de 2023. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/internacional/violencia-armada-em-escolas-cresceu-794-em-uma-decada-nos-eua/>

PORTAL CÂMERA. **Sancionada lei que proíbe o uso de celular em escolas.** Agência Câmara de Notícias. Publicado em 14/01/2025. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/1126717-sancionada-lei-que-proibe-o-uso-de-celular-em->

[escolas/#:~:text=O%20presidente%20da%20Rep%C3%BAblica%2C%20Luiz,e%20intervalo%20entre%20as%20aulas.](#)

PRADO, Michele. **NOTA TÉCNICA 15: Extremismo violento em ambiente escolar.** Monitor do Debate Político no Meio Digital da USP, 28 de março de 2023.

RAMOS, Marília. **Métodos quantitativos e pesquisa em ciências sociais: Lógica e utilidade do uso da quantificação nas explicações dos fenômenos sociais.** Dossiê – Análises quantitativas e indicadores sociais, 2013.

REIS, Abel. **Sociedade.com: Como as tecnologias digitais afetam quem somos e como vivemos.** Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2018.

REBS, R. R.; ERNST, A. **Haters e o discurso de ódio: entendendo a violência em sites de redes sociais.** Diálogo das letras, Pau dos Ferros, v. 06, n. 02, p. 24-44, jul./dez. 2017.

RENNÓ, Lucio. **Bolsonarismo e as eleições de 2022.** Dossiê Eleições • Estud. av. 36 (106) • Sep-Oct, 2022.

RIBEIRO, M. H., BLACKBURN, J., BRADLYN, B., DE CRISTOFARO, E., STRINGHINI, G., LONG, S., & GREENBERG, S. **The Evolution of the Manosphere Across the Web.** Proceedings of the International AAAI Conference on Web and Social Media, 15(1), 196-207. 2021.

RODRIGUES, Gilda. **O bullying nas escolas e o horror a massacres pontuais.** ponto-e-vírgula, 11: 10-21, 2012.

RODRIGUES, Léo. **ES: adolescente usa arma do pai e símbolo nazista em ataque a escolas.** Agência Brasil. Publicado em 25/11/2022. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2022-11/es-adolescente-usa-arma-do-pai-e-simbolo-nazista-em-ataque-escolas>

ROCQUE, Michael. **“Explorando tiroteios violentos em escolas: pesquisa, teoria e política.”** The Social Science Journal 49 (3): 304 – 313. 2012

R7. **Tiroteio em escola primária deixa 19 crianças e 2 adultos mortos no Texas.** Publicado em 24/05/2022. Disponível em: <https://noticias.r7.com/internacional/tiroteio-em-escola-primaria-deixa-19-criancas-e-2-adultos-mortos-no-texas-27062022>

SAFERNET. **Professores compartilham experiências sobre cidadania digital em sala de aula.** Safernet Brasil. Publicado em 09/12/2024. Disponível em: <https://new.safernet.org.br/content/professores-compartilham-experiencias-sobre-cidadania-digital-em-sala-de-aula#>

SANTIAGO, Abinoan. **Vivemos a 'farra das armas' nos EUA? Quais países têm mais civis armados?** 2022. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2022/05/27/ranking-paisesarmas-de-fogo-civis.htm>

SALMAZIO, Camila. **Ataques às escolas: canal do governo recebe quase 10 mil denúncias em 90 dias.** Publicado em 14 de julho de 2023. Disponível em:

<https://www.brasildefato.com.br/2023/07/14/ataques-as-escolas-canal-do-governo-recebe-quase-10-mil-denuncias-em-90-dias>

SALDAÑA, Paulo. **Operação contra ataques a escolas prendeu ou apreendeu 302 pessoas, afirma Dino**. Folha de São Paulo. Publicado em 20 de abril de 2023. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2023/04/operacao-contra-ataques-a-escolas-prendeu-ou-apreendeu-302-pessoas-afirma-dino.shtml>

SCHMIDT, Leide. **A desconhecida dinâmica da escola**. In: RIBAS, M. H. (Org.). Formação de professores: escolas, práticas e saberes. Ponta Grossa: Ed. UEPG, 2005.

SHORE, H. **Artful Dodgers: You thand Crime in Early Nineteenth-Century London**. Royal Historical Society/Boydell Press, 1999.

SILVA, Eugénio Alves. **As metodologias qualitativas de investigação nas Ciências Sociais**, Revista Angolana de Sociologia, 12 | 2013, 77-99.

SILVA, Camila. Monteiro, Paola. Gregori, Isabel. **Os limites entre a liberdade de expressão e o discurso de ódio na mídia atual**. Anais do 4º Congresso Internacional de Direito e Contemporaneidade: mídias e direitos da sociedade em rede, 2017.

SILVA, Ludimila. BORGES, Bento. **Bullying nas escolas**. Direito & Realidade, v.6, n.5, p.27-40/2018.

SILVA, Adriana et.al. **A extrema-direita na atualidade**. Serv. Soc. Soc., São Paulo, n. 119, p. 407-445, jul./set. 2014

SILVA, Rafael. **True Crime Digital: criminosos online assustam mais do que offline**. Innovation Hub. Publicado em 03/07/2024. Disponível em: <https://innovationhubshow.com.br/true-crime-crime-digital-discord-legislacao-lgpd-crimes-na-internet/>

SILVA JÚNIOR, Eugênio Monteiro, KARPINSKI, Cezar, and DUTRA, Moisés Lima. **Conhecimento científico no contexto big data: reflexões a partir da epistemologia de Popper**. Brazilian Journal of Information Science: Research trends, vol. 14, no. 4, set.-dez. 2020

SILVA, Ana. **MPBA implanta ‘Cidadania Digital’ em 12 municípios para uso seguro de tecnologias em ambiente escolar**. Publicado em 12/12/2024. Disponível em: <https://www.mpba.mp.br/noticia/75625#:~:text=O%20Minist%C3%A9rio%20P%C3%BAbli%20da%20Bahia,Digital%2C%20desenvolvido%20pelo%20Centro%20de>

SIQUEIRA, Holgonsi. MEDEIROS, Márcio. **Somos todos ciborgues: aspectos sociopolíticos do desenvolvimento tecnocientífico**. Cultura, Tecnologia e Identidade, vol 8, 2011

SUTHERLAND, Edwin Hardin. **White-collar criminality**. American Sociological Review. Indiana, v. 5, n. 1, p. 1-12, feb. 1940.

SUTHERLAND, Edwin H.; CRESSEY, Donald R.; LUCKENBILL, David F. **Principles of Criminology**. 11ª ed. Lanham: AltaMira Press. 1992.

SCHURIG, S. **Relatório sobre a comunidade brasileira de glorificação de assassinos, atiradores escolares e supremacistas brancos (AAS) nas plataformas TikTok e Twitter**, 2023. Disponível em: <https://legis.senado.leg.br/sdleg-getter/documento/download/f1862483-1337-4f17-a71b-0592c43b9f90>

SOUZA, Gisele. **Qual a rede social mais usada em 2023?** Tech Tudo, 21 de julho de 2023. Disponível em: <https://www.techtudo.com.br/listas/2023/07/qual-a-rede-social-mais-usada-em-2023-a-resposta-vai-te-surpreender-edapps.ghtml>

TOWERS, Shelly, et al. **Contagion in Mass Killings and School Shootings**. PLOS ONE | DOI: 10.1371/journal.pone.0117259 July 2, 2015.

VASCONCELOS, Maria. **Vigilância e o adestramento no “conto de escola” de Machado de Assis**. Cadernos Zygmunt Bauman, vol. 10, num. 24, 2020.

VEJA. **Polícia prende suspeito de ter vendido arma a autor de massacre em Suzano**. Publicado em 10/04/2019. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/brasil/policia-prende-suspeito-de-ter-vendido-arma-a-autor-de-massacre-em-suzano>

VINHA, Telma et.al. **Ataques de violência extrema em escolas no Brasil [livro eletrônico]: causas e caminhos** /Telma Vinha...[et al]. – 1. ed. – São Paulo: D3e, 2023.

VIEIRA, Timoteo. MENDES, Francisco. GUIMARÃES, Leonardo. **De columbine à virgínia tech: reflexões com base empírica sobre um fenômeno em expansão**. *Psicol. Reflex. Crit.* 22 (3) • 2009

WEBER, Max. **Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva**. Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília: São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1999.

YEUNG, Jessie. **Tiroteio em escola do Wisconsin foi o 83º de 2024 nos EUA**. CNN. Publicado em 17/12/2024. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/tiroteio-em-escola-do-wisconsin-foi-o-83o-de-2024-nos-eua/#:~:text=O%20tiroteio%20na%20Abundant%20Life,rastrear%20os%20ataques%2C%20em%202008>.

ZANCHETTA, Diego. TOMAZ, Kleber. **Polícia de SP prende 4º jovem suspeito de estuprar meninas que conheceu no Discord**. Publicado em 26/06/2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2023/06/26/policia-de-sp-prende-4o-jovem-suspeito-de-estuprar-meninas-que-conheceu-no-discord.ghtml>

ZUBOFF, Shoshana. **A era do capitalismo de vigilância**. Rio de Janeiro, intrínseca, 2021.

**ANEXO I – ROTEIRO DE ENTREVISTA COM AGENTES DA SEGURANÇA
PÚBLICA**

1- Para nos conhecermos melhor, qual a sua trajetória profissional?

2-Como profissional, qual a sua opinião sobre o aumento dos casos de ataques em escolas no Brasil?

3- Os grupos nas redes sociais que compartilham conteúdo violento podem contribuir para o acontecimento desses ataques?

4-Como o funcionamento da Polícia Federal tem sido impactado no combate a crimes cibernéticos?

5-O que acha da regulamentação das redes sociais (PL 2630) que está sendo proposta pelo Congresso Brasileiro?

6- O senhor já trabalhou em algum caso de ameaça de um ataque em escola?

7-Outras forças policiais (estadual e municipal) podem contribuir para redução dessa violência?

8- Existem outros mecanismos que a polícia federal poderia utilizar para aumentar a eficiência da prevenção e controle desses crimes?

9- Que papel os pais e professores podem desempenhar para evitar o acontecimento desses casos?

ANEXO II – ROTEIRO DE ENTREVISTA COM DIRETORAS ESCOLARES

1- Qual a sua trajetória profissional?

2- Como é a relação dos alunos com o celular na escola? Existem restrições?

3- Na sua opinião qual é o maior problema que o celular traz para os alunos?

4- Na sua atividade como diretora, a senhora já lidou com casos de bullying? Se sim pode me contar alguns?

5- Já aconteceu do bullying passar a ocorrer pela internet/ redes sociais?

6- Há alguma orientação sobre bullying ou sobre os perigos da internet por parte da escola?

7-Como profissional, qual a sua opinião sobre o aumento dos casos de ataques em escolas no Brasil?

8-A senhora acha que os grupos de ódio nas redes sociais que compartilham conteúdo violento podem contribuir para o acontecimento desses ataques?

9- Que papel os pais e professores podem desempenhar para evitar o acontecimento desses casos?

ANEXO III- QUESTIONÁRIOS COM COMUNIDADES ONLINE

Questionário sobre conteúdo de ódio e violência na internet

Esse questionário se trata de uma pesquisa sobre conteúdos de ódio e violência explícita em redes sociais, ligados também ao recente aumento dos ataques em escolas no Brasil. Pesquisa vinculada a Pós Graduação em Sociologia Política (PPGSP) da Universidade Estadual do Norte Fluminense (UENF).

As respostas são anônimas, sem coletas de nomes ou endereço de e-mail, garantindo a privacidade e o anonimato dos participantes.

Para dúvidas ou informações contacte: violenciaonlinepesquisa@gmail.com

* Indica uma pergunta obrigatória

1- Qual o seu gênero?

Feminino

Masculino

Não binário

Prefiro não dizer

Outro:

2- Qual a sua orientação sexual?

Heterossexual

Homossexual

Bissexual

Panssexual

Assexual

Prefiro não dizer

Outro:

3- Qual a sua cor?

Preto

Pardo

Branco

Indígena

Amarelo

Prefiro não dizer

4- Qual a sua idade?

Sua resposta

5- Qual a sua escolaridade?

Ensino Fundamental

Ensino Médio

Ensino Superior

Pós Graduação

Outro

6- Qual a sua religião?

Católica
Evangélica
Espírita
Umbanda
Candomblé
Ateu
Agnóstico
Não possui
Outro:

7- O que você gosta de fazer no seu tempo livre?

Assistir séries/filmes
Jogar videogames
Praticar esportes
Ler livros
Sair com amigos
Passar o tempo em redes sociais
Conversar online
Outros

8- Quanto tempo você passa usando a internet?

2 a 4h por dia
4 a 6h por dia
6 a 8h por dia
Mais de 8h por dia

9- Quais plataformas você mais utiliza?

Whatsapp
Facebook
X (Twitter)
Instagram
TikTok
Discord
Outro:

10- Você joga algum jogo online?

Sim
Não

10.1- Se sim, quais?

Sua resposta

11- Durante os jogos online você já viu alguém propagando ódio ou formas de agressão?

*

Sim
Não
Não jogo

11.1- Se sim, por favor conte.

Sua resposta

12- Você já encontrou algum conteúdo perturbador ou violento nas redes sociais?*

Sim

Não

Talvez

12.1- Se sim, pode dar exemplos?

Sua resposta

13- Nas redes sociais que você utiliza, com que frequência conteúdos relacionados a violência ou gore(cenas extremamente violentas, com muito sangue) aparecem?

*

Muito frequentemente

Frequentemente

Ocasionalmente

Raramente

Nunca

14- Na sua opinião quais redes sociais possuem maior facilidade de encontrar publicações de imagens fortes?

*

Whatsapp

Facebook

X (Twitter)

Instagram

TikTok

Discord

Outro:

15- Você já se deparou com algum conteúdo violento sobre massacres em escolas?

*

Sim

Não

16- Você já viu alguém falando sobre planejar algum ataque em escola nas redes sociais?*

Sim

Não

16.1 Se sim, pode contar?

Sua resposta

17- Na sua opinião, o ódio na internet e nas redes sociais pode contribuir para o acontecimento desses ataques?

*

Sim

Não

Não sei

18- Você acha que a internet deve ser completamente livre ou ter regras para assuntos de ódio e violência?

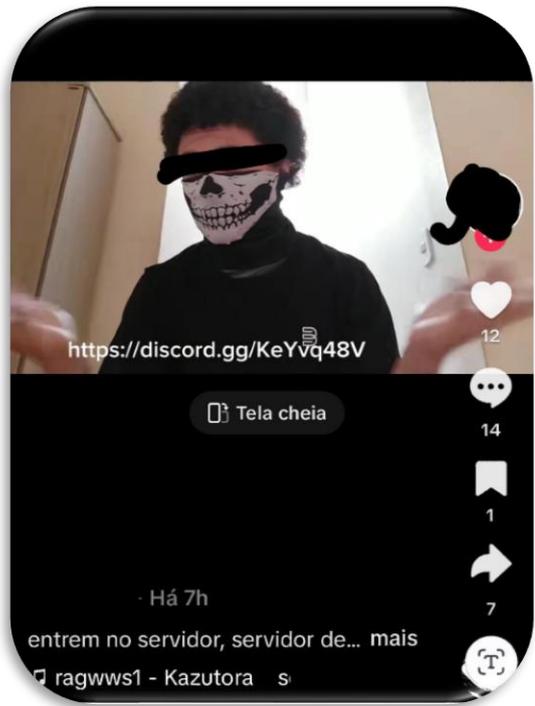
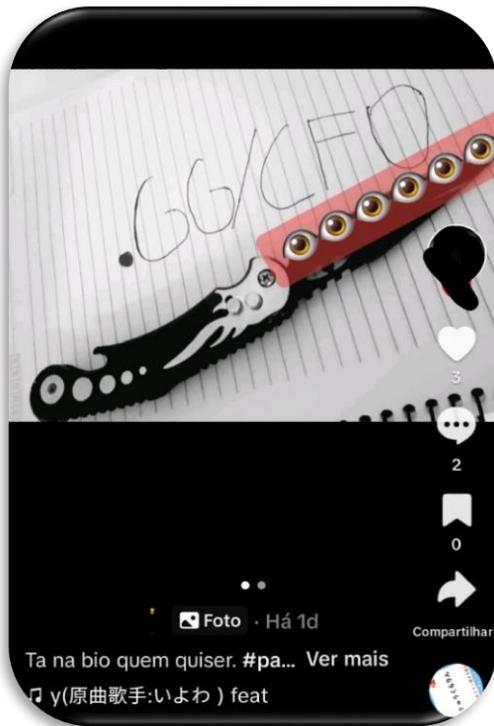
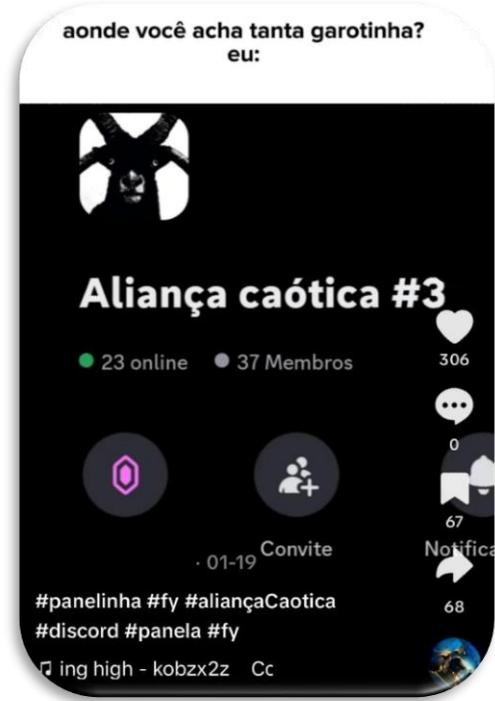
*

Completamente livre

Existir regras para conteúdo violento

Não sei

ANEXO IV – IMAGENS DE COOPTAÇÃO DE MEMBROS PARA GRUPOS DE RADICALIZAÇÃO NO ANO DE 2025



Fonte: Prints do TikTok, 2025

ANEXO V – NOTÍCIAS DE ACONTECIMENTOS DE RADICALIZAÇÃO ONLINE NO ANO DE 2025

Professora é esfaqueada por alunos do 7º ano em escola de Caxias do Sul, diz polícia

Três adolescentes foram apreendidos pela polícia nesta terça (1º), dos quais um foi liberado. Professora sofreu ferimentos leves e não corre risco de morrer.

Fonte: Raí Quadros, G1, 01 de abril de 2025.

POLÍCIA

Jovens tentam invadir escola para matar coordenadora e são detidos em Vila Velha

Um adolescente foi flagrado com uma faca no local

Fonte: Andressa Antunes, Tribuna, 11 de abril de 2025

Polícia apreende adolescente que atirou coquetel molotov em morador de rua no Rio

O caso, que aconteceu na terça-feira 18, foi transmitido ao vivo via plataforma Discord

Fonte: Carta Capital, 21 de fevereiro de 2025

RIO DE JANEIRO • VIOLÊNCIA

Três são presos sob suspeita de planejar transmissão de homicídio de morador de rua

Polícia Civil afirma ter evitado morte que seria divulgada pelo Discord; grupo também fazia dissecação de animais ao vivo na internet, segundo investigação

Fonte: Folha de São Paulo, 20 de abril de 2025